

La Clède, Nicolas de

Historia Geral De Portugal

Bd.: 5

Lisboa 1784

Port. 36 b-5

urn:nbn:de:bvb:12-bsb10779955-6

Port. 36 6

Kilo

contenant Librairie

HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOMO I

5715~

C 1151

HISTORIA
DE
PORTUGAL.

T O M O V.



L I S B O A,

NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

1 7 8 4.

Com Licença da Real Academia das Ciências.

HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOMO V.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL

POR
M.^R DE LA CLEDE.

TRADUZIDA EM VULGAR;

E illustrada com muitas Notas Historicas, Geograficas,
e Criticas; e com algumas Differtações singulares.

TOMO V.

Contém o Interregno de alguns annos, e os Reina-
dos de D. João I. e de D. Duarte.



LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1784.

Com Licença da Real Mesa Censoria.

HISTORIA
GERAL
DE

POR
M. DE
BIBLIOTHECA
REGIA
MONACENSIS
TRAADUZIDA EM VULGAR:

E illustrada com muitas Novas Historias, Geographicas,
e Criticas; e com algumas Distorcões singulares.

TOMO V.

Contem o Interregno de alguns annos, e os Reinos
dos de D. João I. e de D. Duarte.



LISBOA,
NA TYPOGRAPHIA ROLANDIANA.
1784.
Com Licença da Real Mesa Censória.

ARGUMENTO DO LIVRO X.

Em que se contém o Interregno de alguns annos ,
e o Reinado de D. João I.

I NTERREGNO. Prudencia, com que
o Graõ-Mestre governou. Toma El-Rei
de Castella o titulo de Rei de Portugal.
Entra publicamente em Santarem, e mui-
tas Cidades se submettem a elle. Dá or-
dem para o seu exercito marchar em di-
reitura a Lisboa. Combate entre os Por-
tuguezes, e os Hespanhoes. D. Nuno Al-
vares Pereira General Portuguez, e Con-
destavel do Reino derrota os Hespanhoes,
e poem-os em fuga. Cerco de Lisboa. Com-
bate a armada Hespanhola com a Portu-
gueza no rio Téjo. Leva a palma a Portu-
gueza. Vê-se a Cidade reduzida ao maior
aperto, e El-Rei de Castella obrigado a
levantar o cerco. Conspiração, que houve
contra o Regente. Como se descobrio, e o
castigo, que teve. Acclamaõ Rei o Graõ-
Mestre com acordo dos Estados, que se
juntáraõ em Coimbra. Reina com o nome
de D. João I. Hostilidades dos Hespanhoes.
Batalha de Aljubarrota entre os Castelha-
nos, e os Portuguezes, que erãõ inferiores
em

An.de J. C.

1383.

em número. Achão-se nella os dous Mo-
narcas em pessoa. Os Castelhanos forão des-
baratados. Chega ao Porto o Duque de Lan-
castre com intento de ir conquistar Castel-
la, a qual pretendia. Casa D. João com a
Princeza D. Fillippa, filha do Duque de
Lancastre. Continua-se a guerra contra El-
Rei de Castella. Conquistas, que os Por-
tuguezes fizeram em Galliza. Casa o In-
fante de Castella com a filha do Duque de
Lancastre, por consentimento de El-Rei de
Portugal. Tregoa entre os dous Manarcas.
Morre o de Castella, e succede-lhe seu fi-
lho Henrique III.





HISTORIA GERAL DE PORTUGAL.

LIVRO X.

NÃO perdeu de todo o Graõ-Mestre as esperanças de vir algum dia sentar-se sobre o Throno, unico fim a que se dirigiaõ suas acções todas; mas fechava-se com este segredo o mais que podia, para empenhar assim o povo cada vez mais nos seus interesses; visto que os Grandes, depois de terem concorrido para elle ser acclamado o Regente, e Protector do Reino, por honra, e interesse seu, não podiaõ deixar de sustentar o que tinhaõ feito. Como El-Rei de Castella os aborrecia, e
D.

An. de J. C.
1383.

D. Leonor os detestava tanto, não podia tirar d'isso bom partido, se o Graõ-Mestre não contribuisse com sua authoridade; e por esta causa, ainda que quizessem, não podiaõ deixar de unir-se com elle, e interessar-se na sua felicidade. Tomou todavia o Graõ-Mestre conta do Governo, e não querendo obrar, nem emprehender cousa alguma sem prudente conselho, na escolha que fez dos que lho haviaõ de dar, deo mostras de sua grande prudencia, e siso. O primeiro, que poz ao seu lado, foi João de Regras, discipulo de Bartholo, a quem nomeou Chanceller-Mór do Reino: o segundo D. Lourenço, Arcebispo de Braga, e o terceiro D. João Afonso d'Azambuja, Bispo de Coimbra, e logo depois de Lisboa. Todos tres tinhaõ grande noticia das Leis, e costumes do Reino. Nestes desditosos tempos convinha que os negocios estivessem a cargo, e direcção de homens de rara prudencia, e firme resolução de animo. Estas duas partes achou D. João no Chanceller Regras, e nos dous Prelados em grão superior, e delles se compunha o Conselho de Estado.

Presidiaõ no Tribunal da Relação
em

em Lisboa D. João Gil , e Lourenço Esteves , filhos de hum grande homem deste nome , valido d'El-Rei D. Pedro , e Varões igualmente consideraveis , como os que compunhaõ o Conselho de Estado. Compunha-se tambem a Junta dos Despachos de homens sabios , e illustrados , e foi eleito Corregedor do Crime de Lisboa , D. Lopo Martins , célebre Negociante desta Cidade , Varão de capacidade , e prudencia.

Ordenadas assim as cousas , e querendo o Graõ-Mestre entrar a exercer a authoridade , de que se via revestido , mandou publicar por huma Declaração que elle promettia perdoar a todos os malfazejos do Reino , e repartir entre elles os bens dos Portuguezes , que se haviaõ passado para Castella , ou unido com a Rainha , com condição porém de virem alistar-se debaixo das suas bandeiras para com elle defenderem a Patria contra as pretensões , e intentos dos Hespanhoes , ou seguidores da Rainha. Não ficou sem effeito esta Declaração ; pois corrêraõ logo a lançar mão desta graça , que se lhes promettia , hum sem número de homens perdidos de dividas , ou carregados de crimes.

Com

Com elles engrossou sobre-maneira o partido do Graõ-Mestre, e de criminosos que até entaõ eraõ, tornáraõ-se todos Cidadãos uteis pelo zelo, com que expozeraõ suas vidas em defenõ da liberdade do Reino.

A Rainha nunca sahia de Alenquer, cujo governo deo a D. Martim Gonçalves de Attaide; mas depois passou a Santarem, onde estavaõ D. Pedro Alvares Pereira, Prior do Crato, e seu irmão D. Diogo Alvares. Desamparando D. Nuno a Rainha, passou para Lisboa, e o Graõ-Mestre fez eleição delle para hum dos lugares de Conselheiro de Estado. D. Iria Gonçalves, sua Mãe, sahio de Portalegre, e veio procurallo a Lisboa com intento de persuadillo a abraçar outra vez o partido da Rainha. Mas D. Nuno depois de ouvi-la attentamente, provou-lhe com tanta força que elle defendia o que era justo, e bom, que D. Iria, em vez de perseverar em querer desafferrallo do partido do Graõ-Mestre, prometteo-lhe pelo contrario fazer todo o possivel para que seus dous irmãos o seguissem.

Tinha todavia o Graõ-Mestre absoluto poder em Lisboa; e só Affonso

Va-

Valente Governador do Castello era o que recusava obedecer-lhe. Mandou-lhe o Regente dizer por D. Nuno que tivesse conta em fazer o que devia, quando não que na sua presença mandaria tirar a vida a sua mulher, e filhos. D. Nuno teve com elle tal prática, que o persuadio a satisfazer ao Regente, quando a Rainha dentro em quatro horas não o mandasse soccorrer, no que Affonso Valente conveio, e obedeceo.

Ciosos os Grandes da authoridade de D. João, cevavaõ em seu coração hum odio secreto contra elle, e esperavaõ occasião opportuna para dallo a conhecer. Não podiaõ tolerar que elle dispozesse de tudo sem lhe dar parte. A vaidade de hum, e a ambição de outro eraõ parte para tão injusto sentimento. Mas como cobardes sobremaneira para ousar de sahir a campo descoberto, hiaõ-se secreta, e insensivelmente insinuando no animo do Povo para movello a tirar ao Graõ-Mestre toda sua authoridade. Seus espias, gente baixa, que se levava do fordido interesse, e não era capaz de virtude alguma civil, introduziaõ-se com o público, e espalhavaõ por toda a parte a def-

desconfiança , e espirito de discordia. Hum pintava o Infante , como hum ambicioso , que sob pretexto de defender a Patria , não cuidava em outra cousa senão em opprimilla. Outro ousava de dizer mais ; que elle com desprezo da Justiça , e Religião , destruia todas as Leis do Estado para cevar o odio particular , que tinha a Rainha. Em fim fazia toda a diligencia por destruir , ou ao menos por diminuir o conceito , que o Povo fazia delle. Porém estas damadas travessuras secretas , partos da impostura , e baixeza , não foram bastantes para abalar a lealdade do Povo ; antes não se volvia hum só dia , que não fosse affinalado com alguma acção memoravel do Povo a favor do Graõ-Mestre , e as Cidades do Reino vinham todos os dias sobmetter-se a elle , e seguiam o seu partido. Foi Beja huma das primeiras. Achava-se nella o Almirante Lancerotte , o qual querendo oppôr-se a isso , pagou com a vida o indiscreto zelo , que o tinha tão afferrado á Rainha D. Leonor. Evora seguiu o exemplo daquella Cidade , posto que com constrangimento do Governador D. Alvaro Mendes de Oliveira.

Es-

Estes movimentos populares foraõ em pouco tempo origem dos crimes mais horrorosos. O Povo que nunca cessava de ser excessivo tanto para o bem, como para o mal, sob pretexto de defender a liberdade pública contra a tyrannia da Rainha, attropellava com indifferença o sagrado, e o profano. Regia-o hum alfaiate, e hum cabreiro, ambos chamados Anes, e dotados de partes superiores a seu nascimento, e só lhes faltava a hum, e outro principios de virtude, e educação para se constituirem grandes homens. Eraõ ousados, intrepidos, mas crueis, e avarentos. Quem nasce sem virtude deveria nascer sem valentia de animo.

Lavravaõ por toda a parte na Cidade, e nos campos as mortes, roubos, e sacrilegios. Para qualquer ser victima do furor destes miseraveis affaz era proferir o nome de Castella. Todo o Reino seguio o exemplo destes homens. Não havia Provincia, onde não se commettessem abominaveis acções. A Abbadessa do Convento de S. Bento de Castris, que fica fóra de Evora, tiráraõ-a da sua Igreja, apunhaláraõ-a junto aos Altares sagrados, e a seu cadaver deni-

gri-

grirão com tantas infâmias, e taes que o pejo nos obriga a sepultallas em eterno esquecimento, e depois arrastráráo-o a huma praça pública, onde ficou até que de noite algumas pessoas pias vierão buscallo para dar-lhe sepultura. As demais Religiosas salváráo-se na fugida, e escapáráo á infeliz sorte da sua Abbadessa. Todos estes crimes chegavaõ á noticia do Regente, mas as conjecturas actuaes do tempo não lhe davaõ lugar para castigallas.

A Rainha sempre inconsolavel pela morte do Conde Andeiro, e acceza sempre em desejos de vingalla no matador, instava vivamente com El-Rei de Castella, seu genro, para que viesse logo a Portugal fazer-se acclamar, e reconhecer por herdeiro do Reino. Finalmente mandou este Principe fazer levadas de gente com intento de punir os rebeldes (este era o titulo, que dava aos Portuguezes). Os quaes, não desconfiando da Rainha D. Leonor, queriaõ consignar-lhe renda certa para seu patrimonio, mais com intento de espartar o valor do Graõ-Mestre, que algumas vezes fingia affrouxar-se, do que por fazer justiça á mesma Rainha. Era
no

no Graõ-Mestre aquelle fingimento me-
ro artificio. Conhecia elle muito bem
o Povo, que tanto adormece no odio,
como na amizade, e queria por esta
via espertallo de tempos em tempos,
usando de alguns procedimentos não es-
perados, e na apparencia contrarios ao
que o mesmo Povo deseja com mais
ardor.

Por este tempo chegou a Lisboa
hum Eremita chamado Fr. Joaõ, que a
maior parte da vida passára no alto de
hum monte. Seu exterior era simples,
e seus discursos breves, e sentenciosos.
Prégava penitencia, e sobmissão aos
Principes. Todos concorrião a ouvilho.
Por toda a parte voava a sua reputação,
e em breve tempo foi havido por hum
Santo, dotado do dom de profecia.
Este rumor foi insensivelmente lavrando
entre o Povo, sempre curioso, e aman-
te da novidade. Conhecião bellamente
os homens illustrados donde vinha, e
a que fim se dirigia isto; mas o Povo
só devisava neste Eremita hum Profe-
ta, e obrigou-o a profetizar ao Graõ-
Mestre grande fortuna, a fim de arrai-
gallo no empenho, que mostrava a fa-
vor da Pátria. Fallou o Eremita, e pro-
met-

metteo ao Regente os successos mais felizes, e não faltou quem então cresse que por esta via podiaõ forçallo (por assim dizer) a declarar-se mais que nunca Protector do Reino.

Estas travessuras secretas, parto da politica, fostem melhor a inconstancia do Povo, do que os serviços, que se lhe fazem, por mais importantes que sejaõ. Mais poder tem a superstição em seu espirito, do que o reconhecimento em seu coração. Hia por esta via o Graõ-Mestre caminhando a largos passos para o Throno, e seu inimigo, El-Rei de Castella, era o proprio que lhe franqueava o caminho, retendo na prisão o Infante D. João, e D. Diniz. Sobre isto se fizeraõ varias reflexões, que redundáraõ em vantagem do Regente. Parece (dizia-se públicamente) que o Ceo quer arredar do Throno os filhos de D. Ignez, e assentar nelle o Graõ-Mestre, pois detendo-os na prisão o genro de D. Leonor, livra-o dos unicos concorrentes, que legitimamente podiaõ excluillo delle. O Graõ-Mestre para espartar o odio que todos tinhaõ ao Hespanhol, mandou pintar n'hum estandarte os

os dous Infantes prisioneiros , e expollos aos olhos do Povo , que tornando-se furioso com semelhante vista , accendeo-se em ardentissimos desejos de vingança. Lançou D. João logo mão deste primeiro movimento para persuadillo a tomar armas , e marchar á fronteira , a fim de impedir que El-Rei de Castella entrasse em Portugal. Conveio nisso o Povo ; mas os Grandes sempre tardos em resolver-se mostráraõ menos empenho.

Seu estylo de proceder não foi bastante para o Graõ-Mestre deixar de mandar pedir soccorro a El-Rei de Inglaterra , e ao Duque de Lancastre , a quem mandou dizer que lançasse mão desta aberta para verificar os incontestaveis direitos que tinha á Coroa de Castella. Esta importante negociação foi dada a cargo ao Graõ-Mestre da Ordem de Sant-Iago D. Fernando Affonso de Albuquerque , cunhado dos Condes de Barcellos , e de Neiva , irmãos da Rainha , e a Lourenço Annes Fogaça , Chanceller que fora do Reino no tempo do Rei defunto. Ambos desempenháraõ com tanta felicidade a sua embaixada , que pouco tempo depois de sahirem de

Portugal , voltáraõ com dinheiro , e gente.

Preparava-se da sua parte El-Rei de Castella para entrar em Portugal , e porque não houvesse couza , que em sua ausencia podesse perturbar o socego de seus Estados , mandou prender o Conde de Gijon , seu irmão , homem sedicioso , e de ambição , com sua mulher D. Itabel , filha bastarda de El-Rei defunto D. Fernando por causa da correspondencia , que tinhaõ com seus inimigos. Preso o Conde , e entregue ao Arcebispo de Toledo D. Pedro Tenorio para o guardar , mandou El-Rei de Castella ajuntar as armas de Portugal aos seus Estandartes , e querendo dar o posto de Alferes Mór a Vasco Martins de Mello , este antevendo a guerra , que haveria entre a sua Pátria , e Castella , lhe agradeceo a mercê , dizendo-lhe que não queria expôr-se a combater contra hum Paiz , onde nascêra. Este escrupulo não foi tamanho nos outros Portuguezes , que se achavaõ na Corte deste Principe ; pois D. João Furtado de Mendoça aceitou este posto , e foi com o Estandarte Real arvorado pelas

las ruas da Cidade. Levantou-se ao mesmo tempo hum vento tão furioso, que arrancou do Estandarte as armas de Portugal, e logo depois o cavallo de D. João cahio debaixo delle. Estes acasos fortuitos houve como presagios o vulgo; que em certas circumstancias nada contemplamos como indifferente.

Teve El-Rei de Castella hum Conselho extraordinario para deliberar com mais madureza, do que até então, sobre a resolução, que se devia tomar a respeito dos Portuguezes. Porém, os que o compunhaõ, como de ordinario succede, foraõ de diverso parecer sobre este negocio. D. Pedro Fernando de Vasco, e todos quantos tinhaõ encanecido nos negocios do Gabinete, eraõ de parecer que se satisfizesse aos Portuguezes em todos os artigos do ultimo Tratado; que se deixasse a regencia do Reino á Rainha D. Leonor, como estava promettido, em quanto El-Rei não tivesse de D. Beatriz hum filho em idade de poder reinar; em fim que se mandasse Embaixadores a Lisboa, os quaes segurassem ao Povo que se lhe manteriaõ seus direitos, e immunidades. Afisado era este conselho; mas foi

rejeitado com desprezo pela mocidade, que não respirava outra cousa senão guerra. Dizia ella que nas conjuncturas actuaes tanta prudencia degenerava em fraqueza ; que os Portuguezes altivos, e presumidos não deixariaõ de persuadir-se que se lhes tinha medo, e semelhante juizo serviria sómente de confirmallos na rebelliaõ ; e que não convinha dar mais tempo ao Graõ-Mestre de Aviz para engrossar o seu partido fraco, e ainda irresoluto, mas que poderia tornar-se mais tremendo, senão se estancaffem logo, e com tempo os ambiciosos desejos deste Principe. Movido El-Rei mais destas rasões, que das de Valasco, rendeo-se a ellas, resolutto a verificar suas pretensões á força de armas.

Dispostos todos os negocios que respeitavaõ ao governo interior de Castella, passou El-Rei com a Rainha sua Esposa a Placencia, e de lá para a Cidade da Guarda, onde o Bispo, e o Clero o receberaõ com Cruz alçada, e habitos Sacerdotaes. O Povo que no seu Prelado tinha toda a confiança mostrou-se á imitacão d'elle alegre com a chegada de El-Rei de Castella ; mas D.

Al-

Alvaro Gil, Governador do Castello, fechou-lhe as portas delle, e negou-lhe a obediencia. D. Martim Affonso de Mello, irmão do que tão generosamente rejeitára o posto de Alferes Mór, em vez de imitar na firmeza a Alvaro Gil, entregou-lhe vergonhosamente as Villas de Celourico, e Linhares. Este procedimento magoou muito a seu irmão Vasco Martins, que com seu sangue remiria a cobardia de seu irmão; mas para a refarcir de alguma maneira, mandou dizer ao Governador do Castello da Guarda que iria fechar-se com elle, e sepultar-se debaixo das ruinas do Castello para defendello quando El-Rei de Castella o sitiasse.

Naõ foi Martim Affonso de Mello o unico, que faltou á lealdade devida á Pátria. A inveja, que tinhaõ ao Regente, e a esperança de melhor sorte, foraõ parte para alguns Senhores submeterem-se ao Castelhana, e entregar-lhe as Praças, que tinhaõ em seu poder. Estava a ponto de entregar-se ao Monarca Hespanhol o Governador de Trancoso, e Lamego Gonçalo Vasques Coutinho, quando sua Mãe D. Brites de Moura, mulher de virtude, e coragem
fu-

superior ao seu lexo , tendo noticia de
seu intento , veio procurallo , e arre-
dou-o delle com esta prática: „ Vossos
„ antepassados , meu filho , sempre se
„ distinguirão na lealdade , com que
„ sempre fervirão a Patria. Se inten-
„ taes defacreditar , e manchar o nome,
„ que tendes , embebei-me primeiro o
„ punhal no peito ; que eu não quero
„ sobreviver á vossa deshonra. Esco-
„ lhei pois ou a vergonha , ou minha
„ morte. Servi a vossa Pátria , rechaf-
„ fai seus inimigos , ou morrei pelo
„ menos digno de ser meu filho. „ Es-
tas palavras movêrao tanto o coração
de Gonçalo Vasques , que guardou leal-
dade ao seu Paiz.

Achava-se a Rainha D. Leonor em
Santarem , onde sempre estava. Tinha el-
la primeiramente tomado a resolução de
escrever a El-Rei de Castella , para di-
vertillo de entrar em Portugal ; mas pre-
valecendo o desejo da vingança a seus
proprios interesses , mudou de parecer , e
instou efficazmente com seu genro que
viesses a Santarem tratar com ella. Assim
o fez ; mas ao passar por Coimbra , fe-
cheroão-lhe as portas desta Cidade , pos-
to que era então Governador della D.

Gon-

Gonçalo irmão da Rainha. Á sua chegada sahio de Thomar D. Lopo Dias Graõ-Mestre da Ordem de Christo por não vêr-se obrigado a entregar-lhe esta Villa. Em fim chegou o Monarca Hespanhol a Santarem. Não se fallou ahi n'outra cousa mais que em vingança. Era D. Leonor principalmente a que aspirava só ao castigo dos moradores de Lisboa, que nunca cessavaõ de manchar-lhe a reputação, e a de sua filha com injuriosas satyras. Disse El-Rei que antes de entrar a castigar os que ousavaõ de offendella, convinha que ella se despidesse de toda a authoridade, e lha cedesse, porque assim não ficasse aos Portuguezes pretexto algum de desobediencia. A esta proposta esmoreceo em D. Leonor o desejo de vingar-se, e já não lhe parecia bem huma vingança, que lhe havia de custar, não menos que a renúnciação que se lhe pedia.

Entrou todavia El-Rei de Castella publicamente em Santarem. A Rainha sua mulher, e D. Leonor sahíraõ a este acto com todo o lustre, que cerca o Trono, e o Monarca Hespanhol quiz ser o mesmo que levasse a redea da *baquene*, em que hia D. Leonor, e o Infan-

fante D. Carlos de Navarra a da Rainha de Castella. Acabada esta cerimonia, teve logo El-Rei conselho com os Ministros de D. Leonor, e entráráo a expedir-se os negocios com o fello de Castella, e Portugal, com huma inscripção, que dizia: *D. João, Rei de Castella, e de Leão, de Portugal, e de Toledo*. Batteu-se moeda com as armas destes quatro Reinos, e em pouco tempo a maior parte das Cidades reconhecerão a authoridade do Hespanhol, quando o Povo seguia lealmente a do Graõ-Mestre.

Resolveo El-Rei de Castella sitiar Lisboa. Temerosa empreza! Estava a Cidade presidiada de armas, e de gente, e seus moradores resolutos todos a morrer antes, do que a sobmetter-se ao inimigo: Veio com ordem de invadir a Praça D. Pedro Fernando, o Cabeça de Vacca, e trazia mil lanças comfigo. D. Nuno Alvares Pereira, antes que elle chegasse, mandou recolher a Lisboa tudo o que poderia ser util no campo aos Hespanhoes, os quaes vieraõ finalmente postar-se á vista da Cidade. Sahio a huma sortida João Fernando Moreira; suas tropas foraõ rechassadas, e elle perdeu a vida. Quiz o Graõ-Mestre re-

sar-

farcir esta perda dando elle mesmo sobre os inimigos ; o que com effeito fez , e com tanta felicidade , que os desbaratou , e derrotou , pollos em fugida , e foi tal o terror , e espanto , que lavrou entre todos elles , que não se animáraõ a parar sennaõ dentro de Alenquer, e Torres-Vedras.

Entrava já a Villa de Santarem a gemer debaixo da potencia Hespanhola. Seus moradores eraõ por ella despojados de seus bens , lançados no fundo de escuros carceres , opprimidos de injurias , suas mulheres , e filhas violadas , sem que o Monarca se houvesse como obrigado a opprimir licença taõ tyranna.

Vagando por este tempo o posto de Graõ-Rabim de Castella , pediu Dona Leonor a El-Rei para hum Judeo chamado Juda , e D. Beatriz sua filha para outro chamado David. Tinha este sido valido de D. Fernando , e o outro seu thesoureiro. Não fez El-Rei caso do requerimento de D. Leonor , e deo o posto a sua mulher para o Judeo por quem se empenhava. Esta preferencia deixou muito enojada a D. Leonor , que já se hia arrependendo de ter entregado a Vil-

Villa de Santarem a seu genro , e de-
ter-se despido de toda a authoridade a
favor d'elle. Intentou pois sacudir o ju-
go , que ella mesma tomára , e em vez
de sollicitar , como pouco antes fazia ,
a ruina do Graõ-Mestre , dizia publica-
mente que a elle pertencia o Reino , e
que obedecia ás Leis do Estado quem lhe
obedeceffe.

El-Rei de Castella , que a tinha de
maõ , receava pouco do seu odio , e em
vez de cuidar em socegalla , occupava-
se sómente nos meios , de que convinha
valer-se para se assenhorear de Coimbra.
Era Governador perpetuo della D. Gon-
çalo irmão de D. Leonor , o qual tinha
comfigo muitos Cavalheiros Portuguezes
de grande nome , e muito temidos. Cui-
dou El-Rei em acareallos , e por fim
conseguiu delles o prometter-lhe que lhe
entregariaõ a Praça. Nesta certeza par-
tio com a Rainha D. Beatriz. Foraõ adian-
te delles os Portuguezes ; mas depois
de lhes ter mostrado a Cidade por fóra ,
naõ quizeraõ dar-lhe entrada. Enojou-
se tanto o Monarca Hespanhol com ef-
te procedimento , que se tornou con-
tra a Rainha D. Leonor , e mandou-a
ata-

atalaiar de perto , tirando-lhe , por assim dizer , a liberdade.

Indignada D. Beatriz de Castro Dama do Paço , por vêr tratar assim sua Senhora , intentou vingalla. Foi-se para D. Affonso Henriques irmão de D. Pedro Conde de Trastamára , ambos primos d'El-Rei de Castella. Morria D. Affonso por D. Beatriz , e ella que o sabia , disse-lhe : „ Se he que me amaes , boa occasiaõ tendes de dar-me próvas certas disso. Não ignoraes as obrigações, em que estou á Rainha D. Leonor , e bem vedes como aqui a trataõ tão indignamente. Cuidai pois logo em dar-lhe a liberdade , e nesta empresa pode ajudar-vos muito o Conde de Trastamara vosso irmão. Se a conseguirdes , casará com elle a Rainha , fará com que o reconheçaõ como Rei de Portugal , e eu vos darei a mão de esposa. Pensai nisto bem , que só por esta via fereis venturoso.

Não ha para o amor outra obrigação , que não seja a de agradar a quem se ama , e tomando posse da alma , não a deixa capaz para outra cousa. Com esta proposta houve D. Affonso como certa a posse do que tanto amava , e

naõ attendeo a outra cousa ; prometteo tudo o que delle se quiz , e moveo seu irmão a prometter o mesmo. Porém hum Religioso de S. Francisco , que descobrio o conloio , informou o Judeo David , e este deu parte a El-Rei. Sabendo o Conde de Trastamara que tudo se tinha descoberto , fugio para Coimbra , onde foi recebido pelo irmão da Rainha , e os demais foraõ prezos , e perdoados , excepto D. Garcia de Valdez , que entrára neste conloio , e foi rigorosamente castigado. D. Leonor porém negou com grande constancia que naõ queria fugir , nem intentára cousa alguma contra El-Rei seu genro ; mas suas palavras tiveraõ pouca fé , e El-Rei por vêr-se livre das inquietações , em que ella o punha , entregou-a a D. Lopo de Zuniga com ordem para recolhella no Convento de Tordefilhas junto a Valladolid , onde lhe sobejou tempo para lastimar-se , e arrepender-se de ter sido o proprio instrumento da sua ruina. Apenas partio , poz-se a Villa de Alenquer pela parte do Regente , e os Deputados , que lhe mandou , foraõ por elle benignamente recebidos , e com promessa de dar-lhe todo o genero de soc-

cor-

corro quando o Castelhana ousasse de insultallos. Não tinha todavia o Monarca Hespanhol intento algum de inquietar aquella Villa ; pois todo se occupava no sitio de Lisboa , onde tinha os olhos , e havia muito tempo que o meditava. Tanto que se vio livre de sua sogra , resolveo a execuçaõ de seu intento , e deu principio á campanha , persuadido de que a conquista desta Praça traria comfigo o restante do Reino.

Não querendo todavia emprehen-der cousa alguma por seu proprio parecer , ajuntou hum grande Conselho , a que assistirão todos os mais grados do exercito. Diversos foraõ os pareceres sobre esta importante expediçaõ. Huns queriaõ que se dividisse o exercito , e se atacasse aos Portuguezes por todos os lados , e outros inclinavaõ-se ao cerco , e assim se resolveo. Mandou logo El-Rei ordem ao Almirante de Castella para que se fizesse á vela com sua armada para a foz do Téjo , a fim de embaraçar o soccorro , que se houvesse de dar a Cidade por mar.

O exercito marchou por terra , e El-Rei em seu seguimento. Chegando
que

que foi ás visinhanças do sitio da Arruda, encontrárao quarenta Portuguezes, que se entrincheirárao n'hum grande cova com resolução de defender-se, e vender caro sua vida; mas o Monarca, havendo-se com barbaridade nunca ouvida, mandou conduzir lenha para aquelle sitio, e largando-lhe fogo, morrêrao todos miseravelmente.

Informado o Graõ-Mestre da marcha, que trazia o exercito Castelhano, deo todas as providencias necessarias para a defeza de Lisboa, e ao mesmo tempo ordem a D. Nuno Alvares Pereira para partir para o Alentejo, dando-lhe poder para dispôr a seu arbitrio do governo desta Provincia. Naõ approvou Joaõ de Regras a demasiada confiança, que o Graõ-Mestre tinha em D. Nuno por ser ainda muito rapaz; mas elle se houve de maneira, que ninguem teve lugar para arrepender-se da honra, que lhe fizera. Além de muitas Praças, que elle obrigou a reconhecer a authoridade do Graõ-Mestre, levantou duzentas lanças com mil homens de infantaria, e acareou ao partido do Regente a Nobreza principal do Paiz. Logo que voltou deo-lhe o Graõ-Mestre
mos-

mostras authenticas do seu reconhecimento pelo importante serviço , que lhe fizera ; e elle agasalhou , e tratou com tanta honra a Nobreza do Alem-Téjo , que quando tornou a esta Provincia , a mesma Nobreza lhe assegurou , que estava prompta a sacrificar a propria vida , e bens ao seu serviço.

Sahio todavia outra vez a campo D. Nuno Alvares Pereira , e partindo a bom picar para a Villa de Montemór , que balanceava sobre o partido , que devia de tomar , moveo-a a declarar-se a favor do Graõ-Mestre. O mesmo succedeo na Cidade de Evora. Sabendo depois que o Graõ-Mestre da Ordem de Alcantara D. Diogo Gomes de Barrofa , e D. Pedro Alvares Pereira , irmão de D. Nuno , hiaõ sitiar a Villa de Fronteira com hum corpo consideravel de Tropas , marchou para elles com intento de combatellos. Eraõ os Castelhanos superiores em forças , mas os Portuguezes esperavaõ supprir o número delles com seu valor. Representando todavia com a chegada do inimigo ao seu General , que sería temeridade dar contra elles com tanta desigualdade , disse-lhe D. Nuno abrazado em cólera :

„ Eu

„ Eu não quero violentar ninguém : o
„ que peço sómente he que quem me
„ quizer acompanhar passe para a par-
„ te dalém do rio, que temos diante
„ dos olhos. Fiquem os outros aqui, e
„ desta maneira virei a conhecer o va-
„ lor dos que devem de participar co-
„ migo da gloria, que nos espera. Di-
„ zeis que nossos inimigos são superio-
„ res ; mas nós com a vantagem do
„ valor temos a de combater pela nossa
„ Pátria. „ Dito isto parte a bom pi-
car, passa o rio, e todos o seguem, me-
nos huns poucos, em quem o temor
do perigo triunfou da honra.

A poucos passos encontráráo os ini-
migos. Formárao-se em batalha, e D.
Nuno montado n'hum mulo, corre a
animar a cada hum dos seus, salta de-
pois a terra, e marcha na frente da In-
fantaria a atacar o inimigo. Chovem so-
bre elle as pedras, e os tiros, que lhe
atírao os Castelhanos, e trava-se logo a
peleija. Todos diriaõ que os Portugue-
zes infallivelmente ficariaõ desbaratados;
mas depois de hum aturado, e bem fe-
rido combate, atterrados os Castelha-
nos com o número dos mórtos, fugí-
raõ, e deixáraõ o campo da batalha a
seus

seus inimigos. Parte dos Fidalgos Castelhanos , que se achavaõ no exercito , perdêraõ a vida , ou ficáraõ com perigosas feridas , e no número destes entrava o irmão de D. Nuno. Ganhada esta batalha , que chamáraõ de Atoleiros , nome do campo , onde fora dada , foi D. Nuno sitiar Arronches , e rendeo-a. Com a sua chegada rendeo-se tambem Alegrette , e outras muitas Villas , que seguíraõ seu exemplo.

Tudo tremia á chegada de D. Nuno. Achava-se em Villa Viçosa Garcia Peres do Campo , da Ordem de Aviz , que a governava por ordem do Castelhana. Mandou-lhe D. Nuno que se rendesse , e levou-lhe esta ordem o Commendador Porcallo , homem sedicioso , e inconstante , que seguia ora hum , ora outro partido , sem outra razão , que não fosse a de satisfazer o seu genio inconstante. Foi em sua companhia D. Alvaro Gonçalves Coitado , que além de ser valente , mostrava verdadeiro zelo em servir o seu Paiz. Vieraõ ambos para Villa Viçosa , e movêraõ-a a seguir o partido do Regente. D. Alvaro Gonçalves todo o tempo que esteve nesta Villa , liou-se com Pedro Rodrigues Governador do

Alandroal, e ambos foraõ dar huma corrida em Castella, e apanhãrãõ duas mil cabeças de gado grosso, pertencentes a D. Garcia Gonçalves de Grijalva.

Em sua ausencia o Commendador Porcallo, que ficára em Villa Viçosa, manteve alguma correspondencia com D. Pedro Rodrigues da Fonseca, cujo merecimento era igual ao seu nascimento, o qual governava em Olivença por ordem de El-Rei de Hespanha. Conloiaõ-se ambos para entregar a este Monarca a Villa de Villa-Viçosa, e tiralla ao Commendador Coitado. E Para que este conloio tivesse melhor effeito fingio D. Pedro Rodrigues que se desamparava o partido do Monarca Castelhana, e foi buscar o Graõ-Mestre, do qual foi bem recebido, e depois passou a Villa-Viçosa, onde apenas chegou, convidou logo para cear o Commendador Coitado, sua mulher, e filhos. Este, que não suspeitava a traiçaõ, que se lhe armava, veio a Casa de D. Pedro Rodrigues, onde tudo se tinha disposto de maneira, que foi preso, e lançado n'hum carcere com sua mulher, e filhos, e o Commendador Porcallo com

com D. Pedro fizeraõ depois disto , com que a Villa se declarasse a favor de El-Rei de Castella , a quem deraõ logo parte disso , e da prisaõ do Commendador Coitado. O Monarca, que estimava mais a prisaõ deste , do que o ter adquirido aquella villa , mandou logo que fosse remettido a Olivença. Informado D. Nuno desta ordem , encarregou a D. Pedro Rodrigues que o libertasse. O qual emboscando-se no caminho de Villa-Viçosa para Olivença com desasseis cavalleiros , todos de experimentado valor , apenas hia chegando o Commendador Coitado , deraõ sobre a escorta , que o guiava , e que constava de cento e sincoenta homens , desbaratáraõ-a , e leváraõ em triunfo o Commendador , e sua familia.

Ao mesmo tempo que em terra havia de parte a parte estas brigas , chegou finalmente a armada Castelhana á fóz do Tejo. Mandou logo o Graõ-Mestre esquipar os navios , que estavaõ no porto , deixando-o a cargo de D. Lourenço Arcebispo de Braga. Este Prelado com hum Rosario n'huma maõ , e huma lança na outra , corria de estaleiro em estaleiro , exhortando huns,

e obrigando outros a trabalhar no armamento dos navios. Quando algum se escusava por ser Clerigo ; dizia elle , tambem eu , mas trabalho ; e se algum dizia que era Religioso , e eu Arcebispo , instava elle , e o Papa , quando he necessario , toma tambem armas , e he mais que nós todos. O bem do Reino não admitte differença nos estados ; todos somos iguaes , quando se trata de defendello. Finalmente feu disvelo , e cuidado foi tamanho , que em pouco tempo se pozeraõ em estado de fazer-se á vela doze náos , algumas Galeotas , e sete navios , capitaneando estes , e aquellas D. Gonçalo Rodrigues de Sousa , Governador de Monçarás.

1384. Era todavia El-Rei de Castella chegado á vista de Lisboa , e tinha destribuido suas Tropas pelos lugares circumvisinhos. Alguns soldados , que se avinháraõ á Cidade entráraõ a dizer coufas muito injuriosas aos moradores della , de maneira que estes deraõ sobre elles , matáraõ muitos , e cativáraõ a D. João Rodrigues de Orellano , o mais valente homem do seu tempo , e o prendêraõ no Castello de Lisboa. O Graõ-Mestre que não admirava mais a virtude

de naquelles , que por obrigação , e amizade o serviaõ , do que em seus inimigos , tratou-o com toda a benignidade , e mandou-lhe alguns de seus vestidos ; graça particular , que naquelle tempo se fazia. Naõ era assim El-Rei de Castella ; que sem obrar com aquella politica , que convém a hum Principe , que se quer estabelecer n'hum Reino estranho , tratava indignamente os Portuguezes , que cativava ; o que foi para o acabarem de aborrecer mortalmente.

No fim de Maio entrou no Téjo a armada Castelhana , e El-Rei avisinhoulhe a Lisboa com todo o seu exercito , e assentou campo junto ao Monte Olivette , donde dispôz a Campanha. O Graõ-Mestre mandou fazer huma fortida debaixo das Ordens de Fernão Pereira , irmão de D. Nuno ; de D. Martim Affonso de Charneca , homem de grande erudição , e que andando o tempo veio a ser Arcebispo de Braga ; de D. João Lourenço da Cunha , o mesmo que tinha sido casado a primeira vez com a Rainha D. Leonor ; de D. João Affonso de Beça ; de Paulo Martim , Gascaõ de nascimento ; e de outros Of-
fi-

ficiaes, todos valentes, e todos aborrecedores dos Castelhanos. Não fez El-Rei de Hespanha caso do seu pouco número; mas vendo depois que os seus se intimidavaõ, armou-se elle mesmo, e marchou na frente do seu exercito a rechassar os Portuguezes. Assim foi necessario pôr-se em movimento hum exercito todo para hum pequeno número de homens, que tomáraõ a resolução de retirar-se com a chegada dos inimigos. Estava o Graõ-Mestre á mirado alto de huma torre, e observando o que se passava, desceo á porta, mandou-a fechar, gritando aos seus que era cousa vergonhosa entrarem sem haver combatido. Movidos entaõ do estímulo da honra, fazem cara aos Castelhanos, postaõ-se em lugar vantajoso, experimentaõ a força do exercito inimigo, sustentaõ seus ataques, sem que estes pudessem destroçallos, e por fim obrigaõ-os a deixallos entrar outra vez na Cidade sem mais perda que a de quatro homens.

Invadio por fim El-Rei a Praça em fórma, e tomou quartel. Achava-se a Cidade bem fornecida, e os que estavaõ nella, com resolução de morrer
an-

antes , do que render-se. Em quanto os atacavaõ com vigor , e elles se defendiaõ da mesma maneira , tomou Lopo Dias de Souza , Graõ-Mestre da Ordem de Christo a Villa de Ourem , e prisionou dous filhos do Conde de Barcellos, D. Diogo Gomes Pacheco , que tinha voltado para Portugal , tomou Almada com o soccorro de seus filhos D. João , e D. Fernando , tendo entaõ de idade oitenta annos. Pouco tempo depois ficou prisioneiro entre os Castelhanos ; e querendo o Graõ-Mestre entregar Orellano por elle , houve quem quizesse divertillo disso , representando-lhe que D. Diogo pela sua idade já não estava capaz de servir , e Orellano pelo contrario , quando lhe dêsse a liberdade , podia fazer-lhe mal por ser moço , e valente. Eu não temo , respondeo a isto o Graõ-Mestre , a valentia de Orellano ; mas devo reconhecer os serviços que D. Diogo me tem feito , procurando-lhe a liberdade. Quanto mais que desta maneira acarearei tres fieis vassallos , que saõ seus tres filhos , todos tres valentes , e virtuosos.

Sitiava El-Rei de Castella a Cidade de Lisboa , quando D. João Manrique,
Ar-

Arcebispo de Sant-Iago, Lopo Gomes de Lira, João Rodrigues Porto Carreiro, Fernando, e Aires Gomes da Silva, com algumas Tropas de Galliza, por todos elles capitaneadas, deraõ sobre a Provincia d'Entre-Douro e Minho, e inteiramente a assoláraõ. Fernando Gomes de Camora, homem que nascêra, e se creára na guerra, interessava-se muito pouco no bem do Principe, e muito no seu. Tinha assoldadados oitocentos Cavallos, aos quaes mantinha dos roubos, que fazia nesta Provincia. Quando encontrava algum partido Portuguez mais forte que o seu, dizia que era Portuguez, e Castelhana, quando os Castelhanos eraõ mais fortes, que elle. Encontrou-o hum dia o Conde de Trastamara, que como fica dito, tinha deixado a Corte de Castella por causa da Rainha D. Leonor, cativou-o, e remetteo-o para Lisboa nas Galeras, que a Cidade do Porto mandava em soccorro do Graõ-Mestre.

Conservava-se na posse de Coimbra o Conde D. Gonçalo irmão da Rainha D. Leonor, não obstante o ter negado a entrada nella a El-Rei de Hespanha, a quem não era menos afeiçãoado que ao
de

de Portugal. Esperava elle que a fortuna decidisse entre o Castelhana, e elle para poder assim tomar partido. Era a Praça todavia importante, e o Graõ-Mestre tinha fortes desejos de possuilla. Mandou offerecer ao Conde Gonçalo o posto de General da Armada, que havia de partir para Lisboa, com condição de lha entregar. Respondeo a isso D. Gonçalo que não tinha dúvida em fazello, com tanto que além do posto de General lhe desse as terras, que foraõ do dominio da Rainha sua irmã. Estavaõ estas terras dadas a D. Nuno Alvares Pereira. Informado este do que se passava, renunciou-as logo a seu favor, dizendo demais disso que de boa vontade renunciaria o resto dos bens, que lhe ficavaõ, quando fosse util ao Estado, e ao seu Principe. Não foi bastante este desinteresse para mover o Conde D. Gonçalo, o qual aceitou as terras, e o posto de General. Estando a ponto de partir com as Galeras, D. Nuno, que tinha passado áquellas partes a tratar de varios negocios, mandou-lhe dizer que o esperasse para voltar com elle a Lisboa. Mas D. Gonçalo, persuadido de que se travaria com a armada Hespanho-

nhola , partio só , temendo que não se lhe attribuisse toda a honra da victoria, quando chegasse a combater , e levar a palma. Veio D. Nuno por terra a Lisboa. Ao passar por Coimbra quiz a mulher de Dom Henrique Manoel mandallo prender para castigallo pela ruina , que fizera nas terras de seu marido ; mas D. Nuno soube livrar-se de seus embustes.

Chegou á noticia dos Castelhanos que era partida a armada Portugueza da Cidade do Porto , e fizeram logo conselho para resolver , se a Castelhana devia de atacalla depois de ter entrado no Tejo , ou no mar largo. Fallando a El-Rei, D. Fernando de Vellasco , homem sisudo, disse : „ Deliberaes , Senhor , sobre o „ lugar , que se ha de escolher para combater o inimigo , mas não procederia „ melhor com a razão o deliberar se „ he conveniente combatello ? Tudo o „ que depende da fortuna , está sempre sujeito a grandes inconvenientes. „ A victoria he incerta , porém no mar „ muito mais , que em terra , e como „ estamos com maiores forças nesta , „ do que naquella , devemos lançar „ mão disso sem aventurar-nos a perder

„ a vantagem , em que nos achamos,
„ A melhor Milicia Portugueza está to-
„ da embarcada na sua armada. Se for-
„ mos vencidos por mar , virão os ini-
„ migos , mais ousados com a victoria,
„ insultar-vos aqui mesmo no vosso acam-
„ pamento. O desbarato dos Portugue-
„ zes pelo mar nem por isso vos ha de
„ ser mais vantajoso. As melhores Pra-
„ ças Portuguezas , as Fortalezas , e
„ Castellos estão a cargo dos Pais , ou
„ dos filhos daquelles , que estão em-
„ barcados ; se estes vos morrerem ás
„ mãos , os que lhes sobreviverem tor-
„ nar-se-hão mais ardentes no odio ,
„ que nos tem. O Rei , que quer con-
„ quistar hum Reino , deve de cuidar
„ unicamente em ganhar os corações ,
„ e não em irritar os espiritos. A paz ,
„ e tranquillidade de hum Estado depen-
„ dem mais do amor , que os Vassallos
„ tem ao Principe , do que do seu po-
„ der. Além de que quando todas estas
„ razões não bastem , he de advertir que
„ todos quantos vem na armada não
„ tem horror á morte , e o desprezo
„ desta , que passa a huma especie de
„ desesperação , he muito temeroso.
„ Não se póde combater sem manifest-
„ to

„ to perigo , quando se olha com in-
„ differença assim para a victoria , co-
„ mo para a morte. Assim concluo com
„ dizer que he conveniente evitar o
„ combate , cujas consequencias pôdem
„ ser arriscadas , quando fiquemos ven-
„ cidos , e pouco uteis , quando victo-
„ riosos : e o que entendo que se deve
„ fazer he procurar que o Graõ-Mestre
„ de Aviz , e os Portuguezes cumprão
„ o que devem , offerecendo-se lhes para
„ isso algum partido vantajoso para huns,
„ e outros. „

Desprezando El-Rei este conselho
respondeo que não lhe convinha fazer
proposições de paz ao Graõ-Mestre , nem
ouvir as que se lhe poderiaõ fazer da sua
parte. Foi pois acordado que se com-
bateffe no rio , e deste parecer eraõ o Al-
mirante Tovar , e os Capitães das Ga-
leras. A armada Portugueza veio para
a barra , e de noite partio hum barco
para Lisboa a buscar as ordens do Graõ-
Mestre , e nelle João Ramalho , rico
Mercador do Porto , com esta comis-
saõ. Divulgada na Cidade esta noticia ,
correo logo o Povo cheio de alegria
às Igrejas , para implorar a protecção do
Ceo em beneficio da armada. Mandou
to.

todavia o Graõ-Mestre alguns bateis , que guiassem a armada , a qual entrou finalmente no rio por esta ordem. Vinhaõ na vanguarda , que se compunha de cinco vélas , Rui Pereira , Alvaro Pires de Castro , Joaõ Gomes da Silva , Aires Gonçalves de Figueiredo , e Pedro Lourenço de Tavora. Seguiaõ-se immediatamente tras delles defassete galeras , e tras destas o resto da armada , que constava de doze vélas.

Mais numerosa era a armada Castelhana. Que aproveitando-se desta vantagem quiz cercar a Portugueza , e esta por todos os lados , lhe fez cara. Bem aturado foi , e bem ferido o combate. Rui Pereira fez prodigios de valor ; mas levantando desgraçadamente a viseira do capacete para respirar , foi ferido de huma flecha , e logo morreo. Assim acabou a vida hum dos homens valentes do seu seculo combatendo valerosamente pela Patria. Em fim rompeo a armada Portugueza por entre a inimiga , e entrou no porto de Lisboa com muitos vivas do Povo , excepto tres Galeras , que foraõ tomadas no combate.

Mandou El-Rei de Castella vir á
sua

sua presença alguns dos principaes prisioneiros. Foi hum delles Rodrigo Leitaõ, a quem o Principe agasalhou com bastante affabilidade. Estando a fallar com elle, chegou a Rainha, e Rodrigo Leitaõ depois de lhe fazer huma profunda reverencia beijou-lhe a mão. Vendo-o El-Rei prostrar-se, disse para a Rainha: „ Senhora, este respeito he bem „ sincero da parte de hum vassallo, que „ agora acaba de largar as armas, que „ tomou para vos tirar o vosso Reino; bem merecedor seria de se lhe „ mandar cortar os labios, com que „ agora vos tocou nas mãos. „ Rodrigo Leitaõ respondeo a estas palavras com toda a ousadia, dizendo: „ Os nossos „ Soberanos não nos costumão fallar „ assim; e demais disso a guerra he justa. Faltastes ás condições dos tratados, que fizemos com vosco a respeito da successão deste Reino; e „ desta maneira perdestes todos os direitos, que a elle tinheis. „ Ouvindo esta ousada resposta D. Fernando Velasco, e outros Cortezãos já velhos, voltáram-se para El-Rei, e com admiravel liberdade lhe disserão: „ O mesmo que „ agora se vos diz, Senhor, he o que „ tan-

„ tantas vezes vos dissemos, sem que
„ fizesseis caso dos nossos conselhos.
„ Seguistes o de huma mulher arreba-
„ tada, pouco versada nos negocios,
„ e escrava de suas paixões. Hoje esta-
„ ríeis socegado nos vossos Estados, e
„ daríeis Leis aos Portuguezes, se at-
„ tendesseis ao que vos diziamos, e a
„ justiça, e equidade nos dictavaõ. „ Cal-
„ láraõ-se os Portuguezes, e El-Rei com
elles conhecendo muito bem a razão que
todos tinhaõ.

Augmentou-se a armada Hespanhola
com nove navios de guerra, de sorte
que veio a compor-se de mais de ses-
senta navios, de sessete galeras, e outras
muitas embarcações consideraveis. Pre-
tendia o Graõ-Mestre combatella para
tornar livre o commercio de Lisboa;
porém mudou de parecer com a chega-
da dos nove navios, e cuidou só na de-
fensão do Porto, e da Cidade.

Faltou agua aos Portuguezes, que
se tinhaõ feito fortes na Fortaleza de Al-
mada, e viraõ-se obrigados a render-se
aos Castelhanos. O sitio de Lisboa hia
sempre continuando com o mesmo ar-
dor, e o mesmo era com o de Almada,
servindo a perda da Fortaleza de reani-
mar

mar o valor dos moradores da Villa. Muito tempo havia que se trabalhava n' huma mina, e tendo os Portuguezes noticia disso, contramináraõ-a. Encontráraõ-se os mineiros; e os da Villa apunhaláraõ os dos inimigos com o Engenheiro, que os regia. Ordenou El-Rei que se tomasse a Villa de assalto, e Rui Sarmiento com João Rodrigues Castanheda tomáraõ a seu cargo a direcção dos ataques, que os moradores sustentáraõ com muito vigor. Devisáraõ-se de Lisboa muitos fôgos accesos sobre os parapeitos, e entendêraõ todos que se pedia soccorro. Mandou logo o Graõ-Mestre que partisse hum barco carregado de armas, que foi tomado pelos Castelhanos. Achava-se em Lisboa hum homem de Almada, que se offereceo a passar a nado para esta Villa, posto que o rio nesta paragem tem mais de huma legua de largo. Seis vezes fez isto, e da ultima ordenou-lhe o Graõ-Mestre que dissesse aos moradores da Villa que se entregassem; porque era impossivel soccorrellos, e antes queria que se rendessem, do que vellos morrer de fome, e miseria. Obedecêraõ elles, e ao pri-

primeiro de Agosto entrou El-Rei de Castella na Villa.

Estava Lisboa a ponto de perder-se por huma traição. Era D. Pedro de Castro, filho do Conde Alvaro Pires, empenhado a entregar ao inimigo todo o quartel da Cidade, que hia desde o postigo de Santo André até á porta dos Agostinhos, e entrava neste conloio D. Lourenço da Cunha. Cahindo enfermo, e estando em perigo de vida, descobrio a conjuração a seu Confessor. O qual informou a Rui Freire filho do Graõ-Mestre da Ordem de Christo, e este ao Regente. Estava determinado entregar-se a Praça no dia da Assumpção de Nossa Senhora a 15 de Agosto, e acordado o fazer-se final com hum archote. Forão prezos D. Pedro, e seus complices; estes desterrados da Cidade, e aquelle lançado n'hum carcere. Havia o Povo que este castigo era pouco para o que elle merecia, e queriaõ fazello em pedaços; mas o Graõ-Mestre entendeo que era politica sua salvar-lhe a vida. Poucos dias depois sahio de Lisboa D. Affonso Henriques, irmão do Conde de Trastamara, o mesmo que se empenhára a libertar a Rainha D. Leonor em Santarem, e foi-

se entregar a El-Rei de Castella. Com o andar do tempo veio depois a ser o Almirante do Reino.

Hia-se todavia demorando muito o cerco de Lisboa, e já a fome entrava a lavrar. Em igual situação, se via o exercito Castelhana. Opprimido das fadigas, e vigílias, e affaz affracado com a deserção de muitos, e falta dos que morrêraõ nos ataques, que se tinhaõ dado, veio finalmente para maior desgraça a vêr-se affalteado de hum contagio, que lhe consummia de dia em dia muita gente. Fez El-Rei nesta occasião hum Conselho, no qual D. Velasco, e Alvaro Pereira irmão de D. Nuno, que seguia os seus Estandartes, lhe persuadíraõ que não havia para tomar outra resolução, que procedesse melhor com a razão, do que a de propôr-se ao Graõ-Mestre a accommodação. Quiz porém Alvaro Pereira que antes disso se cuidasse em malquistar com o Graõ-Mestre seu irmão, que governava a Provincia do Alem-Téjo. Para este effeito escreveo-lhe huma carta, na qual lhe dizia que estando o Graõ-Mestre para accommodar-se com El-Rei de Castella, não devia elle esperar esta accommodação para vir-

vir-se entregar elle mesmo a El-Rei. A isto , e a tudo o mais , que dizia na sua carta , que era extensa , não deo D. Nuno outra resposta mais que esta. „ Eu „ sei o que tenho no Regente , o qual „ nunca fará cousa , que possa offen- „ der a sua honra. Quanto ao mais não „ posso deixar de admirar-me ; pois „ ainda bem não tivestes tempo de re- „ conhecer-vos entre os Castelhanos , „ já estaes todavia tão instruido como „ elles na arte de enganar. „

Dada esta resposta ao Prior seu irmão , resolveo D. Nuno ir a Lisboa a vêr o Graõ-Mestre. Para isto era necessario atravessar o rio , e passar por entre a armada Castelhana. Representoulhe hum de seus criados que não devia expôr-se a tamanho risco , visto ter sonhado aquella noite , que ficava prisioneiro. Não fazia D. Nuno caso algum de sonhos , e seu valor era maior , quando encontrava obstaculos. Passar por entre a armada Castelhana era para elle huma acção digna da grandeza de sua alma. Embarcou-se pois em dous bateis ao som de trombetas , e mandou remar para Lisboa , onde chegou com felicidade. Ahi se demorou só quanto era

bastante para receber as ordens do Graõ-Mestre, e voltou para Evora, donde se passou para Portel. Governava esta Villa por nomeação d'El-Rei de Castella D. Fernando Gonçaves de Sousa, e descontentes os seus moradores do governo rendêraõ-se a D. Nuno. Retirou-se D. Fernando ao Castello, o qual entregou logo, depois de salvar a vida, e bagagens. Alegrou-se muito D. Nuno com a conquista desta Praça, importante pelas utilidades, que della se podia tirar durante a guerra.

Depois desta expedição intentou lançar de Villaviçosa o traidor Porcallo. E julgando que seus moradores fariaõ o mesmo que os de Portel, avisinhou-se ás muralhas; mas vio-se obrigado a arredar-se logo dellas, porque choviaõ sobre elle, e os seus as pedras, e as flechas. Nesta occasião morreo D. Fernando Pereira seu irmão, quasi a seu lado, do tiro de huma flecha, e adiantando-se mais que os outros o Commendador Coitado ficou prisioneiro; vendo-se finalmente D. Nuno obrigado a retirar-se para Estremoz a fim de deixar descansar os seus soldados.

Sahio de Lisboa o Graõ-Mestre com
in-

intento de animar com sua presença as outras Cidades do Reino, que se tinham declarado por elle; e depois de ter dado as ordens necessarias para manter nellas a tranquillidade pública, quiz tentar o cerco de Torres-Vedras, antes de voltar para Lisboa, com as Tropas que trazia com si, a fim de divertir o exercito Castelhano. D. Pedro Sarmiento, Vasco Pires de Camões, João Gonçalves, e outros muitos levantárao hum corpo de exercito com intento de ir dar sobre elle de supito; mas tendo D. Nuno noticia disso, mandou dizer ao Graõ-Mestre que se acautelasse, e elle mesmo foi depois buscallo com setenta lanças, e com sua chegada embaraçou o ataque dos inimigos. Defendiaõ-se os moradores de Torres-Vedras com grande viveza: o sitio hia-se demorando, e a presença do Rei era necessaria em Lisboa. Estas razões o movêrao a levantar o cerco, e na volta para esta Cidade apoderou-se dos lugares de Alcobaça. D. Nuno, que o acompanhava, commovido das supplicas de hum cego, que os moradores daquelles lugares tinhaõ desamparado, quando fugiraõ, tomou-o por hum braço,

ço, e guiou-o a hum lugar, onde escapou aos insultos da Soldadesca.

Seguiu o Graõ-Mestre o caminho de Lisboa, e D. Nuno o de Evora. Pouco tempo se demorou nesta Cidade, e deseioso da gloria, e muito mais de vêr sua Pátria livre de oppressão, sahio outra vez a campo. Entre Penella, e Santarem encontrou cem Andaluzes, havidos pelos melhores soldados de Hespanha; foi-se a elles, matou huns poucos, e presionou os outros. A esta acção se seguiu a tomada de Monçaraz, que elle tomou aos inimigos por astucia. Mandou pastar n'hum valle visinho a esta Praça huma porção de gado; tendo por certo que o Governador Gonçalo Rodrigues de Souza, o qual deixou o partido do Regente para seguir o de El-Rei de Castella, mandaria recolher este gado, deixando abertas as pórtas da Villa para elle entrar. Assi succedeo; e D. Nuno apenas sahíraõ da Villa os que hiaõ buscar o gado, estando já longe, sahio da emboscada, em que estava; e entrou na Villa sem o menor obstaculo.

Pouco tempo havia que D. Joaõ Rodrigues de Castanheda tinha dado hum

hum affalto ao Territorio de Elvas com bastante felicidade. Os homens medianos em pouco se enlevaõ. Cuidou D. João que era o melhor Capitaõ do seu tempo , e voltando para Badajoz , não havia lugar , onde se achasse , que não dissesse a todos que hia buscar a D. Nuno para combatello , e punillo da sua rebelliaõ. Chegou esta noticia ás orelhas do Portuguez , o qual partio logo em seguimento de D. João , e travando-se com elle , abateo-lhe a soberba , de maneira que voltou para Badajoz muito envergonhado do seu desbarato , quando D. Nuno taõ pouco caso fez desta victoria.

Estando em Evora mandou-lhe dizer o Graõ-Mestre que o Prior D. Alvaro , seu irmão , Pedro Sarmiento , D. João Rodrigues de Castanheda , e João de Gusmaõ , Conde de Niebla , e D. Martim Anes de Barbuda se dispunhaõ para ir destruir o campo de Ourique. Ajuntou D. Nuno obra de quinhentos e trinta cavallos , e sinco mil homens de infantaria , e foi ao encontro delles. Topou-os entre Vimieiro , e Arraiolos : eraõ tres mil cavallos , e a infantaria proporcionada. Cuidou D. Pedro Sarmen-

mento fer chegada a occasião de vingar-se de D. Nuno. Porém em attenção a D. Alvaro, seu irmão, escreveo-lhe huma Carta antes de entrar-se ao combate, e nella lhe dava de conselho, que visto não poder escapar-lhe ás mãos, se rendesse amigavelmente, pois lhe segurava o perdão da parte do Rei. Não lhe deo mais resposta D. Nuno, senão que depois de ter combatido então veria o que havia de fazer. Entra-se em combate; ficárao vencidos os Castelhanos, e fugírao, e as Villas de Arraiolos, e Vimieiro com esta victoria reduzidas a fazer o que deviaõ.

Buscou D. Nuno depois disto a Rocha de Palmella, e dahi foi a Almada, para onde se tinhaõ retirado Pedro Sarmento, e D. João Rodrigues de Castanheda. Chegando ás pórtas da Villa devisou D. Nuno trinta cavallos Castelhanos; correo traz delles com tres homens sómente, Vasco Peres Charin, Gil Vaz Sarrilha, e Gil Rodrigues de Santijas, e atacárao-os com tanta ousadia que os Castelhanos fugírao, entrárao na Villa, e ganhárao o Castello. Levado D. Nuno, e seus companheiros do ardor do combate, foraõ em seu seguimento até

até á pórtã do Castello , onde os Hespanhoes com o soccorro dos seus, fizeram cara , e entráram a defender-se. A este tempo chega hum soldado de D. Nuno , chamado Lopo Alvares , e com hum golpe partio hum Castelhana em duas partes. Pasmáram os outros nesta acção ; mas o restante dos Portuguezes corrêram em soccorro do seu General. Já entã D. Nuno não cuidou tanto de defender-se , como de atacar: rompeo , e desbaratou os inimigos , os quaes se recolhêram ao Castello. Saqueáram os Portuguezes a Villa , e D. Nuno repartio a preza sem reservar para si cousa alguma : tanta era a sua generosidade , como o seu valor , e sendo tão amante da gloria , tão pouco o era das riquezas , persuadido de que o desinteresse era huma das partes principaes , que constituíam hum grande Capitão. Já Lisboa começava a sentir os effeitos de huma fome cruel , e foi necessario fazer despejar os pobres , e todos aquelles que pela sua idade , e molestias não podiam tomar armas ; mas os inimigos forçáram-os a tornar para a Cidade. Estava Lisboa em consternação , e não se ouvia pelas ruas outra cousa ,

fe-

fenaõ gritos , e queixas. As mãis traziaõ já pintada a morte no descarnado rosto , e com os filhos nos braços imploravaõ a piedade dos soldados , que tornando-se inflexivel pela sua propria miseria , rechassavaõ-as com violencia. O Regente fazia todas as diligencias , que se podem imaginar para dar remedio a tamanha desgraça ; porém tudo lhe faltava , e estava a ponto de ficar a cada instante soçobrado dos esforços , que faziaõ os Castelhanos , quando estes o alliviáraõ das vivas inquietações , em que estava , levantando-lhe o cerco.

Cinco mezes havia , que este durava ; as melhores trópas Castelhanas tinhaõ morrido ao agudo cóрте das espadas , e o resto se hia consummindo com a contagiaõ ; de maneira que a desolaçaõ era igual no campo , e na Cidade. Os soldados morriaõ todos os dias aos centos. Os que hoje soccorriaõ huns , á manhã eraõ soccorridos pelos outros , ou enterrados por diligencia delles. Foi lavrando o contagio entre os mesmos Officiaes maiores. Dentro em poucos dias morrêraõ successivamente tres Graõ-Mestres da Ordem de Santiago , a saber Pedro Fernandes , Cabeça

ça de Vacca , Rui Gonçalves Menia , e Fernando Affonso de Zamora. Pedro Sarmiento , Valasco , Tovar , e quasi todos os que se distinguiaõ por alguma virtude tiveraõ a mesma infelicidade , e parecia que a contagiaõ só poupava aquelles homens medianos , que os sentimentos do coração condemnaõ a eterno esquecimento , e que ainda em vida já os reputaõ como mortos.

ElRei , naõ obstante estas perdas taõ consideraveis , teimava a continuar no cerco ; mas o Infante D. Carlos de Navarra obrigou-o em fim a levantallo. Retiráraõ-se para Torres-Vedras , e ao partir El-Rei da Cidade , quando chegou a hum alto , donde a descobrio toda , clamando qual outra D. Leonor , disse : “ Ah ! Lisboa , Lisboa ! quando ,, terei eu o gosto de vêr andar o arado nesse lugar , onde te vejo assentada ! ,, E continuando a marcha chegou a Torres-Vedras. Ahi depois de ter meditado todos os meios de conservar as Praças , que o reconhecerãõ por seu Soberano , partio para Castella. Hiaõ diante delle os esquifes dos Grandes , que tinhaõ morrido á vista de Lisboa ,

e

e em todo o exercito infundia este triste espectaculo o maior silencio.

Era em Lisboa a maior alegria em todos , quando desesperado o Monarca Hespanhol sahia desta Cidade. O Regente galardoava com muitos privilegios , e immunidades aos moradores della os servicos , que lhe acabavaõ de fazer.

Livre já Lisboa , e socegada , cuidou o Graõ-Mestre em lançar mão da ausencia do inimigo para restaurar as Praças , que elle occupava ainda no Reino. Marchou para Cintra ; mas humma furiosa tempestade , que sobreveio , lhe embarçou esta empreza. Os rios alagáraõ os campos , e os caminhos estavam taõ roins , que por alguns dias não se pode passar por elles. Por este tempo mandáraõ os moradores de Almada render sobmissaõ ao Graõ-Mestre por varios Deputados , e pouco depois os de Alémquer fizeraõ o mesmo. Só Torres-Vedras , e Villa-Viçosa teimáraõ em negar-lhe obediencia. Diogo Gomes Sarmento , irmão de Pedro Sarmento , que morreo de peste á vista de Lisboa , e Lopo Texada , forçáraõ Torres-Novas , que era pela parte do Regente , e cativáraõ a Lopo Dias de Souza , Govern
na

nador desta Praça. No porto de Lisboa entrárao duas galéras Castelhanas , e queimárao alguns bateis. Desta maneira deo fim á campanha.

Na entrada do anno de 1385 travou-se contra o Regente huma conjuração , que foi felicidade descobrir-se. Era author della o Conde de Trastámara. Tinha-lhe El-Rei de Castella escrito muitas vezes , dizendo-lhe que cousa vergonhosa era que sendo elle filho de dous irmãos seguisse antes o partido de seu inimigo , do que o seu , e que quando elle o livrasse do Graõ-Mestre , lhe daria tudo o que lhe pedisse. Naõ foram estas proposições do desagrado do Conde , e fallou sobre este negocio a Pedro de Castro , que quiz entregar Lisboa aos Castelhanos , e foi solto depois que estes se retirárao. Havendo pois Pedro de Castro que tinha motivos para queixar-se do Regente, sem se lembrar, de que a elle era devedor de sua vida, resolveo , logo que o Conde lhe manifestou este segredo , lançar mão da aberta para tirar a vida ao Regente. Convidou o Conde para que o ajudasse, dizendo-lhe : “ Este he o meio de con-
„ graçar-vos com El-Rei de Castella,

1385.

„ e

„ e de chegar ao auge de fortuna , que
„ compete ao vosso lugar , e nascimen-
„ to ; pois se ficardes em Portugal ,
„ sempre viverão desconfiados de vós ,
„ e vos arredarão quanto for possível
„ dos negocios , e dignidades. „ Esta
prática acabou de persuadir o Conde
de Trastamára a resolver-se por fim a
tirar a vida ao Regente. Communicou
seu intento a João Duque , Governador
de Torres-Vedras , para que quando
necessario fosse , tivesse onde refugiar-se
nesta Villa , e foi dado a cargo o ma-
tar o Regente a João Affonso de Baeza,
e a Garcia Gonçalves de Valdez , os
quaes se tinhaõ refugiado na sua Corte.
Achava-se entãõ o Graõ-Mestre no
Castello de Gaia nas margens do Dou-
ro , fronteiro á Cidade do Porto. Go-
vernava esta Cidade a mulher de Aires
Gonçalves de Figueiredo , em lugar de
seu marido , que se achava ausente.
Cheia de vaidade pelo conceito , que
della se fizera , lembrou-se de saquear ,
e devastar os lugares circumvisinhos ,
sendo ella a mesma, que capitaneava os
soldados para o saque. Cançados já de
gemer debaixo da tyrannia desta mu-
lher avara, e imperiosa, apoderárao-se
do

do Castello os seus moradores , e lançárao-a fóra d'elle. Queixou-se disto Aires Gonçalves ao Conde D. Gonçalo , irmão da Rainha D. Leonor , que pouco tempo havia que abraçára o partido do Regente. Persuadidos , de que os moradores não obrárao assim sem sua ordem , resolvêrao vingar huma mulher insolente no Graõ-Mestre , que ainda ignorava o que se tinha passado. Liárao-se com os conjurados , e mettêrao na conjuraçaõ muitos Senhores Portuguezes , e Castelhanos , e todos acordárao em avistar-se antes de pôr por obra o seu intento , a fim de consultar no melhor meio para isso. Escolhêrao para este effeito hum lugar retirado , onde huma noite se ajuntárao todos os conjurados. Não desconfiava todavia o Regente de cousa alguma , e infallivelmente teria sido victima destes traidores , se Aires Gonçalves de Figueiredo , e o Conde D. Gonçalo , arrependidos de ter entrado com tanta levandade em semelhante conloio , não fossem buscallo , e não lhe descobrissem a conjuraçaõ. Ordenou logo o Graõ-Mestre que fossem presos os authores, e os complices , os quaes foraõ apañha-

nhados , e lançados nos carceres , menos alguns , que escapáraõ. Mas hum só foi punido , e foi Garcia Gonçalves Valdez , que morreo queimado , e a mesma pena teria Joaõ Affonso de Baeza , senaõ fugira. O Governador de Torres-Vedras , por vingar a sua morte , mandou cortar as mãos , e os narizes a seis Portuguezes , e os mandou ao Graõ-Mestre. O qual aos primeiros impulsos da cólera quiz mandar fazer o mesmo a seus Castelhanos ; mas prevalecendo a humanidade á cólera , não fez cousa alguma , e acabou de ganhar por esta via o coração de todos.

Pouco tempo depois do descobrimento da conjuraçaõ , veio para Coimbra , para onde os Bispos do Reino , os Grandes , e todos os Deputados de quasi todas as Villas , e Cidades se tinhaõ passado a fim de se ajuntarem os Estados Geraes. Corrêraõ para elle os Povos daquelles Contornos a pedir-lhe que não os deixasse expostos ao furor dos Castelhanos estimando mais o soffrer a ultima miseria seguindo-o , do que viver na maior felicidade debaixo do dominio Hespanhol. Ouvio-os o Graõ-Mestre , e recebeo-os benignamente ;

tra-

tratou-os com muita affabilidade, e carinho, e mandou-os para as suas aldeas, enfeitados do seu agradavel modo. Era Governador de Coimbra Gonçalo Mendes de Vasconcellos. O qual teve primeiramente difficuldade em abrir as pórtas ao Regente, mas não tardou muito tempo, que lhas não arrombassem, e o Infante entrasse na Cidade. A hum legoa de Coimbra, tinha este Principe encontrado hum grande número de rapazes, que traziaõ entre as pernas varas de canas, a que chamavaõ cavallos de canas, e curvadas, e prezas pelas duas pontas, as atavaõ com córdas aos hombros. Ainda hoje os rapazes em Hespanha, e nos montes Pyreneos, usaõ disto, quando querem brincar huns com os outros, e fazer guerra entre si. Dividem-se em pelotões, armaõ-se com espadas de páo, e assim montados, e armados brigaõ huns com os outros. Aquelles, com que o Graõ-Mestre se encontrou apenas o devizáraõ, entráraõ a correr para elle aos saltos, e gritos: *Viva D. João*, (diziaõ elles) *D. João, Rei de Portugal, em boa hora seja elle vindo; seja o nosso Rei*: e assim foraõ até Coimbra.

Cuidava-se nesta Cidade em eleger Rei, mas não se acordavaõ na escolha. Huns propunhaõ o Infante D. João, filho de D. Ignez de Castro; outros a D. Diniz, seu irmão, alguns finalmente o Graõ-Mestre, e todos concordavaõ em eleger a este por Protector do Reino até que se nomeasse Rei. Abríraõ-se em fim os Estados. Fez a abertura delles o Arcebispo de Braga, presidindo aos Bispos de Lisboa, Lamego, Porto, Coimbra, e Guarda com todo o Clero, Grandes, e Deputados das Cidades do Reino, excepto das que seguiaõ o partido Hespanhol.

João de Regras sábio Jurisconsulto, e grande Orador, fez hum discurso muito extenso sobre o estado presente do Reino. Dividio-o em dous pontos. No primeiro provou que o Reino estava sem legitimo Successor, e que sendo o Povo livre, podia escolher para Rei a quem quizesse. No segundo mostrou que não havia outro, que fosse mais digno da Coroa, do que o Graõ-Mestre; que para fazer válida a eleição não era necessario que todo o Reino concorresse para isso; affaz era que aquelles, que alli se achavaõ em junta, acordassem
una-

unanimemente nella ; que D. Beatriz de Castella não tinha direito algum á Coroa , não só por ser mulher , e casada com Principe estrangeiro , o que era contra as Leis fundamentaes do Estado , mas tambem por ser filha illegitima , pois nascera de D. Leonor no tempo , em que ainda vivia o outro marido , que ella tinha , além de El-Rei D. Fernando. Que ainda quando fosse filha de matrimonio havido por legitimo a respeito do primeiro marido de D. Leonor , nunca o seria a respeito de D. Fernando , o qual posto que era parente de D. Leonor tinha casado com ella sem dispensa ; prescindindo de ser vóz , e fama commum ser ella filha do Conde Andeiro , e não de D. Fernando. Fraco motivo , e desmentido pelo tempo , em que esta Princeza nasceo , e D. Leonor conheceo o Conde Andeiro. Porém João de Regras , que sabia muito bem quanto esta Princeza era aborrecida de todos , lançou mão deste rumor popular para dar maior força ás demais razões , que allegava , e consistiaõ primeiramente em ter El-Rei de Castella perdido o direito ao Reino de Portugal , pois faltára a todas as condições do Tratado , que se

fizera sobre a successão desta Coroa. Em segundo lugar em todo o seu Reino não ser bastante para pagar as sommas, que prometteo dar por qualquer attentado, que commettesse contra o mesmo Tratado, e finalmente em ser elle inhabil para succeder a Coroa, porque era hereje, e sustentava os direitos do Antipapa Clemente VII. contra Urbano VI., verdadeiro Successor de S. Pedro. Que em quanto a D. João, e D. Diniz filhos de D. Ignez, e de D. Pedro, não tinhaõ mais direito, que o Graõ-Mestre á Coroa, pois ambos eraõ illegitimos; mas que ainda quando o tivessem, o teriaõ perdido por terem desprezado o Reino, e tomado armas contra elle.

Naõ desagradou em parte o discurso de João de Regras; mas em parte o desapprováraõ; isto he, sobre o que disse a respeito do nascimento de D. Beatriz, e do casamento de D. Ignez com D. Pedro, que sempre fora havido por certo, e por este Principe confirmado de taõ extraordinario modo. Em fim vieraõ a votos, e foraõ diversos os pareceres. D. Martim Vasques da Cunha, e seus irmãos D. Vasco, e D. Gil,

Gil, todos tres homens de muito momento, oppunhaõ-se abertamente á eleição do Graõ-Mestre, e parte da Nobreza era do seu parecer. Enojado D. Nuno por vêr que prevalecia o voto de D. Martim Vasques da Cunha, offereceo-se ao Graõ-Mestre para o matar; mas vendo que esta acção não procedia com as circumstancias do tempo, oppoz-se o Graõ-Mestre fortemente a isso, muito mais porque tinha a D. Martim em grande estima, e era capaz de fazer-lhe importantes serviços, quando fosse possível reduzi-lo. Muito custou a D. Nuno o conter-se. Tornou João de Regras ao seu discurso, e foi tal a força das razões, de que lançou mão, que todos seguiraõ a sua opiniaõ, e a huma voz acclamáraõ Rei de Portugal ao Graõ-Mestre. O qual rejeitou modestamente a honra, que se lhe fazia, dizendo que seu nascimento, e estado, que abraçára, lhe serviaõ de obstaculo, além de outra razãõ, que havia, que positivamente o excluia della, e era, dizia elle, a sua incapacidade. Mas ninguém deixou de perceber quaes eraõ os seus sentimentos verdadeiros. Claro estava que queria ser instado; instáraõ,
e

D. João I. e a 6 de Abril acceitou a Coroa , que se lhe offerecia com estas condições apontadas pelos Estados : Que de nenhuma maneira admittiria no seu Conselho creatura alguma da Rainha D. Leonor ; que a todas ellas excluiria dos empregos da Coroa , e dos da Cidade de Lisboa ; que não faria guerra , nem ajustaria paz sem ouvir primeiro os Estados ; que a ninguem obrigaria a casar , por ser o casamento huma cousa , que devia ser livre ; mas que quando elle quizesse casar , daria parte disso aos Estados. Em tudo conveio o Graõ-Mestre , excepto no ultimo artigo , dando a mesma razão , que elles allegavaõ por si , de ser o casamento cousa livre.

Nesta occasião se vio quanto pôdem as paixões nos homens mais sabios , e illustrados. João de Regras aborrecia o Castelhana , e não gostava dos filhos de D. Ignez. Valeo-se do conceito , que tinha ganhado com sua erudição entre o Povo , e os Grandes para arruinallo no seu conceito. Os filhos de D. Ignez , dizia elle , são bastardos , desamparáraõ o Reino , tomáraõ armas contra elle , e por isso estão inhabilitados para succeder

der á Coroa de Portugal. Seria justa a consequencia, se os principios o fossem; sendo porém falsos os principios, o he da mesma maneira a consequencia. Estava provado, e recebido por todos que o casamento de D. Ignez com D. Pedro era válido, sabia-se que os Infantes virão-se forçados a sahir do Reino por fugir á perseguição de huma mulher violenta, que intentava vexallos, e que para vingar-se desta Princeza, e não para fazer mal ao Estado, servirão nos exercitos Castelhanos. João de Regras sendo hum homem tão illustrado, fechou os olhos a tudo isto; chamou-lhes bastardos, rebeldes, e desterrados, e daqui concluiu que estes Principes eraõ indignos da Coroa de Portugal. O que elle disse contra El-Rei de Castella era igualmente bem mal fundado. Entreteve-se em dar-lhe de rosto com huma heresia supposta, notou-o de ter faltado ao ultimo Tratado, que se concluira na occasião de seu casamento quando affaz era cingir-se simplesmente ás Leis fundamentaes do Estado, que excluem da Coroa toda a Princeza da Casa de Portugal, huma vez que se casar com Principe estrangeiro.

Ao

Ao mesmo tempo , que os Portuguezes se achavaõ juntos em Coimbra , El-Rei de Castella cuidava em fazer novas levadas de gente , para voltar a Portugal. Viéraõ dizer-lhe que a guarnição de Santarem prisionára o Graõ-Mestre , e esta noticia foi festejada com universal alegria , a qual durou pouco tempo ; pois logo se soube naõ só o contrario ; mas que o Graõ-Mestre estava eleito para successor da Coroa pela Junta dos Estados Geraes em Coimbra.

Estava o Graõ-Mestre muito obrigado a D. Nuno , como a João de Regras. Porque D. Nuno para attrahir o Povo , e a Nobreza valeo-se de supplicas , e ameaças ; e parecendo-lhe o Povo mais incerto que a Nobreza , foi-se hum dia á porta do Paço armado , e acompanhado dos mais intimos amigos , que tinha , concovou o Povo , que concorreo logo áquelle lugar , e achando a huns bem dispostos , a outros duvidosos , a alguns absolutamente contrarios , e a outros indifferentes , mandou callar a todos , e fallou-lhes desta maneira.

„ Naõ ha muito que se vos deo
„ hum Rei , que vos governasse , e ago-
„ ra vem o Castelhana atacar a vossa
„ Pa-

„ Patria , e recusaes tomar armas em
„ sua defeza. Esta Provincia , a mais flo-
„ recente do Reino , aonde ha tantos
„ Homens Grandes , que nunca temeo
„ os seus inimigos , e sempre os ven-
„ ceo , hoje teme medir-se com hum
„ inimigo fraco. Que he feito daquella
„ lealdade , daquelle amor da liberda-
„ de , e valor invencivel , que fizeraõ
„ immortal o nome dos vossos Ante-
„ passados ? Naõ sois vós os descendentes
„ daquelles Heróes , companheiros
„ do Grande Affonso , cujo braço foi
„ taõ fatal para a mesma Naçaõ , que
„ hoje temeis ? Naõ vos lembra já a
„ campanha de Valdevez , onde o céle-
„ bre Fundador da nossa Monarquia ,
„ fez tremer aos Castelhanos , em outro
„ tempo mais guerreiros do que hoje
„ são ? Podeis por ventura menos , que
„ vossos Pais ? D. Diniz , e D. Affonso
„ seu filho triunfáraõ delles , abateraõ-
„ os ; e só vós naõ ousareis de inten-
„ tar nada contra elles ? Se El-Rei D.
„ Fernando por sua molleza , pouco va-
„ lor , e incapacidade cahio , e foi causa
„ de todos vós cahirdes debaixo delles ,
„ vingai-vos , já que tendes diante de
„ vós hum Rei valente , intrepido , e
„ cheio

„ cheio de prudencia. Entre cada hum
„ de vós em si mesmo , e se he verdade
„ que os vassallos são como os Reis ,
„ sede vós outros como o vosso , que
„ certa tereis a victoria. Já não podeis
„ dar por excusa que não tendes Rei:
„ ide vencer huma Nação , que vos tem
„ odio mortal , capitaneados por hum
„ Principe tão grande , como o que ho-
„ je reina sobre vós. Já vos vi comba-
„ ter intrepidamente debaixo das minhas
„ ordens , que não fareis todos capi-
„ taneados por tal Principe ? Não ha-
„ verá quem vos possa resistir. Que
„ differença não acharieis debaixo das
„ ordens de hum Principe estrangeiro ,
„ que apenas entende a vossa lingua ,
„ e vós a sua ? Seu pouco amor vos
„ faria logo arrepender de o ter esco-
„ lhido para vosso Rei , quando fosseis
„ capazes para semelhante escolha. Ve-
„ rieis preferir-vos em tudo os Caste-
„ lhanos ; olhar-se-hia com indifferença
„ para os vossos serviços , ou quando
„ muito feriaõ havidos como mera
„ obrigação , que cumprieis , e pouco
„ caso feriaõ por isso delles. Hum
„ Principe , que reina em differentes
„ Estados , por muito recto que seja ;
„ dis-

„ distingue sempre os seus vassallos an-
„ tigos dos novos. Reputa , e trata
„ aquelles , como seus validos , e a es-
„ tes como escravos , opprimindo-os
„ com todo o pezo do Estado. Mas sup-
„ ponhamos que algum dia El-Rei de
„ Castella se houvesse bem com vosco ,
„ que admittisse a todas as honras , e
„ dignidades de Castella os Portugue-
„ zes , e os Castelhanos ás de Portu-
„ gal , deste procedimento resultaria
„ sempre hum odio implacavel entre as
„ duas Nações , pois sempre se julga
„ que nos tiraõ mais , do que nos daõ.
„ Mas ainda quando não se seguisse da-
„ qui este inconveniente , podereis ar-
„ redar o que houver de resultar do
„ vosso apartamento da Corte ? Distri-
„ buir-se-haõ os empregos , as honras,
„ e dignidades , sem que ao menos vos
„ chegue a noticia , de que vagáraõ.
„ A Corte só distribue as graças aos
„ que tem diante dos olhos ; o vicio
„ presente póde mais nella que o mere-
„ cimento ausente. Hoje pois tendes
„ todos os motivos , que mais vos po-
„ dem obrigar , para que mudeis de
„ parecer ; os vossos interesses , o amor
„ da liberdade , o horror , que vos de-

„ ve

„ ve inspirar a escravidão , que vos es-
„ pera , senão vos acautelardes contra
„ os enganos dos Castelhanos ; a leal-
„ dade , que deveis aos vossos Principes
„ naturaes , as brilhantes virtudes da-
„ quelle , a quem ha pouco foi offereci-
„ da a Coroa , tudo em fim deve em-
„ penhar-vos a defendello contra seus
„ inimigos , muito mais porque a sua
„ causa mais he vossa , que sua. Mas
„ que devo eu esperar do triste silencio ,
„ em que vos vejo ? Não ha cousa que
„ vos possa espertar o valor do ani-
„ mo , que tendes abatido ? Não , já
„ não sois aquella célebre Nação , tão cé-
„ lebre por suas virtudes ; mereceis a
„ escravidão , que vos espera ; mas eu
„ nem por isso a deixarei ficar sem cas-
„ tigo , e com meus amigos quebrarei
„ os ferros , que vos lançarem. „

Destá maneira deo fim D. Nuno a
seu discurso , e montando a cavallo foi-
se para El-Rei , que sahia do Paço por
outra pórtá , a fim de animar com sua
presença os tímidos , foster os que va-
cillavaõ , e conservar na mesma disposi-
ção aquelles , que lhe eraõ afeiçãoados.

Ficou todavia o Povo , depois que
D. Nuno acabou de fallar , como pas-
ma-

mado , e sem se mover. Sahindo porém desta especie de lethargo ; penetrado , e ao mesmo tempo irado pela ousadia de D. Nuno entra a murmurar , e da murmuração passa insensivelmente ao furor. Corre ás armas , espalha-se pelas ruas , e praças públicas , dizendo : “ Viva ,
,, viva D. João , nosso Rei novo , o no-
,, vo Pai da Patria ; morraõ seus ini-
,, migos , e os seguidores delles , e vi-
,, va o valente , o generoso D. Nuno ,
,, que nos despertou do lethargo , em
,, que estavamos.

Lançou El-Rei mão desta feliz disposição dos espiritos , e levanta novas Tropas. Que como o Castelhana se preparava com toda a diligencia para voltar a Portugal , era muito importante prevenillo. D. João porém , antes de entrar em campanha , julgou que era necessario regular a sua casa , e dispôr dos primeiros empregos do Estado. Deo o de Condestavel , e Mordomo Mór a D. Nuno ; o de Graõ-Marechal a D. Alvaro Pereira , seu irmão , a Gil Vasques da Cunha o de Alferes Mór , e o de Capitaõ da Guarda a João Fernandes Pacheco ; a Rui Mendes de Vasconcellos fez Meirinho Mór da Provincia de Entre-
Dou-

Douro e Minho, e a Nuno Viegas o meço, deo o mesmo lugar na de Tras-os-Montes; a Affonso Furtado nomeou Capitão de Mar, e Guerra, a Estevão Vasques Philippe, Capitão dos Alabar-deiros, a João Rodrigues de Sá, Camareiro Mór; a João Gomes da Silva, Copeiro Mór, e a Pedro Lourenço de Tavora, Reposteiro Mór. Os demais empregos da Coroa distribuiu igualmente por pessoas de merecimento, e qualidade. João de Regras subio ao lugar de Chanceller Mór, mais em attenção á sua vasta, e profunda erudição, do que em recompensa dos serviços, que fizera a El-Rei. Tambem se regulou o que pertencia a administração da Justiça, e foi nomeado hum Conselho para acompanhar a El-Rei em todo o tempo, e em todos os lugares.

Dispostas assim as cousas, deo D. João ordem ao Condestavel que partisse para o Porto, e de lá sahisse com a armada ao mar, e fosse buscar, e combater a Castelhana, que depois de ter corrido parte das Cóstas maritimas do Reino de Portugal, achava-se na altura de Lisboa. Obedeceo D. Nuno, mas achando que a armada Portugueza não estava
ain-

ainda em estado de fazer-se á vela , fingio que hia a Sant-Iago affima do Minho ; pretexto , com que encobrio o designio , que tinha de tomar aos Castelhanos algumas Praças , que occupavaõ na Provincia de Entre-Douro e Minho.

Continuou pois socegadamente sua jornada , e foi ter a Neiva , Praça forte , que elle submetteo com a morte do Governador. Em Neiva ganhou D. Nuno a mesma gloria , que Scipiaõ na conquista de Carthago em Hespanha. Mandou guiar a viuva do Governador , mulher muito linda , e entregalla a seu Pai Lopo Gomes de Lira , que tinha debaixo das suas ordens a Villa de Ponte de Lima por nomeação de El-Rei de Castella , e não só não lhe offendeo a sua honra , senão que nem por ella pedio resgate. A Viana , situada por assim dizer á fóz do Lima , succedeo o mesmo , que a Neiva. Na tomada desta Villa perdeu o Condestavel o seu Alferes , homem de toda a Hespanha o mais valente de forças , e mais intrepido de animo. De Viana passou o Condestavel a Villa-Nova da Cerveira , visinha ao Minho. Esta Praça rendeo-se amigavelmente com

com todos os Lugares, e Villas da sua vizinhança.

No tempo que D. Nuno se occupava tão utilmente nesta parte septentrional da Provincia de Entre-Douro e Minho, sahio El-Rei de Coimbra, e veio ao Porto, onde foi recebido em triumpho pelos seus moradores. Visitou a D. Leonor de Alvim, mulher do Condestavel, á qual fez todas as honras. Depois disso deo-lhe o Arcebispo de Braga por conselho que escrevesse a Affonso Lourenço de Carvalho, homem potente, e acreditado em Guimarães, para empenhallo a mover o Governador daquella Praça Ayres Gomes da Silva, velho respeitavel pelas suas virtudes, e que teve a cargo a educação de El-Rei defunto D. Fernando, a entregar-lha. Agradecido Affonso Lourenço á honra, que El-Rei lhe fazia, foi visitar o velho, e fez todo o possivel para conseguir, o que se lhe encomendava; porem não houve cousa que podesse movello a faltar á fé, que prometteo a El-Rei de Castella. Sahio então Affonso Lourenço da Villa, e retirou-se a hum jardim, que estava fóra do Porto, aonde teve muitas práticas secretas com El-

El-Rei, sobre os meios necessarios para sobmetter esta Praça á sua obediencia. Acordando ambos no que se devia fazer, voltou Affonso Lourenço a dispôr tudo na Villa, e veio em sua companhia o Camareiro Mór, João Rodrigues de Sá para defendello, em caso de necessidade. Oppôz-se Aires da Silva a hum, e outro com notavel resistencia; mas vendo-se constrangido a ceder á valentia do Camareiro Mór, desamparou a Villa, e retirou-se ao Castello. Mandou-se-lhe ordem para que se rendesse, o que elle prometteo fazer no caso de se lhe não dar soccorro dentro em trinta dias. Informado El-Rei desta resposta, mandou-lhe dizer que era impossivel que lho dessem, e que quando não se rendesse logo, seriaõ todos punidos como rebeldes. Rendeo-se entaõ Aires da Silva, e El-Rei ficou contentissimo de ver-se na posse de huma Praça taõ importante, que podia servir de exemplar a toda a Provincia.

Admirada com effeito a Cidade de Braga dos rápidos successos de El-Rei, mandou-lhe prestar obediencia por alguns de seus moradores. Estava senhor do Castello Vasque Lourenço de Lira,

irmão do Governador , que era de Ponte de Lima , e recusava render-se. Sitiá-rao-o os Bracarenses , e El-Rei mandou-lhes soccorro debaixo das ordens de Mem Rodrigues de Vasconcellos. Correo o Condestavel ao Castello , que logo se rendeo ; e hum Fidalgo de Ponte de Lima , chamado Estevaõ Rodrigues lançou fora desta Villa a Lopo Gomes de Lira , irmão de Lourenço Vasques de Lira.

Achava-se El-Rei de Castella em Cordova , e continuava a preparar-se por mar , e por terra. Deo ordem aos seus Generaes que entrassem em Portugal por Cidade Rodrigo ; e D. João Rodrigues de Castanheda , D. Alvaro Garcia de Albornoz com D. Pedro Tenorio, Arcebispo de Toledo , caprichárao muito em executar as suas ordens. Vieraõ todos a Almeida junto a Coa , que era por parte de Castella. Dahi passárao a devastar os contornos de Trancoso , e depois foraõ em direitura a Viseo , onde entrárao sem o menor obstaculo , saqueárao-a , e roubárao-a , guardando apenas respeito ás mesmas Igrejas. Hiaõ-se os Hespanhoes dispondo para fazer mais longe os seus estragos , quando D. Gon-

Gonçalo Vasques Coutinho , e D. Martim Vasques da Cunha , que eraõ os unicos , que podiaõ fazer-lhes alguma resistencia , esquecendo-se de seu antigo odio , e desavenças , reconciliáraõ-se ambos a rógos de D. João Fernandes Pacheco , para irem todos combater o inimigo. Estando a ponto de marchar sobreveio huma desavença sobre quem mandaria entre elles. D. Gonçalo Vasques queria mandar só , e D. Martim tinha por cousa delicada obedecer-lhe ; porém movendo-o mais as desditas de sua Patria , que seus proprios interesses , cedeo o lugar de General , e marchou debaixo das ordens de D. Gonçalo , que ajuntando os inimigos no campo de Trancoso , combateo-os , venceo-os , tomou-lhes toda a preza , e lançou-os desta parte da Provincia da Beira.

Fez-se em fim á vela a armada Castelhana , que se compunha de quarenta navios , dez galeões , muitas galeras , doze embarcações grandes , e algumas mais pequenas , e segunda vez veio á altura de Lisboa.

El-Rei sahio de Cordova capitaneando elle mesmo hum poderoso exercito , invadio a Provincia do Alem-

Téjo pela parte, que fica entre o Téjo, e o Guadiana, commetteo terribes hostilidades, e levado da ligeira vantagem, em que se via, veio postar-se á vista de Elvas, na esperança de reduzir facilmente esta Praça. Mas recusando entregar-se D. Gil Fernandes, Governador della, mandou-lhe El-Rei de Castella apanhar hum Portuguez, e depois de se lhe cortarem as mãos por ordem sua, remetteo-o para Elvas com hum papel ao pescoço, no qual dizia que assim seriaõ tratados todos os moradores da Cidade, quando não se submettessem logo. D. Gil para mostrar a El-Rei de Castella o pouco, que o temia, fez a dous Hespanhoes o mesmo, que se fizera ao Portuguez, e mandou-os ao seu Rei. Hum destes Hespanhoes era Fidalgo, e dizendo a D. Gil que era muito duro a hum homem da sua qualidade ser tratado como qualquer da gentilha, respondeo-lhe elle. Eu não tenho tempo para examinar os vossos titulos, e só vos tenho por hum vassallo de El-Rei de Hespanha, e como lhe devo, he necessario pagar-lhe. Mandou logo executar a sua ordem, e remetteo estes desgraçados com hum escri-

crito ao pescoço , no qual dizia que assim trataria a todos os seus vassallos , que apanhasse ás mãos , se lhe succedesse segunda vez tratar tão mal a algum Portuguez. Desesperou El-Rei de Castella com esta especie de desafio ; mas não deixou de lhe servir de motivo para não tornar a escandalizar a Nação Portugueza , e não expôr os seus vassallos a sorte mais horrorosa.

Passados poucos dias levantou o cerco de Elvas com intento de ir furtar outra vez Lisboa , em quanto o Graõ-Mestre estava ausente. Ousado projecto era este ; mas como era difficil de executar , divertio-o disso o seu Conselho. Todavia para não estar ocioso passou á Provincia da Beira , e encontrando as suas Tropas muitas vezes os inimigos , ora desbaratavaõ , ora ficavaõ desbaratadas , sem que destes combates se seguisse decisaõ alguma : só os Póvos he que padeciaõ. Os campos ficavaõ por cultivar ; e os que o tinhaõ sido , tornavaõ-se inuteis , porque se devastavaõ as seáras ; de maneira que por todas as partes não se via outra cousa, senão tristes effeitos do furor da guerra.

Finalmente encorporou-se o exercito Castelhano nos contornos de Cidade-Rodrigo, onde El-Rei fez Conselho, e nelle se deliberou sobre o que era conveniente que se fizesse. Conhecendo os mais prudentes a pouca experiencia das Trópas Castelhanas, reclutadas todas de novo, eraõ de parecer que as não medissem com as Portuguezas, costumadas a pelejar, e vencer. O mais que temiaõ era que não cahissem estas Trópas em alguma desesperaçã, e por isso aconselháraõ a El-Rei que fugisse de encontrar-se com ellas, que cuidasse só em fortificar as Praças, que sustentavaõ o seu partido, e deixasse passar os primeiros movimentos dos rebeldes (este era o nome que davaõ a D. João, e aos seus partidarios). Prudente conselho era este; mas El-Rei só deo orelhas a alguns moços, que não tinhaõ mais merecimento que o ardentissimo desejo de trabalhar. Sua ousadia era tal que não faziaõ caso das Trópas do Graõ-Mestre, havendo-as como vil canalha, que se tinha encorporado, e devia quanto antes espalhar-se, para não terem tempo de disciplinar-se, e acostumar-se ás fadigas da guerra.

Le-

Levado El-Rei desta maneira de fallar , preferio este conselho ao outro, posto que melhor. Dispôz todas as cou-
sas para a marcha do exercito , a cuja
frente marchou elle tambem em ar de
triunfo , como se tivera segura a victo-
ria. Entráraõ em Portugal pela Provin-
cia da Beira , e ao passar por Celorico,
Castello situado nas margens do Monde-
go , tomáraõ-o, assoláraõ a Villa de Tron-
coso sem ficar pedra sobre pedra ; de-
vastáraõ todo o Paiz situado entre esta
Villa , e a Cidade de Coimbra , a cujos
contornos largáraõ fogo. Passáraõ depois
o Mondego pela ponte daquella Cida-
de , e vieraõ dar sobre Leiria na Provin-
cia da Estremadura Portugueza.

Esta marcha taõ appressada , que em
tudo se assemelhava a triunfo , não cau-
sou admiração a El-Rei de Portugal.
Partio de Guimarães com o Condestavel,
passou o Douro , entrou na Provincia
da Beira , ajuntou todas as Trópas , que
tinhaõ vindo do Porto, Coimbra , e ou-
tros Lugares , e marchou para a Estre-
madura a buscar os inimigos , que con-
tinuavaõ a devastar aquelles Paizes.
Chegados que foraõ , fez-se Conselho
sobre o partido , que se havia de tomar.
E

E porque os Castelhanos eraõ muito superiores aos Portuguezes , propuzeraõ alguns que se dividissem as Trópas em dous corpos , para se dar com hum sobre Castella , a fim de divertir o exercito Hespanhol , e com outro fazer algumas escaramuças contra o restante do mesmo exercito Hespanhol , que ficasse em Portugal. D. Nuno porém não foi deste parecer , e disse : “ He bem verdade que somos muito inferiores sem
,, comparação aos Hespanhoes , e que
,, separando nos huns dos outros , ver-
,, se-haõ os inimigos para ir contra os que
,, marcharmos para Castella , obrigados a
,, enfraquecer-se tambem a si ; mas he
,, necessario advertir que os dous corpos dos nossos mal constituirão dous
,, pelotões de gente , muito mais faceis
,, de desbaratar separados , do que unidos. Os que formos mandados a Castella não poderemos entrar em alguma
,, empreza de momento , por termos muito poucos em número ; e os
,, que cá ficarmos teremos de temer
,, tudo a qualquer ataque , que se nos
,, der. Assim em vez de seguir este parecer , devemos todos abraçar outro
,, mais digno do valor , e prudencia ,
,, que

„ que temos. Devemos ir dar sobre o
„ inimigo , e forcejar quanto for possi-
„ vel por acabar de expulsallo inteira-
„ mente de Portugal. Olhando elle para
„ o seu número pouco se acautelará con-
„ tra nós : quanto mais que não deixa-
„ rá de pasmar da nossa ousadia , que
„ só por si he capaz de aterrallo. Não
„ demoremos pois o combate. „ Este
intento pareceo temerario , e simplez-
mente ousado a outros. Abraçárao-o
todavia ; e marchando contra o inimi-
go , no dia 14 de Agosto , vespera da
Assumpção de Nossa Senhora chegárao ao
campo de Aljubarrota.

Informado El-Rei de Castella do
intento , que levavao os Portuguezes ,
vio-se fortemente embaraçado : não lhe
parecia que estivessem em estado de po-
der atacallo ; vendo porém o contrario,
marchou também , porque não parecesse
que os temia. Chegados que foraõ os
dous exercitos hum á vista do outro ,
cuidou cada hum em fortificar-se bem
no seu acampamento. Os Portuguezes
postárao-se n'um lugar apertado , tendo
diante de si huma vasta campina , por
onde podiaõ alargar-se , e nos flancos
tinhaõ dous vallados impraticaveis. Mon-
ta-

tava o seu exercito a seis mil, e quinhentos homens, parte dos quaes não tinhaõ outras armas mais que fuchas, e páos ferrados. Contaõ os Historiadores Hespanhoes, para não ser taõ vergonhoso o seu desbarato, que o exercito Portuguez montava a déz mil homens de infantaria, e dous mil de cavallo; mas quer seja assim, quer não, o certo he, como elles mesmos confessaõ que o exercito Castelhana era tres vezes maior que o Portuguez, e occupava huma boa legua, e meia de terreno n'uma campina descuberta por todos os lados, onde se podia postar com muitas filas de frente. Não duvidavaõ os Castelhanos que levariaõ a palma aos Portuguezes, e por não demorar o combate dispozeraõ-se para dallo des da vespera da Assumpção.

O mesmo fizeraõ os Portuguezes. El-Rei dividio o seu exercito em dous corpos. Deo o mando de hum a Mem Rodrigues, e era o que se chamava o corpo dos namorados, porque traziaõ huma bandeira verde com huma madre-filva; e o mando do outro a Rui Mendes de Vasconcellos. Postou-se o Condestavel á vanguarda da ala esquerda, on-

õnde estavam os estrangeiros , que chegavaõ ao número de duzentos , e El-Rei a ala direita com as setecentas lanças , de que constava a sua guarda. Lopo Vafques da Cunha levava o Estandarte Real em lugar de seu irmão Gil Vafques. A Cavallaria ficava em ordem de batalha ás duas alas de cada corpo , que ficavaõ hum do outro em distancia muito consideravel : seguiaõ-se tras da Cavallaria os Archeiros , ou Alabardeiros , e depois delles toda a bagagem do exercito com huma guarda de infantaria. Esta a forma do exercito Portuguez , que se vio obrigado a mudalla por hum movimento, que fez o Castelhana. Tinhaõ caras para Leiria , e foi necessario voltallas a Aljubarrota , e com esta mudança ficáraõ os Portuguezes com caras ao Sol , e ao vento , que lhes mettia pelos olhos todo o pó , que o exercito Castelhana fazia levantar. Estes dous inconvenientes , que affaz pôdem fer causa de se ganhar , ou perder huma batalha , e não se poder prevenir , de nenhuma maneira foraõ parte para diminuir o ardente desejo , com que todos anhelavaõ ao combate. Marcháraõ para o inimigo com a mesma resolução , e ousadia , que se

se tivessem todas estas vantagens a seu favor.

Pouco antes de se travar o combate, o Arcebispo de Braga, coberto todo de armas brancas, correu de hum a outro lado para dar a cada hum dos soldados os perdões, que Urbano VI. lhes concedêra; e os Castelhanos da sua parte distribuiaõ os que Clemente VII. lhes dera. Huns, e outros se haviaõ mutuamente como Scismaticos, julgando que além dos interesses da Nação, defendiaõ tambem os da Religiaõ.

Estavaõ de parte a parte em profundo silencio, esperando o final para darem huns sobre os outros, quando os Castelhanos deraõ dous tiros de artilharia, que eraõ talvez as primeiras duas peças, que se víraõ até entaõ em Hespanha. O primeiro levou logo dous irmãos, com algum espanto entre os Portuguezes, mas entrando a gritar hum soldado. „ A victoria he nossa; o Ceo livrou „ agora o nosso exercito de dous mal- „ fazejos, que tinhamos entre as nos- „ sas Trópas; já não nos fica nenhum: „ ambos pagáraõ seus crimes. Hum des- „ tes homens, que agora matáraõ, ti- „ nha affassinado hum Sacerdote, estan- „ do

„ do a celebrar Missa , o outro não era
„ menos criminoso. Tomou disso o Ceo
„ vingança : „ Vamos combatendo. A
estas palavras cessa toda a consternação;
invocaõ a S. Jorge (esta a voz, que dava
o exercito Portuguez) abalaõ-se de parte
a parte, e daõ furiosamente huns sobre
os outros.

Foi tão violento o combate dos
Castelhanos , que o Condestavel , que
estava na primeira fileira da ala esquer-
da , vio-se constangido a recuar , e
meter-se no batalhaõ , que se abriu até o
centro para recebello. Mem Rodrigues,
que commandava toda a ala , mandou
logo dar sobre os Castelhanos para fa-
cilitar ao Condestavel o restituir-se ao seu
posto, e o mesmo fez Rui Mendes com
a ala direita. Este segundo combate en-
freou a furia dos Castelhanos , e foi parte
para esmorecerem. Mas logo depois re-
dobráraõ os esforços , e apertáraõ por
todos os lados os Portuguezes , que a
glória de defender a liberdade , e a pre-
sença de seu Monarca tornava intrépi-
dos. Era tão grande o número dos ini-
migos , e seus ataques tão rijos , e amiu-
dados , que já entrava a desordem a la-
yrrar entre elles ; quando El-Rei , que
até

até entãõ sempre se conservára no centro do batalhaõ da ala direita , sahio do seu posto , e dizendo em altas vozes :
„ Soldados , e camaradas , segui o vossõ
„ Rei , que combate , e vos mostra o
„ caminho da victoria. „ Foi dar sobre os Castelhanos com hum corpo de tropas escolhidas , e rechassou-os até os seus primeiros postos. Ahi vieraõ sobre elle algumas tropas , que naõ tinhaõ ainda peleijado , e foi o combate mais rijo , e terrivel neste lugar , do que até entãõ. Envergonhados os Hespanhoes de terem sido rechassados , choviaõ sobre os Portuguezes nuvens de tiros , e estes cobrando novo vigor á vista do perigo , investem com a espada na maõ , confundem-se a infantaria com a cavallaria , e de parte a parte foi igual a mortandade , de maneira que a victoria esteve muito tempo duvidosa.

Todavia El-Rei de Castella , que naõ pudera montar a cavallo por se achar com pouca saude , veio n'uma liteira descoberta , e apparecendo aos seus soldados , lisongea a huns , ameaça a outros , e a todos anima com a esperanza do premio. El-Rei de Portugal foi continuando o combate com tal furor ,
que

que corriaõ rios de sangue em torno delle. Movidos seus soldados de tanto valor, arremessaõ-se furiosamente sobre os inimigos, entre os quaes foi tal a confusaõ, que expirando alguns dos seus Cabos, e outros sahindo do combate, lavrou a desordem entre a soldadesca por lhe faltarem os officiaes, fugio, e desamparou vergonhosamente o Monarca, que furioso, e desesperado monta a cavallo, como póde, a pezar do incómodo, em que se via, e foge por não cair nas mãos dos Portuguezes.

Os Portuguezes, que faziaõ parte do exercito Castelhano morrêraõ quasi todos com as armas na mão, e os que ficáraõ prisioneiros foraõ cruelmente mórtos, como traidores á sua patria. Hum destes miseraveis foi D. Diogo Alvares Pereira, irmão do Condestavel; pois querendo El-Rei salvar-lhe a vida, e encarregando-o a Egas Coelho, tornáraõ-se inuteis suas diligencias; que a soldadesca a pezar das suas ordens sempre lhe tirou a vida. Seguro D. João da victoria, começava a descansar, quando Antaõ Vasques de Almada veio apresentar-lhe o Estandarte Real de Castella. Nunca se soube o nome do que o tomou. Huns saõ de opi-

opiniãõ que o mesmo Antaõ , outros daõ esta honra a Lourenço Martins de Avelar. Pouco tempo depois hum dos seus criados lhe trouxe hum Castelhana , que apanhára. E perguntando-lhe El-Rei como se deixára apanhar por aquella criança (mostrou-lhe o criado) ; porque julguei , disse o Castelhana , que era melhor ficar seu prisioneiro , do que deixar-me matar pelo homem mais valente , que vos acompanha. Mandou entaõ El-Rei que o acompanhasse pelo campo da batalha para lhe dizer os nomes dos principaes Senhores de Castella , que falecêraõ no combate. Acháraõ-se entre elles D. Joaõ Manrique , D. Pedro de Aragaõ , filhos do Condestavel de Castella , D. Joaõ , filho do Conde D. Tello , D. Fernando , filho de D. Sancho , Conde de Albuquerque ; D. Joaõ de Tavora , o Marechal Carillo , Diogo Gomes Sarmiento , Rui Barba , e outros muitos , entre os quaes era tambem Joaõ de Ric , Embaixador de França , contra o parecer do qual se deu a batalha. Era Joaõ de Ric Borgui-nhaõ de naçaõ , de idade de setenta annos , encanecido no manejo dos negocios , e excellente Capitaõ.

El-

Este o successo da memoravel batalha de Aljubarrota, assim chamada do lugar, junto ao qual foi dada; célebre por dez, ou doze mil homens, que os Castelhanos ahi perdêrao, e pelo valor, com que os Portuguezes peleijárao, capitaneados por hum Rei moço, que apenas tinha vinte e sete annos, e por hum Condestavel, que quando muito teria vinte e cinco. A preza, que se fez no campo inimigo, foi immensa. Entre outras cousas, que foraõ achadas, foi huma Cruz de oiro, que se deo á Igreja Cathedral de Lisboa, o Sceptro de El-Rei de Castella, e hum retabulo de prata, que lhe servia de oratorio, do qual se fez doaçaõ á Igreja de Guimarães. El-Rei mandou enterrar os principaes, que entre os seus morrêrao na batalha, no Mosteiro de Alcobaça, sepultura dos Reis de Portugal, com o Conde D. João Affonso Telles, irmão da Rainha D. Leonor, em recompensa do consentimento, que dera para a morte do Conde Andeiro.

Victorioso El-Rei ficou tres dias inteiros no campo da batalha, não só para mandar enterrar os soldados mortos, mas tambem para levantar troféos

d'armas sobre as arvores, e montes vi-
finhos, segundo o costume daquelle tem-
po. Os seus inimigos voltáraõ á Patria
opprimidos da fadiga, e tristeza. Ao
quarto dia partio o Condestavel para a
Villa de Ourem, de que El-Rei o fize-
ra Conde, a dar graças a Deos pela
victoria, que alcançára, na Igreja de
Nossa Senhora, que se venera naquella
Villa. El-Rei de Castella no mesmo dia,
que perdeu a batalha de Aljubarrota, fez
tanta diligencia, que chegou a Santarem
pela meia noite, e no dia seguinte ao
romper do dia, embarcou-se, e sahio
do Téjo a ajuntar-se com a sua armada,
que se achava na fóz deste rio. Depois
de ter ahi descansado dous dias, fez-se
á vela, e tomou o rumo de Sevilha,
aonde chegou com felicidade. Não hou-
ve entrada mais triste que a sua nesta
Cidade. Via diante de si o Povo conf-
ternado, e com os olhos nadando em
lagrimas pela morte dos que ficáraõ no
campo de Aljubarrota, o que foi parte
para retirar-se a Carmona. Ahi viveo
sempre triste, e não havia cousa, que
o consolasse em tamanha perda, a qual
foi causa, como dizem, de vestir-se de
luto sete annos.

Mal-

Maltratou hum dia certo Fidalgo da sua Corte a alguns Portuguezes na sua presença , cuidando que nisso lhe dava gosto. Mas elle em vez de approvallo , lhe disse , que não obrava bem em tratалlos assim ; que aquelles , que tomárao o seu partido , morrerão á sua vista , e os que foraõ contra elle , fahirão vencedores. Pouco depois lhes deo a liberdade , acção digna de hum grande Rei , a qual incitou o de Portugal , remettendo-lhe muitos Castelhanos , que prisionára em Santarem , os quaes esperavaõ antes experimentar o seu rigor , do que a sua clemencia.

Em quanto El-Rei de Castella andava em Portugal capitaneando seu exercito , ficou a Rainha D. Beatriz , sua esposa em Avila , á direcção do Arcebispo de Toledo. Logo que ahi se divulgou a noticia do desbarato do exercito Castelhanao , fahio o Povo furiosamente de suas casas , e correo ao Paço da Rainha para lhe tirar a vida ; pois houve quem certificasse que El-Rei , seu marido , morrerá na batalha de Aljubarrota ; mas fahindo-lhe ao encontro o Arcebispo , atalhou , e socegou o Povo,

assegurando-lhe que El-Rei era vivo , e que brevemente chegaria ao Reino.

Estava El-Rei de Portugal , e o Condestavel em Santarem. Era o número dos prisioneiros tão consideravel , que a certas horas por causa da falta , que havia de agua , guiavaõ-os a beber ao Téjo todos juntos. Havia entre elles alguns da primeira jerarquia , que se disfarçavaõ por facilitar o seu resgate. Tal era D. Pedro Lopes de Ayala , tão célebre por sua grande valentia , como por sua vasta , e atilada erudição. Occupava elle os empregos maiores do Estado : era Chanceller Mór , Escudeiro Mór , Graõ-Marechal de Campo , Governador de Toledo , Corregedor do Crime em Biscaia , e General do Reino de Murcia , e todos estes differentes postos servia dignamente. Roma , França , e Aragaõ o víraõ , e estimáraõ , quando foi por Embaixador a estas tres Cortes. Sabia accommodar-se ao genio de cada huma das tres Nações Italiana , Franceza , e Hespanhola com tanta facilidade , e com tanta arte , que tinha como certo agradar em todo o tempo , e em todos os Paizes , onde se achava. El-Rei , seu Soberano , não deo esta
ba-

batalha de Aljubarrota , por que foffe deste parecer ; e nem por isso deixou de haver-se nella valerosamente , e bem caro vendeo a liberdade. Confundido entre os demais prifioneiros , foi guiado a Santarem , onde foubes disfarfar-se tão bem , que ninguem o queria por feu prifioneiro. Cahio no poder de D. Guiomar de Villa-Lobos , Condeffa de Barcellos , que apenas o reconheceo , logo o fez faver a El-Rei. Deo este liberdade á maior parte dos Cavalleiros Castelhanos , da mefma fórte que a fuas mulheres , e ás Damas Portuguezas , cujos maridos eftavaõ em ferviço da Coroa de Castella. Deste número foraõ D. Sancha , filha do Conde Andeiro , cafada com D. Alvaro Gonçalves de Azevedo , D. Maria , viuva de Alvaro Peres de Castro , D. Beatriz de Albuquerque , cafada com D. João Affonfo Telles , e Ignez Affonfo , mulher de Gonçalo Vafques de Azevedo. Perguntando El-Rei a esta ultima quaes tinhaõ fido as razões , que feu marido tivera , para querer fervir antes a El-Rei de Castella , do que a elle , não lhe refpondeo huma fó palavra , e todavia o Monarca não deixou de tratalla com diftinção , refpeitan-

tando tambem as outras , como requeria o seu sexo , e lugar , que tinhaõ por seu nascimento. Humas foraõ para Castella por terra , e outras embarcãraõ-se na armada , parte da qual se achava á fóz do Téjo.

Naõ cuidava porém El-Rei n'outra cousa senaõ em dar aos Portuguezes , que se tinhaõ distinguido na batalha de Aljubarrota , boas demonstrações do seu reconhecimento. A todos galar-doou ; mas ao Condestavel de huma maneira superior a todos. Além das grandes honras , que lhe fez , doou-lhe todas as terras , que foraõ do Conde Andeiro , e as Villas de Villa-Viçosa , Borba , Evora-Monte , Sacavem , Porto de Móz com as rendas de Silves , Loulé , e o tributo , que pagavaõ os Judeos para serem tolerados no Reino. Esta dadiva he a mais consideravel , e mais bem merecida , que nenhum Principe tem feito , nem vassallo algum recebido em nenhum tempo. Esta fortuna , a que o Condestavel se via exaltado , foi de alguma sórte prognosticada por hum Espadeiro , que guarnecendo-lhe dous annos antes huma espada , lhe disse : Haveis de pagar-ma quando fordes Conde

de de Ourém ; e não foi o Conde D. Nuno o unico , a quem se applicaõ se-melhantes ditos.

Quando o Principe não olha com bons olhos para as Artes , vão estas sempre a peor estado. Conhecia D. João esta verdade ; mas querendo protegellas, eraõ ainda os tempos muito desditosos para cuidar-se nisso. Empregou todo o seu cuidado em acabar de destruir o partido dos Castelhanos em Portugal. Era sempre o mesmo no Condestavel o zelo da Patria , e da gloria do seu Principe. Partio para Além-Téjo com intento de entrar por esta parte em Castella , e levar tudo a ferro , e a fogo. Com effeito chegado que foi a ella , pôz-se á testa de quatro mil homens, passou o Guadiana , deixou Badajoz á esquerda , entrou por Casra , e assolou todo o Paiz , que está entre esta Villa, e a de Feria. Estava D. Martim Anes de Barbuda com algumas Tropas postadas no alto de hum monte visinho , donde via os Portuguezes devastar impunemente os campos. Envergonhado de não passar de simples espectador, julgou que estava obrigado a largar o seu posto para descer ao campo , e combater o inimigo ;

go; mas percebendo o Condestavel, que elle vinha, foi-se para elle, e obrigou-o a voltar vergonhosamente atraz.

Tinhaõ os Castelhanos levantado novas Tropas, e ajuntando tambem o resto, que ficára do exercito vencido em Aljubarrota, formáraõ hum de trinta mil homens com pouca differença. D. Pedro Munhes, Graõ-Mestre da Ordem de Sant-Iago, D. Gonçalo Nunes de Gusmaõ, Martim Anes de Barbuda, D. Joaõ Affonso de Gusmaõ, Conde de Niebla, e outros Cavalleiros da primeira jerarquia, eraõ os Cabos principaes delle. Apenas souberaõ que o Condestavel estava nas visinhanças de Valverde, marcháraõ para aquella parte com intento de combater com elle. Dentro em dous dias deraõ os Castelhanos tres ataques, e em todos tres foraõ rechafados, e desbaratados pelo Condestavel. Nesta occasiaõ perdeu a vida o Graõ-Mestre da Ordem de Sant-Iago, e dizem que só Antonio Vasques Portuguez matára trezentos Castelhanos. Esta victoria, que á proporçaõ era mais consideravel que a de Aljubarrota, alcançou o Condestavel nos fins de Outubro do mesmo anno.

Des-

Deſta expedição paſſou a ajuntar-ſe com El-Rei , que ſe achava no cerco de Chaves , onde eſte Monarca , capitulada que foſſe a Praça , resolveo levar em peſſoa ſuas armas ás terras dos Caſtelhanos. Mandou marchar o Condeſtavel com ordem de invadir a Praça de Cória , e partio logo traz delle para ella. Fez-ſe o cerco , e continuáraõ-o com viveza ; mas foi tal a reſiſtencia da parte dos cercados , que El-Rei vio-ſe obrigado a levantar o cerco , e retirar-ſe. Taõ violento foi o pezar , que concebeo diſto , que não pode deixar de dizer na preſença dos Officiaes maiores do exercito : “ Ah que hoje nos fazem
,, falta os Cavalleiros da meza redonda !
,, Se aqui eſtivesſem não levantariamos
,, o cerco. ,, Enojado com eſta prática. Mem Rodrigues de Vaſconcellos reſpondeo-lhe com ouſadia eſtas palavras :
,, Vaſco Martim da Cunha vale tanto
,, como Galeas ; Gonçalo Vaſques Coutinho em nada deſmerece a Triſtaõ ,
,, João Fernando hombrea com Lance-rote , e eu creio que me poſſo comparar com qualquer delles , e ſe aqui
,, tiveramos hum Artur , aſſim o julgaria. Sabia eſte eſtimar , e animar ſeus
,, Ca-

„ Cavalleiros , e não ultrajallos. „ Conhecendo entãõ El-Rei que tinha offendido a Nobreza principal do seu Reino, emmendou a prática , que tivera, com estas palavras : “ Artur era hum dos Cavalleiros da meza redonda , e creio „ que não era indigno de ter lugar entre os que vejo ao meu lado. „ E mudando logo de prática marchou para Pena-Macor , e mandou o Condestavel á Provincia do Alem-Téjo , donde elle foi cumprir a Nossa Senhora da Oliveira hum voto , que fizera antes da batalha de Aljubarrota.

Em quanto El-Rei sitiava Coria, sahio de Evora Antãõ Vasques de Almada , e capitaneando algumas Tropas deo com ellas sobre terras de Hespanha. Depois de ter feito hum grande preza voltou a Portugal sem que os inimigos fizessem capricho de vir em seu seguimento. Estes differentes successos entrãõ a intimidar os Portuguezes , que em Portugal ainda eraõ a favor dos Hespanhoes. Não havia dia , em que não viesse algum sobmetter-se ao Rei , e fazello senhor de alguma Praça , ou Fortaleza. Todos eraõ por elle benignamente re-

recebidos com boas mostras de clemencia, e generosidade.

Naõ havia em Lisboa cousa, que naõ inculcasse prazer, e alegria. El-Rei mandou vir para esta Cidade as bandeiras, e estandartes, que tomára aos inimigos na batalha de Aljubarrota. O Povo entregou-se a todo o genero de divertimentos, e instituio huma festa em memoria desta grande victoria, que enchia de confusaõ aos Castelhanos, e aos Portuguezes de gloria. Esta festa abolio Filippe II., quando usurpou o Reino de Portugal á casa de Bragança, por hum Discurso, que nella se fazia, no qual naõ se perdoava aos Castelhanos. Havendo os Portuguezes as suas passadas desditas, como castigo do Ceo, deixáraõ-se de muitas ceremonias supersticiosas, que observavaõ, quaes eraõ os encantamentos, a invocação do diabo, as fórtes, a celebração dos nove annos (festa a que davaõ o nome de *Faneiras*) e o costume de guardar, e chorar por oito dias os mórtos em suas casas. Estes erros, que gera o medo, e a fraqueza do espirito humano perpetua, enfeitigaõ o homem, ao mesmo tempo que o deshonorã.

D. Affonso de Albuquerque , Graõ-Mestre da Ordem de Sant-Iago em Portugal , e Lourenço Anes Fogaça tinhaõ ido por Embaixadores a Inglaterra. Informados da victoria alcançada pelo seu Soberano contra os inimigos , vieraõ a casa do Duque de Lancastre instar com elle para que passasse logo a Hespanha a lançar mão da favoravel aberta , que se lhe offerecia , para verificar suas pretenções á Coroa de Castella. Quando D. Pedro , o Cruel , foi implorar o socorro dos Inglezes , levou comsigo tres filhas suas , D. Beatriz , D. Constança , e D. Isabel. Morrendo D. Beatriz , El-Rei de Inglaterra Eduardo III. casou D. Constaça com seu filho quarto Joaõ de Gandi Duque de Lancastre , já viuvo da Princeza D. Branca , de quem tinha tido huma filha chamada Filippa. De D. Constança teve outra , a que chamou Catharina ; e como D. Pedro , o Cruel , morreo sem deixar filho varaõ , e já sua filha primogenita era morta , ficava D. Constança , Mãi de Catharina , unica herdeira legitima da Coroa de Castella , que D. Henrique usurpára , seu filho retinha em si , e o Duque de Lancastre podia revindicar em virtude do di-

direito , que sua mulher D. Constança tinha a ella.

Naõ deixáraõ de representar tudo isto com a maior efficacia ao Duque de Lancastre o Duque de Albuquerque , e Lourenço Anes Fogaça. Achava-se então o Duque de Lancastre na idade de sessenta annos , e com a lisongeira esperança de reinar , resolveo-se a passar a Hespanha a fim de reclamar os seus direitos. Embarcou-se com o seu exercito n'uma poderosa armada , e a 26 de Julho chegou a Corunha de Galliza , onde tomou seis galéras Castelhanas. Tinha elle trazido comfigo muitos Cavalleiros Inglezes , e sua mulher D. Constança com suas filhas Filippa , e Catharina. Era o Duque alto , bem feito , brando , acatelado , modesto nas palavras , e de muita honra , e probidade. Como amator da virtude , e contrario ao vicio , tomava muita conta em descobrir entre os que o rodeavaõ o verdadeiro merecimento , e recompensava-o á proporçaõ. Diz hum Historiador Portuguez que D. Fernando Peres de Andrade , Governador de Corunha , o recebera nesta Cidade sem lhe fazer a menor resistencia ; mas hum Escritor Hespanhol diz que lhe fizera tan-

tanta , que elle se vira obrigado a desamparar o cerco , e que em compensação disso tomára Compostella , e outras Praças de Galliza. Partio depois disso para Ponto-Mouro , Cidade fronteira ás Provincias de Entre-Douro , e Minho, e de Galliza , onde tinha de avistar-se com El-Rei de Portugal ; mas ha quem diga que se avistárao no Porto Cidade situada ás margens do Douro ; o que he mais verosimil , porque podia sem embaraço passar a ella por mar , e por terra seria impossivel passar a Ponto-Mouro , Cidade de Galliza , onde não poderia entrar sem atravessar todo aquelle Reino , que era do dominio Hespanhol.

El-Rei de Castella , a quem tudo parecia que lhe corria ao contrario , sahio de Sevilha para onde voltára , e foi para Valhadolid ás Cortes do Reino. Veio tambem a ellas D. Carlos filho de El-Rei de Navarra , e ambos estes Principes conferírao entre si sobre o estado actual das cousas. Em quanto os Portuguezes erao fós na guerra , que lhes faziao , erao por elles desprezados a pesar da felicidade das suas armas ; porém logo que os viraõ soccorridos pelos Ingle-

glezes , entráraõ a temellos. Resolvê-
raõ todavia anticipar-se , e entrar em
Portugal com hum exercito muito
maior , que o da batalha de Aljubar-
rota.

Lembrando-se dos serviços impor-
tantes , que França fizera a El-Rei D.
Henrique contra seu irmão D. Pedro
mandáraõ por hum Embaixador repre-
sentar a Carlos VI. que achando-se Cas-
tella sem forças , necessitava muito do
seu soccorro. Os Fidalgos Francezes , le-
vados daquella generosidade , que nelles
he taõ natural , pedíraõ , e alcançáraõ
o que El-Rei de Castella pretendia. Par-
tíraõ dous mil cavallos , capitaneados por
Luiz de Bourbon , tio de El-Rei por parte
materna.

Estava El-Rei de Portugal em La-
meço , Cidade das mais antigas do Rei-
no , situada ás margens do Douro. Ten-
do ahi noticia do Duque de Lancastre
fer chegado ao Porto veio logo a esta
Cidade a tratar com elle de tudo o que
tocava á sua nova alliança. Acordáraõ
primeiramente que o Duque , quando
effeituaße o que queria , cederia a El-
Rei de Portugal as Cidades de Ledesma,
Motilha , Melgaço , Placencia , e outras
mui-

muitas Praças consideraveis da fronteira , em recompensa dos serviços , que os Portuguezes lhe fizessem. Em segundo lugar que El-Rei de Portugal casaria com huma das filhas do Duque. Queriaõ os Portuguezes que fosse com D. Catharina , pois em virtude deste casamento podia D. João vir a ser Rei de Castella. Mas este Principe , que não era tão ambicioso , como seus vassallos , e de mais disso porque tinha amor á Princeza D. Filippa , recusou sempre casar com D. Catharina ; porque dizia elle que se casasse com esta Princeza , feriaõ eternas as guerras entre os Castelhanos , e os Portuguezes , e que elle queria salvar os seus vassallos de semelhante desgraça. Mas a verdadeira causa d'elle recusar este casamento era o amor , que tinha a D. Filippa.

1387. Logo que se obteve a dispensa necessaria para El-Rei casar , visto o voto de castidade , que fizera , como Graõ-Mestre da Ordem de Aviz , effeituou-se o casamento no Porto , e ahi se celebrou com muita grandeza. O povo , segundo o seu costume , mostrou com as suas canções quanto fora do seu agrado este casamento. Muitos dias não se viu
ou-

outra cousa fenaõ danças , e festins. Tinha El-Rei vinte e nove annos , e a Rainha vinte e oito. Recebeo-os o Bispo do Porto , e o Condestavel teve a cargo o dirigir as festas , e festins , que houve nesta occasiaõ. Fez El-Rei casa para a Rainha , e para os empregos della foraõ nomeados os principaes Senhores , e Senhoras da Corte.

El-Rei , e a Rainha depois de terem passado dous mezes no Porto , vieraõ para Bragança na Provincia de Tras-os-Montes a visitar o Duque de Lancastre, e a Duqueza sua mulher , que se tinhaõ retirado para aquella Cidade logo que se concluiu , e assinou o Tratado entre El-Rei , e o Duque. O qual veio tambem visitar com muita satisfação sua a El-Rei seu genro , e a sua filha. Porém como era chegado o tempo de tornar ás armas , cessáraõ por entaõ os divertimentos , e não se cuidou n'outra cousa fenaõ nos preparos para a guerra. Mandou El-Rei a Rainha para Coimbra com hum Conselho , que lhe deo , para dirigir com elle os negocios interiores do Reino.

Fez entaõ huma leva de tres mil lanças , dous mil Archeiros , e sinco mil

homens de infantaria , que ajuntou ás Tropas do Duque de Lancastre. Sahíraõ de Bragança , e entráraõ no Reino de Leaõ , onde tomáraõ logo a Alcanizás. Marcháraõ depois para a parte de Benavente , e reduzíraõ-a com Valdeiras, e outras muitas Villas daquelles contornos. Deshouveraõ-se os Inglezes , e os Portuguezes em Valdeiras sobre o saque desta Praça ; porém os Cabos focégáraõ logo o tumulto , permittindo aos Portuguezes o saquear a Praça des de certa hora da manhã até o meio dia , e aos Inglezes des do meio dia até a noite.

Acampado o exercito á vista de Villa Lobos , e batendo Martim Lourenço da Cunha a estrada com seus dous irmãos , e outros Cabos do exercito, que montavaõ a desoito , encontrou a D. Fradique , Duque de Benavente , a Alvaro Pires de Osou, e a Rodrigo Ponce de Leaõ com quatrocentos cavallos, e alguns homens de infantaria. Os dezoito Portuguezes corrêraõ para hum alto com intento de morrer antes do que render-se. Era todavia necessario despedir algum , que fosse dar avizo a El-Rei do perigo , em que se achavaõ, mas

mas não havia hum só que o quizesse tomar a cargo, receando que não se suspeitasse de que queria escapar ao perigo actual. Depois de varias contestações, perguntou D. Diogo Pepa de Avellar qual das duas cousas era mais honrosa, se hir procurar soccorro atravessando por entre os inimigos, ou combater contra elles a pé firme. Todos responderão a huma voz que a primeira era de maior honra. Se assim he, eu farei hoje o mais valente entre nós todos. E montando logo a cavallo, mette-o a caminho para a parte dos inimigos, que pasmados na sua ousadia, recuárao, e abrindo-lhe caminho, deixárao-o passar por entre o batalhaõ. Em quanto elle partia a bom picar a char soccorro a seus camaradas, tornando os Castelhanos a si, vem sobre elles, os quaes se defendem valerosamente. Tinhaõ já morto muitos Hespanhoes com perda de hum só dos seus, quando chegou Diogo Pepo com o soccorro. O que vendo os Castelhanos retirárao-se logo, dizendo: As valerosas acções, que todos estamos vendo obrar os Portuguezes, fazem criveis todas as maravilhas, que nos contaõ dos doze Pares de França.

Este louvor dado por hum inimigo nada tem de equivoco. Com tudo os Portuguezes que vieraõ por ultimo, leváraõ os seus camaradas em triumpho para o campo.

Hia continuando o cerco de Villa-Lobos. E sendo alguns moços causa de desordem no campo, mandou-os El-Rei prender, e que se lhe cortassem as mãos. Orou por elles o Condestavel, e não lhes pode alcançar o perdão, porque El-Rei queria dar exemplo de severidade para enfrear o exercito. Rendeo-se Villa-Lobos; e em todo o tempo que durou o cerco distinguíraõ-se tanto entre os outros todos Rui Mendes de Vasconcellos, e Gonçalo Vasques Coutinho, que dizia o Duque de Lancastre: “ Se a
,, minha desavença com El-Rei de Cas-
,, tella podesse acabar-se com hum duel-
,, lo, não teria dúvida deixalla nas mãos
,, destes dous valentes Capitães. ,,

Reduzida a Praça de Villa-Lobos, parte do exercito marchou para Villalpando, e parte para Castro-Verde. Rui Mendes de Vasconcellos ficou ferido á vista desta Praça de huma flecha envenenada; e indo El-Rei visitallo á sua barraca, disse-lhe, que não havia remedio
mais

mais seguro para curar a sua ferida, como beber da sua propria urina. Respondeo-lhe Rui Mendes que era impossivel resolver-se a isso. Mandando entao El-Rei vir hum vaso ourinou, e bebeo a sua urina na presenca do mesmo Rui Mendes, dizendo: “Meu amado Mendes, não haveis de beber o que vósso Rei bebe?” Agradeceo Rui Mendes a El-Rei tanta bondade; mas não foi bastante o exemplo, que se lhe dava, para superar a repugnancia, que tinha a beber urina, e poucos dias depois morreo. Chorou El-Rei sua morte, e mandou transportar o seu corpo a Portugal para se lhe dar sepultura conveniente á sua condicao, e merecimento.

Hiaõ os Portuguezes, e Inglezes alargando as suas conquistas em Galliza, e El-Rei de Castella continuando a preparar-se para tornar a Portugal. Porém mudando de intento veio para Camora junto ao Douro. Estava já a ponto de ir encontrar-se com os Portuguezes, quando o seu Conselho o despersuadio, dando-lhe a entender que melhor era perder algumas Praças, que arriscar de huma vez a sua gloria, e a do seu ex-

er-

ercito. Que mal podiaõ os Portuguezes sobistir muito tempo em Paiz inimigo; pois brevemente a falta de viveres, e a diminuiçaõ das suas Tropas obrigallos-hia a fahir de seus Estados: e assim succedeo. Faltáraõ os viveres no campo de El-Rei de Portugal, e do Duque de Lancastre; e para maior desdita, o ar pouco saudavel da Provincia, onde estava, com os calores excessivos da Estação, a que os Inglezes não estavaõ acostumados, causáraõ entre elles doenças contagiosas, que lhes leváraõ hum grande número de soldados. Outros muitos vendo-se constangidos a ir picarear para viver, foraõ desapiadadamente mortos pelos paizanos, de sorte que El-Rei D. João, e o Duque tomáraõ a resolução de voltar para Portugal.

Passáraõ o Douro; atravessáraõ parte do Reino de Leão, que fica entre aquelle rio, e o Téjo, e marcháraõ para Cidade Rodrigo. Quiz oppôr-se á passagem o Infante D. João, que estava já em liberdade, com quinhentas lanças, e bastante infantaria; mas o Condestavel á testa de varias Tropas escolhidas deo casta delle, e obrigou-o a retirar-se para Cidade Rodrigo. Con-

tinuárao os Portuguezes a marcha , que levavao para a Provincia da Beira. Sahio a esperallos ás margens de hum rio o Infante D. Joaõ, Martim Anes de Barbuda , Graõ-Mestre da Ordem de Alcantara , e D. Garcia Gonçaves de Grijalva com quatro mil homens entre Castelhanos , e Francezes ; porém os Portuguezes superárao tambem com facilidade este obstaculo , e chegárao por fim á Provincia da Beira , donde El-Rei mandou o Condestavel á do Alem-Téjo , e partio , segundo dizem para Lisboa , e o Duque foi a Coimbra visitar suas filhas.

Dahi voltou para Trancoso. Ha quem diga que El-Rei de Castella quiz mandallo affaffinar nesta Praça ; mas descobrindo-se quem o tivera a cargo , foi preso , e queimado. Cuidou entao o Castelhano em accommodar-se com elle. Pouco tempo havia que El-Rei de Portugal cahira enfermo em Lisboa. Esta noticia foi tao alegre para os Castelhanos , como triste para os Portuguezes. Estavao todos em geral consternação ; mas não havia cousa , com que comparar-se a da Rainha. Foi tao grande , que abortou , pario antes do tempo ,

po , e muito tempo esteve enferma. Restituiu-se El-Rei á sua antiga saude , e todo Portugal cobrou nova alegria.

Estando El-Rei doente , mandáraõ os Castelhanos propôr ao Duque de Lancastre varias condições de paz. Para isso enviáraõ Deputados a Trancofo para representar-lhe que ainda que as suas pretenções á Coroa de Castella eraõ nullas, todavia queriaõ dar-lhe alguma satisfação , consentindo que o Infante D. Henrique , primogenito de El-Rei de Castella, casasse com sua filha D. Catharina , filha de D. Constança , sua segunda mulher , e neta de D. Pedro o Cruel. Acceitou o Duque esta proposta , e foi acordado que o Principe D. Henrique casasse logo com a Princeza D. Catharina , a quem se daria em dote as Cidades de Soria , Atiença , Almança , e Molina ; que se cederiaõ á Duqueza D. Constança as Cidades de Olmedo , Guadaljára , Jaraja , e Medina del Campo para desfructallas em sua vida ; que se pagariaõ por vezes ao Duque seiscentos mil florins para compensar as despezas , que elle fizera nesta guerra , e dar-se-lhe-hiaõ quarenta mil libras de pensão em quanto vivesse.

Naõ

Naõ foi El-Rei de Portugal muito contente deste Tratado, se he que se deve dar credito aos Historiadores Hespanhoes, por causa do odio, que tinha a esta Nação. Mas naõ he verosimil que isto seja verdade, nem que se concluísse este Tratado sem elle o saber, muito mais porque o casamento de D. Catharina com o filho do seu inimigo podia com o andar do tempo vir a ser pretexto para accommodar-se com El-Rei de Castella. Demais disso estando elle já reconhecido de toda a Nação por legitimo Soberano de Portugal, era conveniencia sua que se acabasse logo huma guerra, cujo fructo havia de ser para outrem. Pelo que, havendo de acreditar os Escritores Portuguezes, naõ deixou El-Rei de Portugal de levar a bem que o Duque de Lancastre estivesse pelo que lhe propôz El-Rei de Castella, pois sendo seu sogro, e de seu inimigo, faria todo o possivel para sollicitar huma paz duravel a ambos.

O que os Historiadores Hespanhoes dizem a respeito do descontentamento do Duque de Lancastre com El-Rei de Portugal, naõ se funda em razão sólida, nem ainda verosimil. Dizem elles
que

que El-Rei de Portugal casára com D. Filippa , filha do Duque , antes de alcançar a dispensa do voto de castidade, e que este procedimento não fóra do agrado do Duque de Lancastre. Para desmentir isto affaz he expôr o facto. Tendo o Duque de Lancastre , sua filha em seu poder , era senhor de entregalla , ou não a El-Rei de Portugal : entregou-lha para sua mulher ; logo não tinha , de que enojar-se por huma cousa , que elle podia fazer , ou não. Mas dirá alguem , estava nos Estados de El-Rei de Portugal , e não quiz negar-lhe a filha , temendo que elle não a forçasse. A isto se póde responder que a moderação de El-Rei de Portugal , e o respeito , que elle tinha a tudo , o que era do direito das gentes , deviaõ de livrallo desse receio. De mais disso não he verosimil que hum Principe tão asisado, como D. João , quizesse por adiantar alguns dias a posse de huma felicidade, que tinha segura, e lhe fora concedida de boa vontade , manchar a sua reputação com semelhante violencia.

Porém o que destroe melhor tudo quanto os Hespanhoes ousáraõ dizer a este respeito , he o embarque do Duque de

de Lancastre, a quem El-Rei de Portugal deo seis galeras para transportar-se a Inglaterra, prova de não ter sahido de Portugal apprehendida, e furtivamente, como os Castelhanos nos quizerão também dar a entender. Embarcou-se o Duque nas galeras na Cidade do Porto á vista de todos os seus moradores, e de lá foi com as Portuguezas, e navios, que lhe pertenciaõ, a Baionna de Galliza, aonde os Embaixadores de El-Rei de Castella vieraõ procurallo para concluir de huma vez o Tratado de Trancofo. Passáraõ-se alguns dias sem concluillo, porque o Duque pedia dinheiro, e os Castelhanos não o tinhaõ para dar-lho. Porém acháraõ meios para contentallo, e por fim affinou o Tratado, e consentio em que se fizessem os esponsaes de sua filha D. Catharina com o Infante D. Henrique, que até entãõ tinha só dez annos de idade. Fez-se esta cerimonia na Cidade de Palença, e finda que ella foi, deo El-Rei de Castella a seu filho o titulo de Principe das Asturias, e D. Henrique foi o primeiro, que teve este titulo.

Como El-Rei de Portugal não entrou no Tratado concluido entre o Castel-

telhano , e o Duque de Lancastre cuidou em continuar a guerra para obrigar o seu inimigo a pedir-lhe paz. As suas victorias passadas , como parecia , não podiaõ deixar de mover a isso o Monarca Hespanhol. Por este tempo dizem que voltára a Portugal o Infante D. Diniz , e que El-Rei de Portugal o recebera na Cidade do Porto , e lhe fizera as honras devidas ao seu nascimento. Lembrando-lhe todavia que o Povo estava persuadido de que lhe pertencia a Coroa , e temendo que a sua presença não authorisasse os seus inimigos para fomentar novas desordens , mandou-o por Embaixador para Inglaterra. Embarcou-se o Infante ; mas tanto que se vio no mar largo , entendeu que o mandavaõ para Inglaterra a fim de lhe tirarem lá a vida. Esta lembrança penetrou-o tanto , que resolveo voltar para Hespanha , e já levava este rumo quando foi apanhado por huns Cossarios Bretões. Esperavaõ estes avultado resgate ; El-Rei de Portugal não lho quiz pagar , allegando que seu irmão não quizera tambem ir a Inglaterra para onde o mandára. Os Cossarios porém na fé da promessa , que o Infante lhe fizera de pagar-lhe o seu

seu resgate , deraõ-lhe a liberdade , de que elle se valeo para passar a Castella.

Estava El-Rei no Porto, e ahi cuidava em preparar-se para a guerra , e em reformar ao mesmo tempo os abusos, que se tinhaõ introduzido na administração da justiça. Durante o sitio de Lisboa , tomou dous navios Genovezes sob pretexto de terem entrado no Porto desta Cidade sem permissã sua. Em quanto os Genovezes o víraõ em riscos de perder a Coroa não lhe mandáraõ perguntar a razã , porque assim obrára ; porém apenas o víraõ triunfar de seus inimigos por toda a parte , mandáraõ logo pedir-lhe por seus Embaixadores que lhes restituísse os navios , ou o valor delles. Movido El-Rei do modo , com que se houveraõ com elle , logo os satisfez sem os remeter aos seus Ministros, pois com suas demoras poderiaõ desgostar os Genovezes. Que os Ministros ignorantes , ou interessados demoraõ os negocios para que os avaliem em mais ; e este genero de proceder desgosta os Estrangeiros , e muitas vezes gera odio , e desconfiança.

Chegando á noticia do Papa Ur- 1388.
ba-

bano que os Mouros da Africa andavaõ muitas vezes a corso pelo mar nas Cóstas de Sicilia, e que os Turcos da Asia faziaõ varias conquistas na Romania, e paizes visinhos, mandou publicar contra elles huma Cruzada com a Indulgencia da Terra Santa. Reinava entaõ entre os Turcos Monrad, ou Amurat-Beg, denominado Algazi, isto he, o Conquistador, o qual succedeo a seu Pai Ourchan no anno de 761 da Egira e 1359 de Jesus Christo, e já tinha reinado trinta, e quatro annos, quando hum desertor Christaõ de Servia o matou, fingindo que queria beijar-lhe a maõ. Este Amurat, que he o terceiro Sultaõ dos Othomanos, foi o que tomou Andrinopoli aos Gregos em 1360.

Occupava-se o Papa Urbano na Cruzada contra os Infieis, e Pedro de Luna Cardeal Legado do Papa Clemente em Hespanha celebrou hum Concilio em Palencia de Castella na Igreja dos Franciscanos. Achava-se nelle El-Rei D. Joaõ I., e publicáraõ-se muitos Canones sobre a refórma do Cléro de Hespanha.

El-Rei de Portugal juntou tambem os Estados do Reino em Braga, e despedio-os depois de ter ordenado varios
ne-

negocios a respeito do Governo interior do Reino. Partio immediatamente depois disto a cercar Melgaço, Villa situada no Minho, que ainda era pelos Castelhanos. O exercito de El-Rei compunha-se de mil, e quinhentas lanças, e a infantaria, que levava era affaz numerosa. Huma das cousas mais notaveis, que succedeo durante o cerco, foi hum combate particular entre duas mulheres, huma da Villa, e outra do exercito de El-Rei. Esta sahio victoriosa, e poucos dias depois capituláraõ os cercados, com a condiçaõ de sahirem da Villa sem armas. Hum moço Castelhanao veio lançar-se aos pés de El-Rei, dizendo-lhe: „ Senhor, eu sou Vassallo de El-Rei de „ Castella; não permittaes que me „ tirem as primeiras armas, que sem- „ pre trouxe. „ Mandou El-Rei entregar-lhas, e foi o unico da guarniçaõ, que as levou.

Reduzida a Praça de Melgaço voltou El-Rei para Lisboa, donde passou á Provincia de Alem-Téjo. Governava em Olivença Pedro Rodrigues da Fonseca, que era pelos Castelhanos. Chegando que foi El-Rei mandou-lhe offerecer a Praça, que estava prompto para entre-

tregar; mas recebendo por este tempo algum soccorro, recusou cumprir a palavra. Deixou El-Rei para outro tempo o castigallo, e marchou a sitiá Campo Maior Villa fronteira á mesma Provincia. Era Govenador della Gil Vasques de Barbuda, primo do Graõ-Mestre de Alcantara; e sendo atacada no meado de Outubro, rendeo-se o Castello no principio de Novembro. Em quanto os Portuguezes sitiavaõ Campo-Maior chegáraõ a Badajoz o Graõ-Mestre de Santiago, e o de Calatrava com hum exercito, que se compunha de Andaluzes, gente havida pela melhor da Hespanha. Parte destas trópas foraõ mandadas passar o Guadiana, e marchar para as vizinhanças de Albuquerque, onde foraõ desbaratadas por D. Garcia Gonçalves de Grijalva, e seu irmão D. Fernando, e o resto por D. Martim Affonso de Mello nos contornos de Badajoz. Além destes dous combates houve terceiro nestas fronteiras entre os Castelhanos, e os Portuguezes, e ficáraõ victoriosos estes ultimos; porém caro lhe custou a victoria, e não menos, que a vida de D. Antaõ Vasques, que foi morto com as armas na mão, combatendo valerosamente.

mente. Toda a vida deste homem não constou de outra cousa mais que de acções ousadas, e generosas; e da consolação, que os Castelhanos tiverão pelo seu desbarato com sua morte, claro fica quanto delles era temido.

Na entrada do anno de 1389 voltou El-Rei para Lisboa. Estando nesta Cidade houve no Paço certa travessura, que não he razão ommittilla. Era D. Fernando Affonso, Camareiro mór, e valido de El-Rei, moço, gentil, e afiado. Morria de amores por D. Beatriz de Castro, viuva muito linda, e de muito juizo. Movida esta do amor ardente, terno, e apaixonado, que D. Fernando lhe tinha, rendeo-se a elle, e permittio-lhe que viesse procuralla ao seu quarto, onde lhe dêsse as mostras mais sensiveis de seu reciproco amor. Era naquelle tempo crime para os homens o entrar no quarto das Damas de honor do Paço. E como D. Beatriz o era, corria D. Fernando muito risco em lançar mão da liberdade, que ella lhe dava; porém levado da paixão, julgou que este obstaculo era novo meio para ser maior o deleite, que sentia, e para dar a D. Beatriz provas mais fortes do seu amor. Foi com

1389.

effeito buscalla ; e muitos dias gozáraõ de tudo quanto o amor tem de feiticeiro para os corações apaixonados. Soube-se todavia das visitas , que elle fazia a D. Beatriz , e chegáraõ á noticia de El-Rei. O qual como amava a D. Fernando, advertio-o disso , e prohibio-lhe ir ao quarto de D. Beatriz. Nunca o amor ouve , nem recebe ordens , que não sejaõ as suas. D. Fernando fez pouco caso das de El-Rei , e continuou a ir ao quarto de D. Beatriz , onde foi por elle apanhado de subito , e logo prezo , e entregue ao Corregedor da Cidade. Mas tendo aberta para fugir , foi omisfiar-se n'hum Igreja , donde El-Rei que teve esta noticia , e foi logo a ella a pé , o mandou tirar , e guiallo á prizaõ. Desta mandou D. Fernando perguntar a D. Beatriz se queria que elle dissesse que eraõ casados , para salvar por este meio a vida ; e mandando-lhe ella dizer que dissesse tudo quanto fosse necessario para a sua conservaçaõ , assim o fez. Mas não se houve El-Rei por satisfeito , e no dia seguinte mandou-o queimar na Praça do Forte , deixando inuteis , e frustradas todas as diligencias possiveis , que os Grandes do Reino fizeraõ para alcan-

cançar-lhe o perdão. Desamparada D. Beatriz , e mandando perguntar a El-Rei o que determinava della , respondeu-lhe o Monarca : „ Que fique com „ vida ; porque huma concubina só merece este castigo , quando lhe fique „ ainda alguma honra. „ Desterrou-a todavia do Paço , e ella com sua Mãi retirárao-se para Castella.

Poucos dias depois deste fatal acontecimento , partio D. João para a Provincia de Entre-Douro e Minho , onde achou os Embaixadores de Castella , que vinhaõ tratar da paz entre as duas Coroas. Antes de entender-se nesta materia , acordáraõ n'uma tregoa de alguns mezes ; mas apenas ella expirou , El-Rei de Portugal , que sabia muito bem que o que se intentava era brincar com elle , foi logo cercar a Cidade de Tui em Galliza , assentada nas margens do Minho , apertou o cerco com bastante viveza , e affolou todos os Paizes circumvisinhos. Intimidado El-Rei de Castella com o valor , e intrepidez , que seus inimigos mostravaõ em todas as occasiões de combate , não ousou de aventurar huma batalha contra huma Nação , que de dia em dia se tornava mais guerreira , e mais

menda. Mandou todavia algumas Tropas em soccorro da Praça, capitaneadas por D. Pedro Tenorio, Arcebispo de Toledo, e D. Martim Anes Vasques, Graõ-Mestre da Ordem de Alcantara. Mas chegáraõ tarde, e já a Praça estava tomada, o que causou tanta tristeza, e diffabor a El-Rei de Castella, que mandou logo ordem a seus Embaixadores para que concluíssem sem demora alguma tregoa com El-Rei de Portugal, o qual depois de tomar Tui fitiou, e tomou a Praça de Salvaterra em Galliza, situada tambem nas margens do Minho.

1390. Os Embaixadores Castelhanos obedecêraõ ao seu Monarca, e convieraõ n'uma tregoa de tres annos entre as duas Nações com os Ministros Portuguezes. Entregáraõ-se ao mesmo tempo aos Hespanhoes Tui, e Salvaterra, e estes entregáraõ aos Portuguezes Noudar, Olivença, Mertola, Castello Rodrigo, Caltelmendo, Castello-Melhor, Miranda, e Sabugal. Concluiu-se esta tregoa no fim do anno de 1389. Por este tempo morreo o Papa Urbano, depois de ter reinado na Igreja de Deos onze annos, seis mezes, e oito dias. Os Cardeaes da
sua

sua obediencia , assim os que estavaõ presentes , como os que se achavaõ ausentes nas Provincias visinhas , que montavaõ todos a quatorze , ajuntáraõ-se em Conclave , e elegeraõ Papa a Pedro , ou Perrim Tomacelli , conhecido com o nome de Cardeal de Napolles , o qual tomou o nome de Bonifacio IX.

Na entrada do anno de 1390 jun- 1390.
tou El-Rei de Castella os Estados do seu Reino em Guadaljára. Ahi se lhe representou que a tregoa feita com os Portuguezes naõ era honrosa nem para elle , nem para o Reino , visto que por duas Praças entregára muitas. A isto respondeo elle , que houvera por melhor entregallas amigavelmente , do que á força ; quando além desta razão poupava por esta via muitas despesas inuteis , as quaes podia applicar em beneficio de seus vassallos , e preparar se para tornar a entrar em Portugal , logo que expirasse a tregoa. Seus pensamentos todos eraõ em guerras , e para manter nesta disposiçaõ os animos de seus vassallos , instituio duas ordens de Cavallaria. A huma deo por insignia hum collar , em que estavaõ gravados dous raios

raios do Sol, com huma pomba branca pendente do mesmo collar. A outra deo tambem outro collar com os mesmos dous raios, e huma rosa em lugar da pomba. A Ordem da Rosa era só para a Nobreza, e a da Pomba para todos os que serviaõ nas armas, e nelas se distinguiaõ.

Para augmentar as Tropas sem despovoar os campos, mandou publicar hum perdão geral para todos os criminosos do Reino, assim ausentes, como presos, com a condiçãõ de servirem na guerra contra os Portuguezes. Para reduzir estes á obediencia dos Castelhanos, fez que seu filho D. Henrique renunciasse publicamente a Coroa de Leão, e de Castella, e mandou-o ás fronteiras de Portugal com o titulo de Rei dos Portuguezes. Mas este procedimento era intempestivo; porque os Portuguezes estavaõ contentes com o seu Soberano, e aborreciaõ mais que nunca a dominação Castelhana.

Lavrava sempre a desordem em Castella. Os Fidalgos estavaõ desgostosos do partido tão avantajado, que se fizera ao Duque de Lancastre, e não podiaõ levar a bem a tregoa feita com os Por-
tu-

tuguezes , julgando que era contra os interesses , e honra de Castella. Não sabia El-Rei que partido tomasse nas tristes circumstancias , em que se via. Veio a morte tirallo deste embaraço , e falleceu da queda de hum cavallo n'hum Domingo 9 de Outubro com trinta e tres annos de idade , e de reinado onze , tres mezes , e vinte dias.

À sua morte se seguirão muitas desordens ; mas D. Henrique , seu filho sempre foi acclamado Rei em Madrid ; e como era menor , tinha El-Rei por hum Testamento , que muito tempo havia que fizera , nomeado para Regentes do Reino a D. Pedro Tenorio Portuguez , Arcebispo de Toledo , João Manrique , Arcebispo de Compostella , e Chanceller do Reino , e a Affonso de Aragaõ , Condestavel de Castella com outros Senhores. Os que ficáraõ excluidos da Regencia entráraõ a promover cabalas no Reino , e foraõ causa de muitas desordens. A desavença chegou a tanto , que o Arcebispo de Toledo foi preso com D. Pedro , Bispo de Osma. Informado disto o Papa Clemente mandou a Castella por Nuncio Domingos de Florença , da Ordem dos Prégadores , Bis-

Bispo que entãõ era d'Albi. Deo-lhe o Santo Padre poder para absolver o novo Rei D. Henrique II. das censuras, que incorrêra, e El-Rei depois de dar a liberdade aos presos, recebeu a absolvição na Igreja Cathedral de Burgos, n'humã Sexta feira quatro de Julho de 1393, achando-se presente tres Bispos.

1393.

Expiráraõ em fim os tres annos de tregoa entre Castella, e Portugal, e resolvêraõ os Tutores de El-Rei D. Henrique, e os Grandes do Reino mandar requerer a Portugal que se prolongasse a tregoa. Ha quem pretenda que o mesmo Arcebispo de Toledo, o de Compostella, e D. Gonçalo Nunes de Gusmaõ, Graõ-Mestre da Ordem de Calatrava com D. Joaõ Furtado de Mendoza, Mordomo Mór, persuadíraõ a El-Rei que deixasse o titulo de El-Rei de Portugal, visto não ser filho de D. Beatriz, a qual he só quem lhe podia passar o direito de Successor á Coroa deste Reino. Não dizem porém que El-Rei estivesse por este parecer; mas que fizeram partir por Embaixadores para Portugal a Joaõ Serrano, que de Bispo de Segovia passou a Bispo de Siguença, e a D. Diogo de Cordova, Marechal de Cas-

Castella, que tiveraõ a cargo esta negociação. Outros dizem que fora encarregada a D. Pedro Lopes de Ayalá, e ao Doutor Sanches. Mas seja o que for; os Embaixadores de Castella tratáraõ com Alvaro Gonçalves Camelo, Prior do Hospital, e com D. João de Regras. Custou muito a concordarem entre si; os Castelhanos eraõ pouco arrafoados no que pediaõ, e os Portuguezes, que tinhaõ, por assim dizer, todo o poder nas mãos, não queriaõ ceder em nada. O que lhes dava maior confiança era ter-se retirado a Portugal o Duque de Benevente, senhor de muitas terras neste Reino, com intento de servir a D. João contra El-Rei de Castella para vingar-se dos Regentes, a quem tinha odio mortal. E como o Duque era poderoso, forcejou o Arcebispo de Toledo quanto pode para impedir-lhe este procedimento; mas não houve cousa que o pudesse despersuadir.

Não se acabava todavia de concluir a paz. Veio El-Rei de Portugal para o Sabugal com intento de renovar a guerra; porém mostrando-se mais doces os Ministros, affináraõ por fim hum Tratado, com as condições, de que os
Cas-

Castelhanos entregariaõ aos Portuguezes aquellas Praças , que ainda occupavaõ em Portugal , e negariaõ todo o genero de soccorro á Rainha D. Beatriz , filha de D. Fernando , e aos Infantes D. João , e D. Diniz , seus filhos , que fallavaõ sobre verificar suas pretensões á Coroa de Portugal. El-Rei D. João tam- bem se obrigou a não ser por parte dos que se tinhaõ rebellado contra El-Rei de Castella , e a dar liberdade a todos os Castelhanos , que estavaõ prisioneiros com a condiçaõ de D. Henrique fazer o mesmo aos Portuguezes , que tinha presos no seu Reino. Deraõ-se de parte a parte refens ao Tratado , que sendo outras suas condições, nem por isso era muito honroso para a Castella. Porém o tempo o requeria : os Portuguezes estavaõ temidos , e os Castelhanos com as forças estancadas ; quanto mais que suas desavenças nacionaes não lhe davaõ lugar para continuar a guerra.

Fim do Livro X.

AR-

ARGUMENTO

DO LIVRO XI.

Em que se contém os Reinados de D. João I.
e de D. Duarte.

CONTINUAÇÃO da guerra entre Portugal, e Castella. Desinteresse do Condestavel de Portugal, o qual se retira para Estremoz. Volta depois á Corte, e tirão-lhe parte dos seus bens, da mesma sorte que a outros muitos, a quem se tinham feito doações muito consideraveis. Desgostosos muitos Fidalgos Portuguezes passam para Castella. Tregoa de dez annos entre Castella, e Portugal. Não se guarda a tregoa, e renova-se a guerra. Morre El-Rei de Castella, e succede seu filho D. João. Os Infantes de Portugal querem assignalar-se contra os Mouros. Propoem a El-Rei huma expedição a Africa, e que se vá sitiá Ceuta. Peste em Lisboa, e morre a Rainha assalteada della. Expedição para Africa. Toma-se Ceuta. Faz o Infante D. Henrique armar dous navios para ir descobrir terras. Partem os Navios em 1410. Descobrimento da Ilha da Madeira em 1420. Descobrimento do Cabo de Serra-Leoa. Descobrimento das Ilhas Ca-

—
An.de J. C.

1393.

na-

narias pelos Biscabinos, e Navarros, capitaneados por hum Fidalgo da Normandia, chamado João de Bittancourt. Retira-se o Condestavel a hum Mosteiro, onde acabou os seus dias. Seu elogio. Tregoa publicada entre Castella, e Portugal. Viagens do Infante D. Pedro. Casa D. Duarte, filho primogenito de El-Rei com D. Leonor, irmã de D. Affonso, Rei de Aragão, e de Napoles. Casamento da Infante de Portugal D. Isabel com Filippe, Duque de Borgonha, que nesta occasião institue a Ordem do Toesão d'Ouro. Morte de D. João I.: seu elogio: seus filhos. Combate, que houve no seu reinado de doze Cavalleiros Portuguezes contra outros doze Inglezes em defeza da honra de algumas Senhoras. Sobe ao Throno D. Duarte, filho primogenito de El-Rei D. João. Concilio de Basilea trasladado para Ferrara, e depois para Florença. Deposição do Papa Eugenio. Felix V. Antipapa. Expedição da Africa. Infeliz successo desta empreza. Os Infantes irmãos de D. Duarte cercão a Praça de Tanger. Apertados pelos Mouros vem-se obrigados a tratar com elles sobre a entrega de Ceuta. Da-se-lhes em refens o Infante D. Fernando. Recusão os outros dous Infantes entregar Ceuta. Oppoem-se tambem a isso o Papa, e
fi-

fica o Infante D. Fernando prisioneiro. Máo tratamento, que experimenta da parte dos Infeis. Morre em 1443, depois de seis annos de cativo. Desditas de Portugal. Levantão-se os Castelhanos contra Alvaro de Luna. Descreve-se as partes deste odioso valido. Desordens em toda a Europa. Estragos, que fez a peste em Portugal. Morte de D. Duarte. Filhos, que deixa. Seu Carácter. João de Regras, attido Jurisconsulto, com o soccorro do qual fez D. Duarte humCodigo para explicar varias Leis antigas.





HISTORIA GERAL DE PORTUGAL.

LIVRO XI.

1393. **O** EMPENHO dos Castelhanos em fazer-se a paz persuadio aos Portuguezes, que cumpririaõ exactamente o Tratado della. Porém em breve tempo se defenganáraõ; porque elles não cumpriraõ muitas das condições propostas, e El-Rei de Portugal tornou a tomar armas para dar-lhes o castigo. Sahíraõ pois a campo seus Generaes, e tomáraõ algumas Praças aos Hespanhoes, e entre outras a de Badajoz, e Albuquerque, que El-Rei de Portugal protestou não restituir aos Hespanhoes em quanto estes não cumprissem todas as condições do Tratado.

Em vingança da perda destas duas
Pra-

Praças , tomáraõ os Hespanhoes aos Portuguezes na altura do Cabo de S. Vicent dous navios carregados de munições, armas , e outros instrumentos de guerra, que tinhaõ vindo buscar a Genova. De- raõ tambem suas corridas em Portugal, particularmente no Alem-Téjo ; mas o Condestavel , que se achava em Monf- raz , Villa desta Provincia , embaraçou- os com o desbarato dos inimigos , que não podendo já resistir á felicidade dos Portuguezes , promettéraõ em fim cum- prir pontualmente o Tratado , com o que cessáraõ de parte a parte as hostili- dades , e segundo parece entregáraõ o que respectivamente tinhaõ tomado huns aos outros.

Por este tempo morreo o Papa Cle- 1394.
mente VII. em Avinhaõ de hum ataque de apoplexia em Quarta feira dezasseis de Setembro , e a vinte e oito do mesmo mez os Cardeaes seus seguidores elegê- raõ todos a huma voz a Pedro de Luna, que tomou o nome de Benedicto XIII. O qual era dotado de grandes partes, e affaz tinha augmentado o número dos seguidores de Clemente VII. contra Ur- bano VI. Quanto ao mais era ambicio- so , e avarento , e quando esteve por Le- ga-

gado em Castella , Aragaõ , e França esqueceo-se muitas vezes dos interesses da Religiaõ para tratar dos seus , e assim
 1395. ajuntou sommas consideraveis de dinheiro , com que acareou muita gente ao seu partido.

Em quanto este novo Papa trabalhava na manutenção da authoridade da Cadeira de Avinhaõ , hia-se El-Rei de Portugal aproveitando da paz para restabelecer a boa ordem no seu Reino. Vendo porém o Condestavel que este Principe não tinha feito nada a favor dos Grandes , que tinhaõ contribuido mais para elle subir ao Throno , desapossou-se em beneficio delles da maior parte dos bens , que El-Rei lhe dera ; exemplo raro de desinteresse , e de zelo da gloria de seu Principe.

Esta acção generosa lhe ganhou inimigos ; e como ainda lhe ficavaõ muitas riquezas , beneficio , que lhe fez El-Rei , quizerão mortificallo em fazer-lhas restituir. Differaõ seus inimigos a
 1396. D. Joaõ que era interesse do Estado tirar elle todas as Villas , e terras , que
 1397. tinha doado , aos que estavaõ de posse dellas. Deixou-se El-Rei persuadir ; mas por este tempo cahio na desgraça do

So-

Soberano o author de tão injusto conselho, que foi Alvaro Gonçalves Camello, Prior do Hospital. O qual foi preso; mas o Condestavel pedio por elle, e obteve-lhe o perdão, não obstante saber que era seu mortal inimigo. Depois disso representou vivamente a El-Rei, que não era gloria sua, nem justiça, tirar os premios, com que recompensára aos que já estavam de posse delles, e os tinhaõ merecido pelos importantes serviços, que lhe fizeraõ.

Estas razões não foraõ bastantes para o Principe mudar de parecer. Retirou-se entaõ o Condestavel a Estremoz, onde communicou o intento de El-Rei a todos aquelles, a quem poucos dias antes distribuíra parte dos seus bens. Disse-lhes depois disso que não podendo manter-se no Reino convinha ir procurar a outra parte, com que passar a vida sem faltar todavia ao respeito, e fidelidade devida ao seu Soberano; pois que sua desgraça não devia servir-lhes de motivo para manchar a sua honra. Esta prática foi aplaudida por todos os que a ouviraõ, e todos, excepto hum só, se offerecêraõ a acompanhallo por toda a parte, onde elle houvesse por

acertado o guiallos. Informado El-Rei da resolução do Condestavel, mandou logo a Estremoz varias pessoas de ponderação a pedir-lhe que não sahisse do Reino. Deixou-se vencer o Condestavel, e voltou para a Corte. Todavia sempre lhe tirárao parte dos seus bens; mas a que lhe deixárao pôz seus inimigos em desesperação. Para recobrar as outras doações, que El-Rei fizera durante a guerra, buscárao-se dous meios. O primeiro foi remir a dinheiro parte dellas; e o segundo huma Lei, que se publicou por conselho de João de Regras, a qual excluia as filhas da successão dos bens, que tinhao sido da Coroa. Era neste caso comprehendida a filha de João de Regras, a qual este célebre Jurisconsulto sacrificou com seus proprios interesses ao cego desejo, em que ardia de fazer mal ao Condestavel, cujo merecimento, e credito o deslumbrao. As casas Religiosas vírao-se tambem contrangidas a restituir parte dos bens doados pelos Reis, e com esta restituição engrossárao muito as rendas do Estado, com as quaes ficárao os Póvos consolados.

Era El-Rei incansavel em restabelecer

cer a boa ordem , e tranquillidade no 1395.
seu Reino. Tudo nelle tomou outra fi- 1396.
gura , e a pouco , e pouco foi desappa- 1397.
recendo o espirito da desordem , e dif-
fusão introduzidas pela guerra , e re-
bellião. Os procedimentos judiciaes tor-
navaõ ao seu curso ordinario. Já os cam-
pos não ficavaõ por cultivar , e o com-
mercio tornava a florescer nas Cidades.
Os Póvos davaõ-se mutuamente o pa-
rabem do novo Governo , e os Gran-
des , vendo-se sobjugados , só cuidavaõ
no seu socego , e em merecer a estima-
ção de El-Rei. Os Castelhanos porém
rompêraõ outra vez a paz , e obrigáraõ
por esta via os Portuguezes a tornar ás
armas.

Passou logo o Condestavel á fron-
teira a fim de preservalla das invasões
dos Castelhanos. O Capitão da Guarda
Martim Affonso de Mello cercou Bada-
joz , tomou-a , e cativou toda a guar-
nição com D. Garcia Gonçalves Grijal-
va , Graõ-Marechal de Castella. Antes
que as cousas passassem a mais , man-
dou El-Rei de Portugal intimar ao de
Castella que cumprisse todas as condi-
ções do Tratado da paz ; mas D. Hen-
rique em vez de attender á civilidade ,

com que D. João se havia com elle, entrou a fazer levas de gente por toda a parte, e mandou capitaneallas por D. Rui Lopes d'Avalos, a quem pouco tempo havia que fizera Condestavel de Castella, e deo-lhe ordem para invadir a Portugal. Executou D. Rui as ordens de seu Soberano; entrou na Provincia da Beira, pôz fogo á Cidade de Viseo, devastou campos, faqueou Villas, e todos os Lugares por onde passava.

Corrêraõ logo El-Rei, e o Condestavel a esta Provincia para lançar fóra della os Castelhanos, e quando lá chegáraõ já estes se tinhaõ retirado. O Condestavel porém porque não ficasse de todo frustrada a sua marcha, e por vingar a Cidade de Viseo dos males, que soffrêra, entrou nos Estados de El-Rei de Castella, e foi pôr fogo aos contornos de Caseres, e Alcantara. Tendo assentado campo nas visinhanças desta Cidade, vieraõ dez Cavalleiros procurallo á sua tenda, e perguntando-lhe o Condestavel que queriaõ: Ver-vos, respondêraõ elles; a vossa grande reputação gerou em nós este desejo, que agora temos satisfeito. Lisongeado o Condest-

destavel com semelhante visita, tratou-os com muita honra, e despedio-os mais satisfeitos ainda da sua civilidade, do que movidos do seu merecimento.

O Condestavel todavia, a pezar das honras todas, que recebia, e de suas prosperidades constantes, cahio n'humas profunda tristeza, e vio-se obrigado a deixar o exercito, e retirar-se a Evora na Provincia do Alem-Téjo, onde esteve durante tres mezes, cercado, por assim dizer, de tudo quanto a imaginação algumas vezes poem diante dos homens triste, e capaz de affligir. Tudo era importuno ao Condestavel; o dia se lhe tornava odioso, fugia dos amigos, já sua amada esposa não lhe parecia tão bem, quando morria por ella de amores; sua filha, em quem tinha toda a esperança da sua casa, tornou-se-lhe em objecto de afflicção; em fim hia-se finando este grande homem, e já a todos quantos o viao servia de objecto de lastima, e compaixão, quando a natureza a pouco, e pouco foi tomando alento, e sobrefahio ás tristes idéas, que continuamente o cercavaõ. A proporção que se hia restituindo á sua alegria ordinaria, hia tambem cobrando

1397.

vigor a faude. Seus parentes, seus amigos, El-Rei, toda a Corte, até seus mesmos inimigos deraõ publicas demonstrações do contentamento, que tinhaõ por vello restabelecido.

Só os Castelhanos se affligiráõ com isso. Os quaes aproveitáraõ-se da sua doença para dar varias vezes sobre Portugal. Mas estando o Graõ-Mestre de Sant-Iago, e o de Alcantara a preparar-se para entrar de novo no Alem-Téjo, o Condestavel, que já estava em estado de oppôr-se a isso, escreveo-lhe huma Carta, em que para lhe poupar o trabalho, dizia assim: “ Senhores, e Amigos,
,, Nuno Alvares Pereira, Conde de Barcellos, Ourem, e Arrayolos, Condestavel de Portugal, e Mordomo
,, Mór se recommenda na vossa amizade. Tenho noticia, que me vindes
,, procurar: eu me teria antecipado, se
,, me não embaraçáraõ as enfermidades, que tenho padecido. Agora que
,, gozo de melhor faude, irei buscar-vos por poupar ao vosso exercito hum
,, ma marcha taõ comprida, e penosa.
,, Esperai-me na fronteira, onde brevemente me vereis em estado de receber-vos. De Evora a 17 de Junho. ,,
Sa-

Sahio com effeito o Condestavel capitaneando os Portuguezes. Os quaes chegáráo á fronteira, entráráo em terras de Castella, e foraõ marchando até Villa-Alva, queimando, e saqueando todo o Paiz, que se achava entre os confins de Portugal, o Guadiana, e esta Villa, onde fizeraõ alto. O Graõ-Mestre de Sant-lago, e o de Calatrava fahiraõ-lhe ao encontro, mas só para vêr matar, e fazer huma horriovel carniceria nas suas Tropas. Tudo se via n'huma horrorosa consternação nesta parte da Provincia da Estremadura Hespanhola. Não descobriaõ os olhos outra cousa senão campos devastados, Villas reduzidas a cinzas, e Cidades saqueadas, e os territorios de Casra, Feira, e Burgillos foraõ os que mais soffiêraõ quanto a guerra tem de triste, horrorosa, e devastadora.

Por este tempo Martim da Cunha, e seu irmão Lopo, Joaõ Fernandes Pacheco, Egas Coelho, Joaõ Affonso Pimentel, Senhor de Bragança, e outros Senhores de Portugal, deixáráo o Reino, e passáraõ a Castella por vingar-se de El-Rei, seu Soberano, que lhes tirára, como ao Condestavel, parte dos bens, que

que lhes foraõ dados durante as desordens do Reino. Alguns houve que até entregáraõ aos Castelhanos as Praças, de que eraõ Governadores. Todos foraõ benignamente recebidos por El-Rei de Castella, e estabelecendo-se no seu Reino, vieraõ a fer chéfes de muitas familias illustres, como dos Ossones, dos Najares, dos Condes de Buendia, de Benevente, dos Marquezes de Salles, e outras muitas, que ainda hoje subsistem.

Mostrou-se El-Rei pezaroso sobremaneira com a ausencia de todos estes Senhores, pois eraõ valentes, e capazes de servillo bem. Diffimulando todavia o pezar, que lhes causava o seu procedimento, affectou desprezallos, e capitaneando o seu exercito foi sitiar com elle a Praça de Salvaterra em Galliza. Tomada ella foi dar sobre Tui, com intento de cercalla, e apertar o cerco com a maior viveza, que podesse. Este intento pôz em consternação os Castelhanos, que para divertir o Monarca Portuguez disso fizeraõ o Infante D. Diniz tomar o titulo de Rei de Portugal, onde ao mesmo tempo ameaçáraõ entrar por todos os lados. Destes ameaços
naõ

naõ fez D. Joaõ caso , como quem conhecia os Castelhanos , que eraõ promptos em ameaçar , mas tardos em executar , e havia quasi como certo que teria tempo de reduzir Tui á sua obediencia , antes delles prepararem tudo quanto era necessario para a execuçaõ de seus projectos. Mas enganou-se , porque os Castelhanos armáraõ-se em pouco tempo , e o Infante D. Diniz deo sobre a Provincia da Beira. D. Rui Lopes d'Avalos marchou para Tui em soccorro dos sitiados , e D. Diogo Furtado de Mendoça Almirante de Castella fez-se á vela com quarenta navios , e quinze galeras , e entrou no Téjo.

Estava o Condestavel de Portugal em Monte-Mór , para onde se retirára a descansar por algum tempo das fadigas da guerra. Divulgada a noticia dos movimentos , que faziaõ os Hespanhoes , chamou-o El-Rei á Corte , e pasmados , por assim dizer , os moradores de Lisboa de vêr a armada Castelhana no seu porto , imploráraõ seu soccorro. Era a sua presença além disso muito necessaria nesta Cidade , porque nella havia alguns sediciosos descontentes do Governo , que fallavaõ em entregar a Praça

ça aos Castelhanos. Estava D. Nuno a ponto de partir para Lisboa, quando lhe chegou hum avizo de D. Gonçalo Vasques Coutinho, que o Infante D. Diniz era entrado em Portugal pela Provincia da Beira. Julgando que seria melhor tomar o expediente de correr logo a lançallo fóra della, assim o fez, e com felicidade.

Informáraõ ao mesmo tempo a El-Rei os moradores de Moura, junto ao Guadiana, que Alvaro Gonçalves de Moura, Governador da Villa deste nome, tinha intento de entregalla aos Castelhanos. Mandou El-Rei logo ordem ao Condestavel, que passasse a ella sem demora, e que quando o Governador fizesse alguma resistencia, a sitiasse. Partio o Condestavel, e chegando a Portel, resolveo antes de passar adiante mandar chamar o Governador Moura. O qual tendo para si que o Condestavel ignorava o seu designio, veio logo ter com elle para encobrir melhor seus intentos. Mas quando o Condestavel lhe deo a conhecer que sabia tudo, ficou pasmado. Não querendo porém D. Nuno perdello, tirou lhe sómente o governo da Praça, e trouxe-o consigo.

Co-

Como os negocios hiaõ cada vez a mais, deixou El-Rei a cargo do Condestavel os da Provincia do Além-Tejo, e do Reino do Algarve. Hia porém continuando sempre o sitio de Tui, e a guarnição defendia-se vigorosamente com a esperança de ser soccorrida por D. Rui Lopes d'Avalos. Mas não ousando este de chegar-se áquella Cidade, tomou a guarnição o partido de render-se, porque a não forçassem. Permittio-lhe El-Rei que sahisses com as suas armas, e depois de ter tomado posse, deo o Governo da Praça a D. Lopo Vasques, Commendador da Ordem de Aviz. Concluidas as festas, que se fizeraõ na occasião desta conquista, chegou o Condestavel a Tui 1398. com Alvaro Gonçalves, o qual restituiu á graça de El-Rei; mas poucos dias depois passou para Castella, e o Arcebispo de Compostella para Portugal, onde se lhe deo o Bispado de Coimbra, que se achava vago.

Em fim cansáraõ os inimigos de D. João á vista da sua felicidade continua, e já não eraõ tão ardentes em perseguillo, antes entráraõ a solicitar a sua amizade com o mesmo empenho, com que n'outro tempo a desprezavaõ. Muito

to estimaria da sua parte este Monarca vêr em paz os seus Vassallos. El-Rei de Castella mandou-lhe propôr por Ambrosio Missiel Genovez huma suspensão de armas por nove mezes para cuidar na conclusão de huma paz duravel. Conveio nisso El-Rei de Portugal, e concedida a suspensão nomeárao de parte a parte Plenipotenciarios. Os quaes juntárao-se n'hum lugar da Estremadura Hespanhola entre Oliva, e Balcarrota, e fazendo-se as Conferencias com muita civilidade de ambas as partes, não se concluiu cousa alguma, por serem muito ridiculas as proposições dos Castelhanos.

1399. Expirou a tregoa dos nove mezes, e El-Rei de Hespanha requereo que se prolongasse. Não quiz El-Rei de Portugal, e no mez de Maio partio para Alcantara, nas margens do Téjo. O Condestavel mandou chamar a D. Martim Affonso de Mello, Governador de Badajoz, des que esta Praça foi tomada pelos Portuguezes, e a Lourenço Esteves, Prior do Hospital, ou do Crato, depois que Alvaro Camelo passou para Castella. A cada hum delles fez Commandante de hum Corpo de Trópas, reservando

do para si outro. Todos tres entráráo nas terras do dominio Hespanhol por tres lugares differentes, e naquelles, por onde passavao, hiaõ assolando tudo; fizeraõ grande preza, e muitos prisioneiros, hum dos quaes era o Graõ-Comendador de Leaõ, que viera em soccorro de Caferes com quinhentas, e sincoenta lanças.

Vendo o Castelhana todos estes novos estragos, fallou outra vez na paz. Já estava enfadado da guerra. O seu exercito hia todos os dias a menos, e os Portuguezes sahindo sempre vencedores, pareciaõ cobrar novas forças á proporção da guerra que hiaõ fazendo. De-sejavaõ pois com sinceridade os Castelhanos fazer a paz, mas queriaõ dar as leis para ella, e requerêraõ a El-Rei de Portugal que para esse fim mandasse seus Plenipotenciarios a Castella. Conveio nisso D. Joaõ, e fez partir para este effeito a D. Joaõ Bispo de Lisboa, a Joaõ Vasques de Almada, e o Doutor Martim Docen. Entráráo estes tres Embaixadores em Segovia, onde se tinha assentado que se fariaõ as conferencias. Ahi lhes differaõ os Plenipotenciarios Castelhanos que de nenhuma maneira fariaõ a paz com

com os Portuguezes sem que estes lhes pagassem seis mil libras de ouro, e quatro mil dobrões, e em quanto não se obrigassem a dar-lhes todo o tempo que El-Rei de Portugal fosse vivo, dez galéras, e mil homens armados para empregallos a seu capricho, quando lhes fosse necessario. Requereraõ de mais disso que fossem perdoados todos os Portuguezes, que se tinhaõ retirado para Castella depois do casamento da Rainha D. Beatriz com El-Rei defunto; que se lhes restituísse todas as Cidades, que lhes foraõ tomadas, com os refens dados na occasiaõ da assinatura do primeiro Tratado de paz, e retidos pelos Portuguezes. Declaráraõ tambem que queriaõ que lhes fossem dadas algumas Cidades Portuguezas situadas na Fronteira em compensaçãõ do direito, que tinhaõ á Coroa de Portugal. Os Embaixadores Portuguezes não estiveraõ por taes proposições, que foraõ por elles rejeitadas como deviaõ ser. Mas por não frustrar inteiramente a negociaçãõ, foraõ de acordo que se desse parte a El-Rei D. João, o qual juntou os Estados do Reino em Santarém para lhes participar as pretensões dos Castelhanos.

To-

Todos as desprezárao , e não quizeráo tregoas , nem paz com os Hespanhoes, fenaõ com as condições seguintes ; que elles Portuguezes renunciavaõ de boa vontade as sommas de dinheiro , que lhes deviaõ dar os Castelhanos ; que convinhaõ no perdaõ dos Portuguezes , que se tinhaõ retirado para Castella , e que se lhes restituisssem seus bens ; que fossem repectivamente restituídas as Cidades , huma por outra , e que de parte a parte se entregassem os refens. Estas condições foraõ acceitas pelos Castelhanos : affinou-se a tregoa por dez annos , e os refens foraõ remettidos na fôrma da convençaõ.

Todas as pretensões dos inimigos 1403.
vieraõ dar nisto. Concluida , e affinada a tregoa , ficou suspensa a guerra por algum tempo ; mas o odio , que reinava entre as duas Nações , era forte fobremaneira para a suspensão d'armas durar muito tempo. Renovou-se logo a guerra com mais furor que nunca. Muitos Portuguezes se fizeraõ célebres pela sua valentia ; mas o tempo nos roubou a memoria de algumas das suas acções. Quanto aos Castelhanos , que sempre ficavaõ derrotados , todos elles se acendiaõ

diaõ em desejos de vingar-se ; mas os Portuguezes ateavaõ sem cessar estes desejos derrotando-os sempre.

Quatro annos eraõ quasi passados depois da tregoa , que bem se podia dizer que ainda naõ era hum , quando se tornou a fallar sèriamente n'huma paz perpetua. Era já morto D. Henrique III. , Rei de Castella , e reinava em seu lugar seu filho D. Joaõ II. , debaixo da regencia de D. Catharina sua Mãi , irmã da Rainha de Portugal , por ser ainda muito menino. Mandou D. Catharina pedir a El-Rei seu Cunhado que mandasse seus Plenipotenciarios á fronteira a tratar com os que ella tinha nomeado. Avistáraõ-se hunos , e outros na Provincia da Beira entre Castello-Rodrigo , e S. Feliz , e depois de muitas conferencias , retiráraõ-se sem poder concordar nas condições da paz ; porque os Castelhanos , segundo o seu costume , pediaõ muito , e os Portuguezes naõ queriaõ ceder em cousa alguma.

Quiz D. Catharina entrar em nova negociaçaõ , mas naõ o consentio El-Rei de Portugal ; porque todas estas conferencias em vez de quietar os espiritos , que tinhaõ tomado fogo , serviaõ pelo
con-

contrario de accendellos mais. Para dar todavia alguma satisfacão á Regente de Castella sua cunhada, conveio em mandar outra vez seus Plenipotenciarios ás fronteiras, os quaes com melhor felicidade, que os primeiros, concluíraõ em fim a paz. Humas das principaes condições foi que os Vassallos de hum, e outro Monarca, que se achassem fóra de seus Estados, voltariaõ á sua Patria, onde seriaõ restabelecidos a seus cargos com todos os seus bens. O que até entã retardou a conclusão da paz foraõ as déz galéras, que os Castelhanos pretendiaõ dos Portuguezes quando tivessem guerra contra os Mouros. A isto respondiaõ os Portuguezes que se elles requeriaõ estas déz galéras, a titulo de soccorro dado por hum amigo, que era escusado fazer menção disso no Tratado, porque tudo o que he bom officio deve ser livre; mas que se o requeriaõ a titulo de tributo, que semelhante requerimento era ridiculo, e injusto, e nem elles em tempo algum consentiriaõ n'humas cousas prejudicial á sua honra, e liberdade. Nesta reposta perseveráraõ taõ firmes os Portuguezes, que os Hespanhoes desistiraõ do seu requerimen-

to, e logo se concluiu a paz, que foi assinada pelos Plenipotenciarios, e confirmada por huma, e outra Potencia.

Hiaõ todavia os Turcos assollando o Oriente. Tudo tremia de seu Imperador Bajazet, denominado o Raio. Já Constantinopla estava a ponto de ficar debaixo do seu dominio, quando elle se vio obrigado a deixar a conquista para hir defender os seus Estados na Asia contra Tamerlan, Imperador de Mogol, e Senhor da Asia quasi toda. Descendia Tamerlan de Jinguiscan, e era natural de Samarcan Capital da Provincia de Maurenahat. Entrou a reinar no anno de 771 da Egira, 1370 de Jesus Christo: seu reinado durou trinta e seis annos, em cujo espaço submetteo o Corasan, o Indo, a Persia, e a Syria, entrou até o centro da Natolia, ou Rumestan, e tomou Sebastia aos Turcos, ganhou a batalha de Ancyra, ou Anguria a Bajazet, e cativou-o. Metteo este soberbo Sultaõ n'uma gaiola de ferro, e della uia como de degrão para montar a cavallo, a fim de abater a soberba deste altivo Monarca, que nella morreo de desesperaçãõ.

Segura a paz entre os Hespanhoes, 1404.
e os Portuguezes, lançou mão a Regente desta aberta para socegar as desordens nascidas da morte de El-Rei D. Henrique seu marido, e El-Rei de Portugal entrou a cuidar unicamente no governo interior de seus Estados. Reformou todos os abusos, que nelles se introduzirão durante a guerra, e promulgou varios regulamentos para a Policia, e administração da Justiça. Publicou huma Ordenação contra os matadores, a qual fez observar não só com aquelles, que eraõ comprehendidos, e convencidos do crime de homicidio; mas ainda contra os que os protegiaõ, e se serviaõ do seu credito para os livrar do supplicio, que mereciaõ. Com esta bem asisada ordenação, que rigorosamente foi observada, affegurou o socego de seus vassallos, e preservou-os das violencias dos que entendiaõ que por seu nascimento, ou por suas riquezas, tinhaõ direito para desprezar as leis, e atropellallas.

Acabados que fossem estes regulamentos, de que dependia a tranquillidade pública, cuidou El-Rei em casar seu filho natural D. Affonso, a quem não tinha menos amor, que a seus filhos le-

gitimos. Para sua mulher escolheu a D. Beatriz Pereira, filha unica do famoso D. Nuno Condestavel do Reino, e de D. Leonor de Alvim; cuja familia era huma das mais distinctas da Provincia de Entre-Douro e Minho. Era D. Beatriz amavel, e por suas virtudes digna filha dos que a déraõ á luz. Celebrou-se seu casamento em Leiria, Cidade da Estremadura com toda a pompa, e magnificencia, que se póde imaginar. Affistiraõ a elle todos os Grandes do Reino com tanta gala, como convinha a seu nascimento, e lugar, que occupavaõ na Corte. Deste matrimonio nascêraõ D.

1411. Isabel, que veio a casar com D. João filho de El-Rei D. João I.; D. Affonso, que foi Conde de Ourém, e Marquez de Valença, e gastou parte de sua vida em viajar a fim de instruir-se nos diversos costumes dos Póvos, que entaõ habitavaõ a terra; o ultimo foi D. Fernando, Conde de Arrayolos, segundo Duque da Augusta Casa de Bragança, que hoje occupa taõ gloriosamente o Throno de Portugal.

Cuidou tambem El-Rei em armar seus filhos Cavalleiros, fazendo consideraveis despezas para que esta cerimonia

nia fosse Augusta, e ao mesmo tempo vistosa. Differaõ-lhe entaõ seus filhos, que visto gozarem da paz, deviaõ emprehender alguma cousa entre os estrangeiros, por ser este o modo mais nobre, e mais conveniente, com que os Príncipes se deviaõ fazer dignos do titulo de Cavalleiros. Este nobre desejo de adquirir gloria lisongeou muito a El-Rei seu Pai; mas o que elles lhe propunhaõ era difficiltofo, e necessitava de huma longa, e madura deliberaçaõ.

Os obstaculos, que se lhes propunhaõ para notar, a respeito do que intentavaõ, só lhes serviraõ de estimular mais o desejo de affinalar-se em alguma guerra famosa. Juntáraõ-se todos hum dia para acordarem entre si sobre este negocio. Compunha-se o Conselho, do Infante D. Duarte, que era o primogenito, e entaõ não passava de vinte e dous annos, do Infante D. Pedro, que tinha vinte, do Infante D. Henrique, que tinha dezoito, de D. Joaõ, que tinha dezasseis, e de D. Fernando, que acabava de fazer quatorze. Foi tambem admittido a este Conselho o Conde de Barcellos seu irmão. Depois de terem largo tempo arrasoado sobre o intento, que ti-

1412.

1413.

1414.

tinhaõ de ir fazer guerra em algum Paiz, onde podessem affinalar-se, encontráraõ por toda a parte insuperaveis difficuldades. Ouvia-os D. Fernando, o mais moço de todos sem interrompello; mas vendo que estavaõ em termos de separar-se sem concluir cousa alguma, levantou-se, e disse: „ Meu parecer he „ que vamos a Africa conquistar Ceuta. „ Esta Praça he forte, e serve de abrigo aos Cossarios Mouros, de que os „ nossos mares se achaõ infestados. Põ- „ de ser que a conquista desta Praça seja „ ja util ao Estado, e á Religiaõ. „ Não disse mais; e seus irmãos, depois de louvallo muito, foraõ ter com seu Pai a communicar-lhe o seu intento, e pedir-lhe o que era necessario para a execuçaõ d'elle. Ouvio-os D. Joaõ com bondade de Pai, e ficou em extremo satisfeito de vêr em seus filhos aquellas virtudes, que sentia em si. Prometteo-lhes satisfazer o seu gosto, e recommendando-lhes o segredo sobre este projecto, lhes disse: „ Meus filhos, o segredo he „ a alma, por assim dizer, de todas as „ empresas; d'elle depende quasi sempre o bom successo em todas: resisti pois á inclinaçaõ, que os homens or-

„ ordinariamente tem de communicar
„ seus designios , particularmente quan-
„ do merecem ser louvados. Que a pre-
„ cipitação em communicallos he mui-
„ tas vezes causa delles se frustrarem,
„ ou virem a ser fataes para aquel-
„ les mesmos , que os formaõ. „

Apenas acabou de proferir estas pa-
lavras , abraçou-os , e foi deliberar elle
mesmo sobre o importante projecto ,
que se lhe acabava de communicar. Hou-
ve que era atrevido , e cheio de diffi-
culdades. Não era possível sustentar hum
exercito na Africa sem enormes despe-
zas. As vantagens , que resultavaõ da
conquista desta Praça eraõ grandes na
verdade , a respeito do Commercio do
Reino , que os Cossarios della inquieta-
vaõ sem cessar ; mas tambem a tomar-
se-lhes esta Praça , ficavaõ sem forças os
Mouros de Granada , e expostos a vi-
rem a ser vassallos de El-Rei de Castella,
cujo poder sendo demasiado podia tor-
nar-se funesto para Portugal. Esta con-
sideração fez muita impressão no Monar-
ca Portuguez. O qual resolveo não cui-
dar em tal conquista , e dar a conhe-
cer a seus filhos as consequencias del-
la. Com effeito fallou-lhes sobre isto ,
e

e explicou-lhes as razões , que se oppunhaõ á execuçaõ de seu intento. Mas os Infantes as destruiraõ , e quer ellas fossem justas , quer o amor ardente , que elles mostravaõ pela gloria seduzisse a El-Rei, seu Pai, este conveio em tudo quanto elles quizerãõ.

Em quanto as cousas se preparavaõ, mandou El-Rei reconhecer a Praça. Para isto escolheo a Alvaro Gonçalves Camelo , que depois da paz voltára para Portugal , e nomeou Affonso Furtado de Mendoça para seu companheiro. Partiraõ ambos em duas galéras , e para occultar o motivo verdadeiro da sua viagem , espalhou-se hum rumor, de que hiaõ para Sicilia a tratar do casamento da Rainha desta Ilha D. Branca com o Infante D. Pedro, o que se sabia muito bem que ella não quereria, assim como não se lhe quizera dar o Infante D. Duarte, com quem desejava casar. Fizerãõ-se pois á vela, e vieraõ demandar Ceuta sob pretexto de prover-se de algumas cousas necessarias para continuar sua derrota para Sicilia. Tiráraõ o plano da Praça , e sondáraõ toda a Cõsta. Depois disso tomáraõ o rumo de Sicilia, onde experimentáraõ o repudio , como
es-

esperavaõ , e dahi voltáraõ para Portugal , e deraõ conta a El-Rei da sua viagem.

Tudo o que até aqui fica dito se intentou , e executou sem que El-Rei o participasse ao Condestavel , que entaõ se achava na Provincia do Alem-Téjo. Resolveo El-Rei communicar-lho , e para este fim fingio huma caçada nesta Provincia. O Condestavel tanto que El-Rei lhe communicou a empresa , houve-a por temerosa ; mas reflectindo com maior fífudeza em todos os objectos , que poderiaõ frustralla , e reconhecendo que era facil prevenillos , ou superallos , mudou de opiniaõ , e disse a El-Rei :
„ Basta , Senhor ; este projecto he cou-
„ sa do Ceo , executai-o , e não con-
„ sulteis mais. Dai todavia parte delle
„ ao voffo Conselho , não para pedir-
„ lhe o seu parecer , mas só como quem
„ lho communica ; e porque não dei-
„ xará de haver quem vos faça algu-
„ mas objecções , ordenai que eu seja o
„ primeiro , que falle. „ Abraçou El-Rei o parecer do Condestavel ; convocou todos os que compunhaõ o Conselho de Estado , e depois de lhes ter participado seus intentos , mandou ao Condestavel ,
que

que dissesse o que lhe parecia. Obedeceu elle, approvou o que El-Rei acabava de propôr, e com esta approvação mostrou todas as vantagens, que disso podiaõ resultar. Acabada a sua prática, levantou-se o Infante D. Duarte, que a esse tempo já assistia a todos os conselhos, e disse: “Aflaz he approvar,, o Condestavel os intentos de El-Rei,, e por isso escusado o deliberar mais,, sobre esta materia., Ficou pois dada em assento a expediçãõ de Ceuta, e não se cuidou mais n’outra cousa, senãõ em armar para ella. Mas como isto podia causar desconfiança ás Potencias vizinhas de Portugal, fez El-Rei divulgar por todo o Reino que seu intento era fazer guerra contra o Duque de Hollanda, a quem mandou desafiar por Fernão Fogaça, o qual tinha tambem a cargo o informallo da essencia do negocio. Admirou o Duque a prudencia de El-Rei, obrigou-se ao segredo, e para que melhor se confirmasse o que se publicava contra elle, acceitou publicamente o desafio, que se lhe mandava fazer, e armou-se por toda a parte para defender-se. Desta confidencia resultou huma verdadeira amizade entre El-Rei, e o Du-

Duque, e este andando o tempo renovou a prohibiçaõ, que fizera a seus vassallos, de não inquietar o Commercio dos Portuguezes.

Entráraõ a fabricar em Portugal novas embarcações; fretáraõ-se muitas por conta de El-Rei em differentes portos de Galliza, Biscaia, Inglaterra, e na mesma Allemanha. O Infante D. Henrique passou á Beira a fazer gente, e o Conde de Barcellos para o mesmo effeito á Provincia de Entre-Douro e Minho, e todas as Tropas, que se alistavaõ nesta Provincia, haviaõ de embarcar-se no Porto. As que o Infante D. Pedro foi alistar na Provincia do Alem-Téjo, e no Reino do Algarve, recebêraõ ordem de vir para Lisboa. O Infante D. Duarte teve a cargo a administração da Justiça, em quanto El-Rei, seu Pai, cuidava unicamente em armar para a guerra com toda a pressa. O Povo como que estava enfeitado de vêr os preparos de guerra, que se faziaõ; e como gosta de arrosoar, e indagar os conselhos do Rei, discorria fantasticamente sobre a expedição, que se hia fazer; mas entre tudo o que loucamente discorria sobre esta materia, nunca pôde dar no verdadeiro

ro fim, que El-Rei tivera para ella. Diziam huns que os Infantes hiam conquistar o Reino de Napoles, e de Sicilia; outros que El-Rei hia a Jerusaleem cumprir hum voto, que fizera, quando entrou na batalha de Aljubarrota. Alguns, (e eram os que blazonavam de mais atilados Politicos) publicavam que nesta expedição o intento de El-Rei era soccorrer o Papa de Roma, contra o Papa de Avinhão. Havia tambem quem dissesse que não era para outra cousa a expedição, senão para guiar a Infante D. Isabel, que hia casar a Inglaterra. Todos porém negavam a expedição de Hollanda.

Em quanto os Portuguezes se divertiam desta maneira em arrasoar sobre o poderoso armamento, que se fazia á sua vista, viaõ-se os Hespanhoes verdadeiramente consternados com elle. Tinham os olhos em Portugal sem poder descobrir cousa, que podesse livrallos das inquietações interiores, em que se viaõ. Varios Mercadores de Genova crendo que a tempestade, que se formava neste Reino, cahiria sobre Castella, recommendaram a seus Correspondentes que tivessem boa conta com os seus
ne-

nêgocios. A Regente, e El-Rei, seu filho, estavam em Palencia, quando os moradores de Sevilha tiverão este aviso. Tanto que a Corte teve noticia delle, juntou-se o Conselho. O Bispo de Avila, que entrava nelle, entrou a persuadir que o aviso de Genova era verdadeiro, e que assim convinha tomar armas sem demora, e ir contra os Portuguezes. O Corregedor de Carçola, Varaõ de avançados annos, depois de o deixar dizer todas as razões, com que este Prelado, affaz bom Ecclesiastico, mas muito roim politico, queria obrigar El-Rei a tomar armas, respondeo-lhe desta fórte: “Que razão ha para conf-
,, ternar-nos com as preparações dos
,, Portuguezes? Porque quereis obri-
,, gar-nos a romper a paz só por me-
,, ras suspeitas? Este procedimento fe-
,, ria a maior vergonha para o nosso
,, Monarca, e só serviria de dar mostras
,, a El-Rei de Portugal, de que se des-
,, confiava delle com bastante injuria
,, deste Monarca. Se este Principe ver-
,, dadeiro, grande, e magnanimo jurou
,, solemnemente a paz comnosco, se
,, nos offereceo soccorro contra os Mou-
,, ros, se se offereceo a vir em pessoa
,, ca-

„ capitanear os nossos exercitos , que
„ razão ha para irmos hoje sem mais
„ fundamento tomar armas contra elle ?
„ Não poderão os Portuguezes fazer
„ movimento , que não seja contra nós ?
„ Estaõ por ventura obrigados a des-
„ cobrir-nos seus segredos ? E quem he
„ que os descobre , maiormente quan-
„ do os segredos envolvem alguma em-
„ preza grande ? Sem razão pois nos
„ consternamos , e maior injustiça he
„ querer intentar contra elles , só por-
„ que nos occultaõ seus designios. Quan-
„ do os formassem contra nós , bem
„ podeis estar certos , pois eu os co-
„ nheço muito bem , que não deixariaõ
„ de nos advertir , como generosos ,
„ e sinceros , que saõ. O Condestavel
„ D. Nuno Alvares Pereira , que cuida
„ com El-Rei , seu Senhor , em aprom-
„ ptar o armamento , que hoje he o
„ nosso terror , e objecto deste Conse-
„ lho , quando quiz entrar com a mão
„ alçada em nossas terras , primeiro
„ mandou aviso aos nossos Capitães ,
„ que estavaõ na fronteira. Se elle em
„ tempo de guerra declarada obrou com
„ tanta generosidade , quando o odio ,
„ e o interesse requeriaõ , e até torna-
„ va

„ va necessario o darem de subito con-
„ tra nós , por qual razão seria elle me-
„ nos generoso hoje que as duas Na-
„ ções vivem em paz entre si , e El-Rei
„ de Portugal dá todas as mostras de
„ querer mais que nunca conservar com-
„ nosco estreita amizade ? Desconfiem
„ embora os Mercadores de Genova ,
„ e seus Correspondentes de Sevilha ,
„ pois conhecem o que he o interesse ,
„ e não a honra ; mas nós devemos co-
„ nhecer o que he a honra , e não o in-
„ teresse , e a honra he a que nos deve
„ guiar em toda a occasião. Isto não
„ he dizer que não tenho por certo que
„ os Portuguezes nos farão guerra ,
„ quando lhe dermos motivo ; mas ao
„ mesmo tempo estou igualmente bem
„ persuadido de que nunca no-la farão
„ sem necessidade , e sem nos adverti-
„ rem , como he costume entre os So-
„ beranos , que conhecem , e respeitam
„ as Leis estabelecidas entre as Nações.
„ Para dar todavia providencia a tudo ,
„ mandemos-lhes Embaixadores , e obri-
„ guemo-los a dar novo juramento de
„ observar inviolavelmente a paz con-
„ cluida entre Castella , e Portugal. Se
„ elles o derem , cessará o terror da-
„ „ quel-

„quelles, que temem os seus prepa-
„ros; mas quando o recusem, serão
„legitimas nossas suspeitas, e não ha-
„verá já motivo de estranhar-nos toda
„a cautella, que tomarmos contra os
„seus designios, „

Todos os que se achavaõ ao Con-
selho foraõ do mesmo parecer, que o ve-
lho Corregedor de Carçola, e foraõ no-
meados para a embaixada o Bispo de
Mondonhedo, e D. Dias Sancho de Be-
navides. A affabilidade, com que foraõ
recebidos no Reino de Portugal, a prom-
ptidaõ com que El-Rei deo, e fez dar
aos Infantes seus filhos o juramento,
que se lhe requeria, e a generosidade,
de que usou para agradecer ao Corre-
gedor de Carçola a honrosa prática,
que tivera em seu abono, tudo mostrou
aos Castelhanos quanto tinhaõ de mal
fundadas suas suspeitas, e temores.

El-Rei D. Fernando de Aragaõ te-
ve por via de hum homem de Valença
em Hespanha os mesmos avisos, que os
moradores de Sevilha deraõ a El-Rei
de Castella seu Soberano. Differaõ a El-
Rei de Aragaõ, que El-Rei de Portu-
gal se alliára com o Conde de Urgel pa-
ra fazer-lhe guerra. Mandou seus Em-
bai-

baixadores a Portugal queixar-se a El-Rei, o qual mandou dizer-lhe que tão longe estava de declarar guerra contra elle, que antes estava prompto para ajudallo a conquistar o Paiz, que quizesse. Que em quanto ao demais brevemente o informaria do motivo, por que se armava. Com esta resposta socegou El-Rei de Aragaõ, e o de Granada entrou em maiores receios. Havendo este que os preparos de Portugal não se dirigiaõ a Castella, nem Aragaõ, teve como certo que a tempestade toda vinha sobre elle. E a maior razão que tinha para assim o crer era ter-lhe El-Rei de Portugal rejeitado o soccorro, que lhe offerêra, quando andava em guerra com Castella, dizendo que antes queria perder a Coroa do que conservalla com o soccorro dos Infieis; e não contente com rejeitallo, até nem quiz fazer paz, nem tregoa com elle. Tudo isto persuadia ao Monarca Granadino a crer que nelle sem dúvida tinha El-Rei de Portugal os olhos. Mandou logo Embaixadores a informar-se deste Soberano sobre esta materia; mas a resposta, que tiveraõ não foi sufficiente. Traziaõ os Embaixadores para offerecer á Rainha de Portugal

hum consideravel presente da parte da Rainha de Granada, para empenhalla a instar com seu Esposo que fizesse tregoa com El-Rei de Granada. Não quiz a Rainha de Portugal acceitar o presente, e disse aos Embaixadores que as Rainhas Christãs não se mettiaõ com os negocios de Estado. O Infante D. Duarte não os recebeo com mais acolhimento que a Rainha, de maneira que os Embaixadores voltáraõ para Granada muito descontentes dos Portuguezes.

Por este tempo, e em quanto se preparava para a guerra, sobreveio hum peste, que assolou Lisboa. A Rainha foi assalteada della, e por mais diligencias, que se fizeraõ, nunca foi possível separar a El-Rei do seu lado até que lhe morreo nos braços em Sacavem junto a Lisboa. Entranhavel foi, e viva a magoa de El-Rei. Com effeito não houve Rainha, que tanto merecesse ser chorada de hum Esposo, como a Rainha de Portugal merecia ser do seu. Era inimiga do fausto, cheia de piedade, modesta, caritativa, occupada unicamente em cousas domesticas, e zelosa de agradar a El-Rei, e em educar seus filhos. Morreo

reo a 18 de Julho na idade de sessenta, e quatro annos.

O Povo, que nunca se desmente em suas superstições, teve a sua morte, como presagio fatal para a empresa, que se havia de fazer. Esta idéa, que tanta impressão lhe fazia, obrigou-o a querer que se desistisse della; porém El-Rei que não se deixava levar das imaginações loucas de hum povo ignorante, e crédulo, mostrou-se firme no seu sentimento. Com o ruido das armas cessou o luto da Rainha. Não se via em Lisboa, senão gente militar. De todas as Nações da Europa vieraõ muitos Estrangeiros a esta Cidade servir debaixo das ordens de hum Rei como D. João. O mar estava coalhado de navios de toda a especie, e todos os arrabaldes de Lisboa, e margens do Tejo retiniaõ com os bellicos instrumentos. Em fim fez-se o embarque, e soltáraõ velas.

Era Commandante das Galeras o Conde de Barcellos, e das Náos o Infante D. Pedro. A Historia faz menção dos nomes dos Senhores, que partiraõ para esta expedição. O Infante D. Duarte, D. Fernando, Senhor de Bragança, e D. Affonso de Cascaes, ambos filhos

do Infante D. João , o Condestavel D. Nuno Alvares Pereira , D. Lopo Dias de Sousa , Graõ-Mestre da Ordem de Christo , D. Alvaro Gonçalves Camelo, Prior do Crato , Lançarote Pezano Almirante, D. Pedro de Menezes Conde de Viana , Alferes do Infante D. Duarte, Affonso Furtado de Mendoça , Capitão Mór do mar , Gonçalo Vasques Coutinho , D. João , e D. Henrique de Noronha , irmãos , D. João , e D. Fernando de Castro , Lopo Alvares de Moura, Gonçalo Anes de Sousa , D. Alvaro Peres de Castro , e seu filho D. Pedro , Martim Affonso de Mello , Capitão Mór da Guarda de El-Rei , Nuno Vasques Castelbranco , Monteiro Mór , Lopo Vasques Gil , João , e Diogo de Castelbranco , irmãos , e filhos de Gonçalo Vasques, Senhor de Sobrado , João Vasques de Almada , Pedro , e Alvaro seus filhos , Nuno Martins da Silveira , Diogo Gomes da Silva , Alferes Mór de El-Rei , Gil Vasques da Cunha , Diogo Soares , Vasco Martins de Albergaria , Pedro Lourenço de Tavora , João Alvares Pereira , Gonçalo Lourenço de Gomide Escrivão da Puridade , João Affonso de Santarém , Gonçalo Mendes Barreto, Al-

Alvaro Gonçalves de Attaide, Intendente da Casa do Infante D. Pedro, e depois primeiro Conde de Atouguia, Pedro Peixoto, João Rodrigues Taborda, Martim Lopes de Azevedo, Fernão Vasques de Sequeira, e outros muitos, todos de merecimento, e bem nascidos.

Entre os Estrangeiros hia hum Senhor Allemaão, que tinha trazido consigo, e á sua custa quarenta lanças; e hum Senhor Inglez acompanhado de quatro navios de guerra bem armados, e esquipados á sua custa. Não se sabe o número das tropas, tanto de mar, como de terra, que compunhaõ esta armada. Em quanto ás velas sabe-se que montavaõ a duzentas, e trinta. Mais numerosa frota não se vio nunca em nenhum tempo fazer á vela dos portos de Hespanha. Toda a Europa pasmou de vêr, que hum Reino tão pequeno, como o de Portugal, armára com tanto poder, mórmente depois de tão longa, e tão damnosa guerra, como a que acabára de sustentar.

Partio em fim a frota, e foi a primeira que os Hespanhoes enfeitáraõ com flammulas, bandeiras, estandartes, e outros

tros enfeites hoje tão usados nas armadas navaes. Foi molhar em Lagos, e depois em Faro, onde El-Rei declarou qual era seu intento. Continuou sua derrota, e foi demandar o Estreito de Gibraltar. Os moradores da Praça deste nome, sem saber quaes eraõ os intentos de D. João, mandáraõ pedir-lhe paz por varios Deputados, e offerecer-lhe alguns presentes. Apenas Martim Fernandes Portocarreiro, Portuguez de nascimento, irmão da Condeça D. Guiomar, e Tio de D. Pedro de Menezes, primeiro Conde de Villa Real, descobrio de Tarifa, onde era Governador, a frota Portugueza, mandou tambem seu filho Fernando a cumprimentar a D. João, e offerecer-lhe refresco para todo o seu exercito. Mostrou-se El-Rei muito agradecido á sua urbanidade, dando a seu filho mostras de reconhecimento.

Chegou finalmente a frota á enseada de Ceuta. Era Governador da Praça Zalabenzala, descendente dos Reis Benemerins, velho, mas robusto ainda, e muito valente. Corrêraõ em seu socorro cinco mil Mouros, e como El-Rei tivesse ordenado que a frota se prolongasse ao longo da Praça para atacal-

la,

la, sobreveio huma tempestade, que espalhou toda a frota, a qual logo desapareceo. Crendo Zalabenzala que era partida, despedio os sinco mil Mouros, que tinhaõ vindo em seu soccorro, pela desordem, que causavaõ na Praça, e estragos, que faziaõ em seus contornos. E ao mesmo tempo que elles poderiaõ ter chegado ás suas terras, ajuntou-se a frota, e voltou para Ceuta. Fez El-Rei conselho, e depois de ter excitado o valor dos Portuguezes, deo as ordens necessarias para o desembarque.

A 15 de Agosto, dia da Assumpção de Nossa Senhora, metteo-se n'uma Chalupa, e ainda que ferido de huma perna, visitou toda a frota, fallou aos seus soldados, exhortou-os a fazer bem o que deviaõ, e a sustentar sua gloria, e a da Nação, combattendo valerosamente.

Tremia Zalabenzala, e posto que valente, e destemido receava de si, e da Praça. Via-se atacado por hum Rei, a quem a victoria acompanhava por toda a parte, que levava comfigo toda a Nobreza do seu Reino, e que á força, e experiencia das armas unia huma rara prudencia, e constancia capaz de fazer
fe-

felizes as empresas mais difficultosas. Forcejavaõ os seus por animallo, quando este Africano não era no valor fomenos, que elles; mas como tinha mais experiencia, antevia o futuro, e julgava como certa a sua ruina. Todavia mandou marchar as suas tropas para as praias a fim de embaraçar o desembarque dos Portuguezes. Vendo João Fogaça, Vedor do Conde de Barcellos, coberta a Costa de Mouros, não se pode ter; sem esperar o final, investio á praia, e com tal presteza que foi o primeiro que chegou com o seu navio. Saltou a terra Rui Gonçalves, que depois foi Vedor da Infanta D. Isabel, affugentou os Mouros, e facilitou o desembarque a seus Camaradas. Traz de João Fogaça, e seus seguidores partíraõ o Infante D. Henrique, Estevão Soares de Mello, e Mem Rodrigues de Refoios, seu Alferes, e foraõ os primeiros, que espalháraõ o sangue dos Africanos no seu proprio Paiz.

Depois do Infante D. Henrique saltou a terra o Infante D. Duarte com Martim Affonso de Mello, e Vasco Anes Corte Real. Alguns Mouros entráraõ a esmorecer, e voltando costas ganháraõ a
por-

porta de Almina, e entráráo na Praça. Os Christãos, cujo número cresceo insensivelmente, foraõ em seu alcance com grande ardor, e Vasco Anes entrou com elles na Praça. Defendiaõ-se todavia os Mouros, que combatiaõ da outra parte da Praça; porém matando Vasco Mendes de Albergaria com hum tiro de lança a hum Mouro, que os capitaneava, homem de bizarro porte, e extraordinaria força, pozeraõ-se todos em fuga, e entráráo na Praça por diversas portas. Entráráo tambem os Christãos confundidos entre elles, e capitaneados por Vasco Mendes de Albergaria, que nesta occasiaõ fez prodigiosas acções de valor. Vendo-se Zalabenzala com os Christãos dentro de Ceuta, com os olhos arrasados em lagrimas, disse com altas vozes: “He Deos assim servido; mas vós leaes Musulmãos, que vejo em torno de mim, salvai as vidas, se poderdes.” Juntou o Infante, e o Conde de Barcellos, seu irmão, os Portuguezes, que se achavaõ na Praça, e víraõ que não tinhaõ dentro della mais que quinhentos homens. Mandáraõ ordem aos que tinhaõ desembarcado que viessem sem de-

demora juntar-se com elles. Chegou Pedro Vasques Fernandes de Attaide com a sua Tropa, e traz delle João Fernandes, Inspector dos Despachos. Apenas o Infante se avistou com elles: “Estas são, „lhes disse, as festas, que devem de „fazer-se para armar-vos Cavalleiros; „só estas são dignas de vós, e não as „que se vos preparavaõ em Lisboa: „e logo ambos os Infantes dividirão em muitos corpos as Tropas, que tinhão comsigo, e marcharão por diferentes lugares a atacar os Mouros, que tambem estavam encorporados em diversos lugares da Praça. El-Rei, que ficára a bordo, tendo noticia da felicidade dos Infantes D. Duarte, e D. Diniz, ordenou ao Infante D. Pedro que saltasse á praia. Obedeceu elle, e posto em terra marchou em direitura á Praça, e achando a alguns Portuguezes a ponto de recuar a hum grande número de Mouros, teve mão nelles, e dentro em pouco tempo obrigou os Infieis a dar costas, os quaes algumas vezes fazião cara, e defendiaõ-se valerosamente. Marchando porém sempre o Infante, achou-se cercado de todos os lados pelos Mouros, sem
ou-

outrem que estivesse ao seu senão Alvaro Gonçalves Mascarenhas, Vasco Esteves Godinho, Gomes Dias, e Fernando Alvares, e todos elles se defendêraõ com tal valor, que deixou pasmados os Mouros. Divulgou-se todavia que era morto o Infante D. Pedro, e correndo Vasco Fernandes de Attaide ao lugar, onde se dizia ter elle morrido, chegado que foi a elle, matáraõ-o com huma pedrada. Pouco depois veio D. Garcia Moniz, e abrindo o caminho por entre os Mouros até chegar ao Infante, representou-lhe o perigo, que lhe hia em demorar-se mais tempo, onde estavaõ. Deraõ sobre os Mouros, fizeraõ-os arredar-se, e entráraõ para huma Mesquita, onde estava o Infante D. Duarte.

Lavrava por toda a Praça a matança, e tudo era confusão. Zalabenzala, que se retirava para a Fortaleza, vendo que não havia já a que recorresse, mandou por hum dos seus pôr em seguro suas mulheres, e seus thesouros, e montando n'hum cavallo, procurou salvar-se na fugida. Chegada a noite, e tendo El-Rei desembarcado tambem com o resto da Tropa, ordenou a João Vasques de Almada que fosse arvorar o estandar-

darte Real sobre as muralhas da Fortaleza, e o Infante D. Duarte mandou o seu Alferes D. Pedro de Menezes fazer o mesmo sobre a Torre de ferro. Fizerão a isto toda a resistencia os Mouros, que a tinhaõ buscado por guarida; porém forçados pelos Portuguezes, grande parte delles foraõ mórtos.

No dia seguinte á tomada de Ceuta, foi esta Praça saqueada, e immenso o esbulho, que nella se fez. O Conde de Barcellos, que depois foi Duque de Bragança, tirou do Palacio de Zalabenzala mais de seiscentas columnas de alabastro, ou marmore, as quaes mandou transportar para Portugal, e com ellas ornou o seu palacio de Barcellos. Os outros Portuguezes não acháraõ menos, com que satisfazer a sua cobiça, e curiosidade.

Ignora-se até onde montou o número dos Infieis, que morrerão. Dizem huns que foraõ dez mil, e outros cinco mil. Não se via pelas ruas mais que cadaveres, os quaes foraõ lançados ao mar, e dizem que esta conquista só custára aos Christãos dez, ou doze homens, e que entre estes o de maior consideração fora Vasco Fernandes de Attaide.

de. Os Mouros, que escapárao ao saque de Ceuta, apparecêrao dous dias depois pelos montes visinhos; e querendo o Infante D. Duarte fahir da Praça a dar sobre elles, oppôz-se El-Rei a isso, dizendo, que viera a conquistar Ceuta, e não a fazer guerra formal no Paiz. Houve todavia varios conselhos para se resolver se devia ser arrazada Ceuta, ou deixar nella alguma guarnição. Quasi todos foraõ do primeiro parecer, e poucos entendêrao que seria melhor conservar a Praça; e deste parecer foraõ El-Rei, e o Condestavel, que eraõ os mais illustrados. Chamou El-Rei logo a Martim Affonso de Mello, e disse-lhe que fazia eleição delle para Governador da Praça. Pedindo-lhe Martim Affonso tempo para considerar se devia, ou não acceitar a honra, que se lhe fazia, concedeo-lho El-Rei. Ajuntou elle seus amigos, e todos lhe deraõ de conselho que agradecesse a El-Rei a honra, que lhe fazia. Offereceo-se entaõ para governar Ceuta D. Pedro de Menezes, Conde de Islo em Castella, e depois Marquez de Villa-Real em Portugal. Acceitou El-Rei seus serviços, e dispensou-o do juramento de fidelidade, tan-

tanto caso fazia da sua virtude, e valor! Rui de Souza tambem pedio licença a El-Rei para ficar na Praça, e substituir o lugar de D. Pedro de Menezes, o que D. João lhe concedeo. Ha quem diga que quando D. Pedro de Menezes se offerecêra a El-Rei para Governador de Ceuta, tinha na mão hum bastão de faia, e que lhe dissera: “ Com este bastão fô
,, quero defender Ceuta, Senhor, con-
,, tra todas as forças dos Mouros. ,,
Com effeito sustentou a palavra com a generosa resistencia, que lhes fez, quando vieraõ atacallo. Ainda hoje se vê, segundo dizem, o seu bastão em Ceuta.
Acha-se esta Praça assentada á fôz do Estreito de Gibraltar sobre huma montanha, que correndo ao Norte, e ao Levante forma huma especie de Cabo. Crêraõ naquellas eras (e talvez que ainda hoje haja quem o creia) que fora edificada pelos netos de Noé, e que este lhe dera o nome de *Gerd*, que na lingua Syriaca, quer dizer *Principio de belleza*, porque fora, como dizem, a primeira Praça, que se fundára na Africa. Mais de oitocentos annos havia que os Mouros a possuiaõ, e reputavaõ como a Praça mais consideravel da Africa,

ca, assim por suas riquezas, que eraõ immensas, como porque nella tinhaõ edificado huma célebre Universidade, e feito hum armazem de armas, e monições de boca. Esta a praça, que passava por inconquistavel, quando os Portuguezes a tomáraõ, e he a primeira conquista, que elles fizeraõ na Africa. Passou depois ao dominio dos Hespanhoes, a quem foi tomada pelos Africanos, durante a guerra de Philippe V. contra o Archi-Duque, presentemente Imperador. Mas hoje os Hespanhoes estã senhores della.

No dia seguinte á tomada Ceuta, que era a 15 de Agosto, foraõ El-Rei, e os Infantes, acompanhados de todos os Fidalgos Portuguezes, que se achavaõ no exercito, á Mesquita principal da Praça, que se tinha convertido em Igreja, a ouvir Missa. Acabada esta, armou El-Rei Cavalleiros os Infantes seus filhos, D. Duarte, D. Pedro, e D. Henrique. Cingio-os com as mesmas espadas, que sua mãi D. Fillippa lhes dera poucas horas antes de expirar; e elles depois de armados Cavalleiros, armáraõ outros muitos por suas proprias mãos.

Dis-

Dispostas as cousas todas em Ceuta, embarcou-se El-Rei a dous de Setembro para voltar a Portugal. Chegou a Tavira no Reino do Algarve, e depois de ter dado licença ás suas Tropas, e recompensado aos Estrangeiros, nomeou Duque de Coimbra o Infante D. Pedro, e o Infante D. Henrique, Duque de Viseo. Partio depois disso para Evora, onde os Infantes D. João, D. Fernando, e sua irmã D. Isabel o esperavaõ com Fernão Rodrigues de Sequeira, Graõ-Mestre da Ordem de Aviz, e Governador do Reino na ausencia de El-Rei. Naõ houve homem, mulher, nem criança, que naõ sahisse a receber o seu Soberano, e dar-lhe os parabens entre muitos vivas do feliz successo das suas armas. Entrou na Cidade, acompanhado de todo o Povo, que naõ cessava de pôr os olhos nelle, e admirallo. Dahi partio El-Rei para Lisboa, onde apenas chegára, teve noticia que os Mouros procuravaõ sem cessar o Conde D. Pedro de Menezes. Tinha este ordem expressa de El-Rei para nunca sair da Praça a combatellos sob qualquer pretexto, que fosse. Havendo os Mouros este genero de proceder como cobar-
dia

dia da parte dos Portuguezes , affolavaõ impunemente o campo com a sua cavallaria , e não deixavaõ os estrangeiros navegar a Cõsta com seus navios. Á vista do que resolveo-se D. Pedro a deixar fahir suas Trópas de tempos em tempos a dar caça aos Mouros , e no espaço de quatro annos nunca cessou de dar sobre elles. Ajuntáraõ em fim os Mouros suas forças todas com intento de fazer-lhe hum cerco formal , cuja execução ficou sem effeito pela desavença , que nasceo entre elles. Mulei Buzaide disputava a Coroa de Féz com hum de seus irmãos , e Mulei Boacei achava-se occupado na defeza da de Marrocos contra hum dos principaes Senhores do Paiz , que lha queria tirar. Debalde intentára El-Rei de Granada accomodallos ; mas por fim veio a conseguillo , e obrigou-os a ajuntar suas forças ás d'elle Monarca Granadino para restaurar Ceuta. Todos os seus assaltos sustentou o Conde D. Pedro de Menezes com incrível valor , e pasmosa affouteza. Temendo porém vêr-se opprimido mandou pedir soccorro a El-Rei seu Soberano , que para este effeito despedio logo os Infantes D. Henrique , e D. João. Os

TOM. V. N *quaes*

quaes unindo-se com D. Pedro sahíraõ contra os Mouros, desbaratáraõ-os, e salváraõ a Praça.

1416. El-Rei, depois que voltára para Lisboa, só se occupava em estabelecer a boa ordem, e tranquillidade no seu Reino. Fez-se tambem toda a diligencia para concluir-se huma paz perpetua com Castella, e para este fim foi proposta ao Conselho da Regencia. Os pareceres foraõ diversos: huns a desejavaõ em extremo, outros accesos em desejos de vingar a mórté, dos que tinhaõ perdido a vida em Aljubarrota, não só se oppunhaõ com desprezo a ella, senaõ que até queriaõ que se renovasse a guerra. Os que entre estes se haviaõ com alguma moderação, diziaõ que para se concluir esta paz era conveniente que se esperasse a maior idade de El-Rei, que pelo meado do anno de 1419 entrára nos quatorze de sua idade. Despacháraõ por este tempo os Portuguezes seus Embaixadores para Castella, a fim de cumprimentar a El-Rei pela sua maior idade, e indagar seus intentos a respeito da paz perpetua, sobre que se fallára na sua menor idade. Prometteo elle mandar logo seus Embaixadores a Portugal, e assim

fim o fez. Veio a Lisboa D. Affonso de Carthagená , Deão do Cabido de Segovia , e depois Bispo de Burgos , com D. João Affonso de Camora , Secretario da Embaixada , os quaes traziaõ ordem sómente para prolongar por onze annos a tregoa , a qual tanto que expirasse , teria cada hum direito de parte a parte para fazer paz , ou declarar guerra: que no entanto seriaõ mandados respectivamente Arbitros ás fronteiras , os quaes decidissem sobre as pretensões de huns , e outros ; que estes Arbitros se ajuntariaõ hum dia em terras de Portugal , e outro nas de Castella , e assim alternadamente até concluirem sua negociação , e finalmente que de parte a parte seriaõ obrigados , de oito mezes antes de expirar a tregoa , a advertir huns aos outros , quando tivessem intento de fazer guerra.

Esta a disposiçaõ , em que se achavaõ as cousas em Hespanha , quando os Portuguezes valendo se da paz , cuidáraõ em viajar os mares para descobrir novas terras. O Infante D. Henrique , que se tinha dado aos estudos Mathematicos , foi o primeiro author destas viagens. Mandou esquipar duas embarcações,

ções, e provendo-as de todo o necessario para huma longa, e arriscada navegação, deo o mando della a dous homens, que eraõ havidos pelos mais habilitados marinheiros do seu tempo, com ordem de ir o mais longe que podessem demandar as Cóstas da Africa para informar-se dos Paizes, que abrangia esta parte do Mundo, e das Nações, que habitavaõ. Embarcáraõ-se em 1410, e tomando o rumo do Meio-Dia, velejáraõ taõ longe, que dobráraõ o Promontorio Atlas, assim chamado pelos Antigos, e naquellas éras o Cabo do *Naõ*, porque todos entendiaõ que quem se aventurava a passallo, nunca mais voltava á Patria. Todavia os marinheiros, a quem

1420. D. Henrique confiou as suas duas Embarcações, passáraõ sessenta leguas avante, e chegáraõ ao Cabo de Bojador, hoje chamado *Ganaria*, situado á vista da Ilha, que agora chamaõ Graõ-Canaria. Chegados que foraõ a este lugar, a violencia das ondas obrigou-os a reboçar caminho, e voltar a Portugal, onde deraõ conta ao Principe D. Henrique do que tinhaõ visto.

Dentro em dez annos ninguem ou-
sou de dobrar o Cabo de Bojador. Mas
ha-

vendo D. Henrique que ainda se podia ir mais longe, esquipou tres navios em 1420, e deo o mando de hum a João Gonçalves, e de outro a Tristão Vaz. Ambos ganhárao o mar alto, o que até entao ninguem ousara de emprehender, e descobriraõ entre outras a Ilha da Madeira, que conquistárao em nome de El-Rei de Portugal. Gil Annio, terceiro Piloto, a quem o Infante deo o mando do terceiro navio, depois de ter escapado a muitos escolhos, e observado cuidadosamente o fluxo, e refluxo das aguas, dobrou em fim o Cabo de Bojador, e abriu caminho aos Portuguezes para a Ethiopia Occidental. E continuando a costear a Africa, chegou até o Cabo, que hoje chamaõ Serra-Leoa, por se achar nestas visinhanças huma cova, donde se ouve hum ruido tao horroroso, que se assemelha ao bramido de huma leoa. Distã este Cabo do de Bojador trezentas e sessenta leguas. Feita esta navegaçaõ, e descobrimento voltou Annio a Portugal para receber o galardão devido ao seu valor, e acções. Passáraõ-se sincoenta annos sem que alguem ousasse de dobrar o Cabo de Serra-Leoa. Mas no entanto se desco-

co-

cobríraõ as Ilhas Canarias , que todos entendem fer as que os Antigos chama-vaõ Fortunatas. Este descobrimento fizeraõ os Biscainhos , e Navarros capitaneados por hum Fidalgo de Normandia, chamado Joaõ de Bethencourt , o qual todo o tempo , que lhe restou de vida , foi senhor dellas , e até tomou o titulo de Rei , que deixou por sua morte a hum de seus parentes. Mas temendo elle que não poderia conservallas , vendeo-as a hum Conde Hespanhol , de quem passáraõ ao dominio de El-Rei de Hespanha.

Se o anno de 1420 foi memoravel pelas temerosas navegações dos Portuguezes ; o de 1422 não o foi menos pela mudança , que El-Rei fez no modo de contar os annos. Serviaõ-se até entaõ para isso da era de Cesar , e quiz El-Rei que dalli em diante se usasse da Época de Jesu Christo , seguindo nisto o exemplo de D. Joaõ I. , Rei de Castella , que tambem seguira o de El-Rei de Aragaõ.

Pouco depois desta mudança , retirou-se a hum Convento o Condestavel, que entaõ tinha sessenta e dous annos , a fim de dar-se todo ao serviço de Deos.

Nes-

Neste retiro viveo nove annos em tão grande recolhimento, que todos diriaõ ter elle passado a vida toda na oraçaõ, e retiro. Depois da mórte de sua mulher nunca conheceo outra: jejuava continuamente, e levantava-se de noite, como os Monjes: tinha renunciado todas as honras, e dignidades do mundo, e quasi todos os seus bens distribuio com os pobres. Morreo em fim com grandes sentimentos de piedade na idade de setenta e hum annos, e seu corpo foi sepultado n'hum Igreja, que fundára em Lisboa. Ahi se conservaõ ainda a sua espada, e a sua lança. Des da idade de quatorze annos tomou armas, e nunca as largou, por assim dizer, senaõ no instante, que renunciou o mundo. Sua vida foi hum encadeamento de victorias, e acções grandes. Naõ se amoldava o seu valor com o descanso, e ociosidade, e sendo por isso arrebatado, era todavia arrasoado, sisudo, e dotado de espirito sólido, vivo, e atilado: valente á testa dos exercitos, no gabinete prudente, grande Ministro, e Capitãõ ao mesmo tempo. Sua liberalidade, e desinteresse naõ eraõ somenos ás outras virtudes, que nelle reluziaõ. Soube

1422.

be accommodar os interesses da Religião com os do seu Principe, e merecer o amor dos Póvos sem dar o menor motivo de desconfiança ao seu Monarca. Os inimigos o estimavaõ, e respeitavaõ, e os Portuguezes faziaõ d'elle tamanho conceito, que se contemplavaõ por invenciveis quando eraõ por elle capitaneados. Era de estatura mais da ordinaria; nem muito gordo, nem muito magro. Tinha o rosto cheio, a testa larga, os olhos pequenos, porém vivissimos, o nariz alguma cousa levantado no meio, e tirando para aquilino, o semblante vivo, os cabellos castanhos claros, e a barba hum pouco cerrada, e comprida. Em fim seu porte, e exterior todo influa respeito aos que o tratavaõ. El-Rei, que era quasi da sua idade, sentio muito a sua morte. Affistio ás suas exequias com todas as Ordens do Estado, e grande concurso de Povo, que se desfazia em lagrimas.

1423. Estavaõ todavia ainda para partir os Arbitros de Castella, e Portugal, que haviaõ de tratar das pretensões das duas Coroas huma sobre a outra; mas como a tregoa de onze annos hia sempre aturando, mandou El-Rei de Portugal a
Cas-

Castella D. Fernando de Castro , e o Doutor Fernando da Silveira para affistirem á publicação , que della se havia de fazer naquelle Reino. Com effeito fez-se esta cerimonia em Avila , onde acabada que foi , deo El-Rei hum torneio. Esquecendo-se Fernando de Castro da dignidade , que occupava , quiz quebrar huma lança de encontro a Rui de Mendoça , Mordomo de El-Rei de Castella. Caro lhe custou esta imprudencia ; porque o Mordomo deo com elle em terra , e ferio-o mortalmente. Mas logo que sarou da ferida , voltou para Portugal , pouco estimado para Ministro , e muito menos para homem de guerra. Em seu seguimento veio logo a Lisboa o Deão de Segovia com o Secretario João de Camora para affistir por parte de Castella á publicação da tregoa , que se fez naquella Cidade , sem que sobreviesse algum incidente.

Foi esta tregoa havida como paz 1424.
perpetua ; tal esperavaõ todos que fosse com o andar do tempo , que naturalmente devia de extinguir o odio , que imperava entre as duas Nações. O Infante D. Pedro , que entaõ entrava na idade de vinte e dous annos , intentou
via-

viajar para ter noticia dos costumes, e usos dos differentes Póvos, que habitaõ o Mundo, instruir-se nas Artes, e Sciencias, que os homens cultivaõ, na maneira, com que se governaõ, e diversas religiões, que professaõ. Dando-lhe permissaõ para isso El-Rei seu Pai, deo-lhe tambem a equipagem conveniente ao seu nascimento. Vio o Principe as Cortes Romana, Ottomana, e Persica, e por toda a parte deo mostras do valor, e prudencia, que o constituiraõ amavel, e ao mesmo tempo estimavel. Era Pontifice na Igreja de Deos Martinho V., quando elle passou a Roma. O qual lhe concedeo, que os Reis de Portugal tivessem o privilegio de serem sagrados no dia da sua acclamaçaõ, da mesma maneira que o eraõ os de França, e Aragoã, como se fora necessario recorrer ao Papa para se praticar estas ceremonias. Antes de voltar á sua Patria foi vêr Allemanha, Hungria, e Polonia, cujo Rei marchou em soccorro do Imperador Sigismundo contra os Infieis, e elle o acompanhou. Durante esta guerra fez grandes proezas, com que mereceo mostras de distincçaõ da parte destes Monarcas. Voltando para o seu paiz
pas-

passou por Inglaterra, onde El-Rei Henrique IV. o recebeu com grande carinho. O mesmo fez El-Rei de Castella seu primo, quando elle veio ao seu Reino; e nestas viagens gastou o Infante quatro annos.

Em todo este tempo hia El-Rei governando seus Estados com rara prudencia. Seus cuidados não se diminuiaõ com a idade, nem a viveza, com que se havia em espertar a observancia das Leis, e em procurar que se fizesse justiça exacta aos seus Vassallos. Deo força de Leis ás Ordenações, que o Chanceller do Reino João de Regras fizera para a administração da Justiça, publicadas em lingua vulgar.

Seu filho D. Duarte era entrado na idade de vinte e seis annos, e ainda não se fallava em casallo, o que trazia o Povo inquieto. Para arredar estes temores casou-o El-Rei com a Infanta D. Leonor, irmã de D. Affonso, Rei de Aragaõ, e de Napoles, filho de D. Fernando I. Este calamento fez o Arcebispo de Lisboa D. Pedro de Noronha, e para dote da Princeza se consignou metade do que fora da Rainha defunta, promettendo-se-lhe demais disso a outra

ame-

ametade, logo que ella subisse ao Throno. Acompanhou a esta Princeza para Portugal o Arcebispo de Sant-Iago D. Lopo de Mendoça com o Arcebispo de Cuença. Seu trem era soberbo, e sua casa numerosa. Entrados que foraõ na primeira Villa de Portugal, desavindos alguns dos seus com varios Portuguezes, houveraõ mortes; e D. Duarte, porque os Portuguezes foraõ os aggressores, mandou-os castigar rigorosamente.

Quando se tratava do seu casamento em Aragaõ com a Infanta D. Leonor, tratava-se em Catalunha do de seu irmão o Infante D. Pedro com D. Isabel, filha primogenita de D. Jaime Conde de Urgel, e neta de El-Rei D. Pedro IV. Algum tempo esperou elle subir ao Throno de Aragaõ; mas perdendo esta esperanza, acceitou o casamento, que se lhe propunha, e passou a Portugal em 1429, onde foi recebida de El-Rei seu Sogro com pompa, e magnificencia.

1429. Neste anno passou a Infante de Portugal D. Isabel n'uma frota bem esquipada a Flandres a desposar-se com Philippe Duque de Borgonha, e Conde de Flandres. Celebrou-se seu casamento em Bru-

Bruges com toda a galantaria , que se costuma naquella Paiz , e para que o festejo fosse mais luzido houve torneios, justas , escaramuças. Nadavaõ as ruas em vinhos os mais exquisitos , e tomado o Povo delle , e d'alegria , rompeo naquelle dia nas demonstrações mais vivas do seu amor , e afeição ao seu Principe. Nesta occasião instituiu Filippe a Ordem do Toesaõ d'ouro em honra de D. Isabel , cuja graça , e formosura eraõ sem par. Seu esposo teve-a em tanta estima, e amou-a tanto , que nunca emprehendeo cousa alguma , quer na paz , quer na guerra , sem consultalla. Deste matrimonio nasceo o Duque Carlos , Pai de Maria , com quem casou o Imperador Maximiliano. 1429.

Consummados estes matrimonios cuidou El-Rei em congraçar os Reis de Castella , Aragaõ , e Navarra , que andavaõ em cruel guerra entre si. Esta negociação foi dada a cargo a Martim Gonçalves de Attaide , e a Nuno Gonçalves da Silveira , ambos Embaixadores, os quaes naõ deraõ boa conta della. Entendendo El-Rei de Castella que a Rainha Mãi era a causa das desordens de Hespanha , mandou recolhella no Mostei- 1430.

teiro de Tordefilhas ; porém logo foi solta a instancias de El-Rei de Portugal.

1431. Estava a tregoa de onze annos a ponto de expirar , e foraõ nomeados de parte a parte Embaixadores para a prolongar , ou converter em paz perpetua, Eraõ os de Portugal Pedro Gonçalves Malafaia , e o Doutor Rui Fernandes. Declarada a guerra entre El-Rei de Castella , e o de Granada , seguiu Pedro Gonçalves o partido do Monarca Castelhano , e acompanhou-o na campanha, no fim da qual se concluiu , e assinou a paz. Depois que os Embaixadores Portuguezes a fizeraõ publicar em Castella , foraõ os Embaixadores deste Reino fazella publicar em Portugal. Este o fim, que tiveraõ as desavenças , que quasi sincoenta annos havia que traziaõ inquietos os Portuguezes , e os Castelhanos.

1433. Entrava El Rei de Portugal a sentir os effeitos da velhice , e em todos era grande o descontentamento , com que o viaõ ir caminhando a passos largos para a sepultura. Tornavaõ-se de dia em dia maiores as suas enfermidades , de maneira que o passáraõ a Alcochete a mu-

mudar de ares ; mas dando-se lá peor , que em Lisboa , quiz voltar para esta Cidade , onde vivendo ainda doente alguns dias , morreo em fim a 14 de Agosto , vespera da Assumpção de Nossa Senhora. Foi este Monarca grande Capitão , grande homem de Estado , isto he , grande Rei , digno de viver eternamente na memoria dos homens. A vespera da Assumpção foi dia memoravel para elle ; pois neste dia descobrio a conjuração , que se tratava contra a sua vida , ganhou a batalha de Aljubarrota , tomou a Praça de Ceuta , morreo , e foi levado á Igreja da Batalha , que elle fundára. Esperou a morte , quando estava proximo a ella , com pasmosa resolução , e até o ultimo suspiro não cessou de falar a seu filho D. Duarte sobre o modo , com que se devia haver para reinar bem. Pouco antes de expirar mandou que se lhe cortassem os cabellos da barba , para que depois da morte não parecesse tão disforme aos que viessem vello. He conveniente , dizia elle , arredar com industria , quanto póde ser , os horrores da morte.

Logo que se publicou na Cidade a noticia de sua morte , todos os morado-

dores de Lisboa se cobriraõ de tristeza: todos choravaõ sem consolaçaõ , e as lágrimas de todos eraõ o elogio , que merecia este Principe , cujo corpo foi levado de noite á Igreja Cathedral de Lisboa acompanhado dos Infantes seus filhos , dos Grandes do Reiuo , e de hum innumeravel concurso de pessoas de toda a idade , sexo , e condiçaõ.

Era D. Joaõ na figura , e porte pouco avantajado. Tinha o rosto magro, os olhos vivos , a testa estreita , os cabellos negros , a bocca grande , mas engraçada. Era robusto , e acostumado ao trabalho , moderado na prosperidade, alegre , alentado , e tranquillo na adversidade , e sempre generoso , magnifico , e clemente. Era taõ valente que passava a temerario , e nunca recuou aos inimigos por muitos que elles fossem. Suas virtudes civis naõ eraõ fomenos ás guerreiras , que nelle reluziaõ. Nunca tirou os olhos do bem publico , e tinha a seus vassallos tanto amor , como hum Pai de familias tem a seus filhos. Desprezando o fausto , e aquella falsa grandeza , que affectaõ os que por seu nascimento , e fortuna sobem aos primeiros lugares , despia-se da magestade
do

do Throno para conversar familiarmente com os que o buscavaõ. Ninguém o reconhecia por Soberano, fenaõ pelos avultados beneficios, que fazia aos que o serviaõ bem, ou na guerra, ou no ministerio, ou aos que se distinguiã por algum talento util nas artes, e sciencias, porque nem só o valor era digno das suas recompensas. Os homens dotados de espirito, e talento tambem participavaõ dos effeitos da sua liberalidade. Naõ tomava para Ministros homens desafisados, e ignorantes, que contemplaõ as Sciencias, e a cultura do espirito, como cousas indifferentes, de que naõ póde resultar alguma utilidade a hum Estado. Promulgou muitas Leis, que ainda hoje se observaõ em Portugal, e mandou traduzir em vulgar o Codigo de Justiniano. Entre o grande número de Igrejas, que fundou, he notavel a da Batalha, onde jaz sepultado. Sabida couza he que elle fundára esta Igreja em acção de graças a Deos pela victoria, que alcançou na batalha de Aljubarrota. A sua instancia erigio Bonifacio IX. em Metropole a Igreja de Lisboa. Tambem foi elle o que deo principio ao Paço Real de Lisboa, e que ornou esta Cida-

TOM. V. O de

de, e a Villa de Santarem com muitos edificios admiraveis.

Os filhos, que teve, forão D. Branca, e D. Affonso, que morrêraõ meninos, D. Duarte, seu Successor, D. Pedro, Duque de Coimbra, que compoz muitas Obras em prosa, e em verso, que viajou a muitas partes do mundo, e a quem se attribue a invenção da viola (talvez que fosse só quem a aperfeiçoou.) Das suas viagens trouxe hum mappa, onde o Estreito de Magellan vem com o nome de Cauda de Dragaõ, e o Cabo da Boa-Esperança com o de Testa da Africa. Este mappa servio de muito ao Principe D. Henrique para os seus descobrimentos. Os Catalães quize-raõ eleger por seu Rei a D. Pedro; mas ficou sem effeito a boa vontade, que tinhaõ a respeito deste Principe. Por sua morte lhe ficáraõ muitos filhos, e entre outros D. Jaime que foi Cardeal, Arcebispo de Lisboa, e homem célebre pela sua erudição, virtude, e muito mais pela sua continencia.

D. Henrique a quem D. João seu Pai nomeou Graõ-Mestre da Ordem de Christo, applicou-se com todo o disvelo ao estudo das Mathematicas, e á

Na-

Navegação. Morreo na idade de sessenta, e sete annos depois de ter fundado muitas Igrejas, e entre outras huma á beira mar, duas leguas arredada de Lisboa em honra da Sanctissima Virgem, para que lhe favorecesse suas empresas maritimas. Era este Principe pio, sabio, e valente. Obteve do Papa Martinho V. que tudo o que os Portuguezes descobrissem desde o Cabo de Bojador até ás Indias ficasse pertencendo á Coroa de Portugal, e isto mesmo confirmárao depois outros Papas, principalmente o que traçou a famosa linha da demarcação, empreza contraria ao Sagrado Direito dos Soberanos, que só dependem de Deos, e das Leis, e que a respeito de suas Conquistas só devem consultar a recta razao, e sua consciencia. Dizem que esta graça requerera elle para mover os Reis de Portugal a extender seus descobrimentos, e animar os Pilotos em viagens tao temerosas. Quanto ao mais galardoava-os elle mesmo muito bem, e muitas vezes repetia esta sentença Franceza: *Talent de bien faire*; com que incitava a todos a occupar-se em alguma couza util, e proveitosa ao Estado, e á Religiao. Os Marinheiros, e Pilotos ti-

nhaõ-o em tanta estima, e amavaõ-o tanto, que para eternisar a sua memoria, graváraõ na calca das arvores dos novos Paizes, que descobriaõ, estas mesmas palavras: *Talent de bien faire*. Morreo este Principe em 1460 em Sagres junto ao Cabo de S. Vicente, onde vivia retirado a fim de applicar-se inteiramente ao estudo.

Seu irmaõ D. Joaõ foi eleito Graõ-Mestre da Ordem de Sant-Iago, e casou com D. Isabel, filha do Conde de Barcellos, primeiro Duque de Bragança seu irmaõ natural. Della teve D. Diogo, D. Isabel, que casou com D. Joaõ, segundo Rei de Castella, D. Filippa, e D. Beatriz casada com o Infante D. Fernando, Pai de D. Manoel, que chegou a assentar-se no Throno. D. Fernando o ultimo filho de D. Joaõ I. morreo miseravelmente cativo em Africa. D. Isabel sua irmã, casou, como fica dito, com o Duque de Borgonha. Estes os filhos que D. Joaõ I. deixou por sua morte.

Além dos Papas, de que affirma fizemos mençaõ, fallando de D. Joaõ, reináraõ na Igreja outros muitos no reinado deste Principe. Depois de Bonifacio

cio IX. veio assentar-se na Cadeira Apostolica Cosme de Meliorati com o nome de Innocencio VII. ; Gregorio XII., que foi deposto com Benedicto XIII. no Concilio de Piza em 1409 ; Alexandre V., e Joaõ XXIII., a quem tiráraõ a Tiara no Concilio de Constança para dar a Martinho V.

No reinado de D. Joaõ I., foi o celebre combate dos doze Fidalgos Portuguezes, e outros tantos Inglezes, que insultáraõ as mais lindas Senhoras, e mais moças de Inglaterra. Foi o caso, como se conta ; que sendo cousa ordinaria, e singular nos Inglezes, alguns Senhores se acordáraõ de fugir á communicacão das Senhoras da Corte, e entre outras de humas tantas, que elles nomeáraõ distinctamente por seus nomes, publicando que nenhuma dellas era linda, nem engenhosa, e discreta, e menos tinha qualidade alguma das que fazem amaveis, e respeitaveis as Senhoras, dizendo além disto, que assim o sustentariaõ com as armas na mão. Ninguém sahio a campo em defeza das Senhoras offendidas. Enojadas estas com a affronta, que se lhes fazia, foraõ para o Duque de Lancastre, Principe civil, galante,

te, e que respeitava o sexo amavel, pedindo-lhe vingança da affronta, que oufavaõ fazer-lhes. Aconselhou-as o Duque que escrevessem a El Rei de Portugal, para que este permittisse que doze Cavalleiros, que elle Duque nomeou, passassem a Inglaterra a desagravallas por via de hum combate. Concedeo-lhes D. João o que lhe pediaõ, e partiraõ para Londres os doze Portuguezes mais valentes, e affoutos que todos os Cavalleiros da meza redonda capitaneados por Alvaro Gonçalves Magriço.

Chegados que foraõ, todas as Senhoras se empenháraõ em regallallos, á porfia. As offendidas deraõ-lhes magnificas bandas especie de adorno militar, feitas por ellas mesmas, e El-Rei de Inglaterra as armas para o combate, affinando-lhes juntamente o lugar para a acçaõ. Transportáraõ-se a elle ao som de trombetas, e tambores. Combateo Magriço, e foi o primeiro que triunfou; seus companheiros taõ valentes, e galantes como elle deraõ com os Inglezes em terra, e conseguíraõ igual gloria á de Magriço. Levadas as Senhoras do reconhecimento coroáraõ-os de flores entrelaçadas de rubins, e deraõ de mi-
mo

mo a cada hum delles huma lança , e huma espada , ornadas de varias cifras, e divisas , que davaõ mostras do seu reconhecimento , e estima para com os seus galantes defensores. As Senhoras Portuguezas , mostrando-se igualmente agradecidas , como as Inglezas , não deraõ prôvas fomenos do seu agradecimento aos que voltáraõ para Portugal. Os que ficáraõ em Londres não tiveram de que queixar-se , e hum delles passando a França teve neste Reino a melhor fortuna.

No Reinado de D. João I. tudo foraõ victorias , no de seu Successor tudo desgraças. Ninguem pôde alterar a alternativa , que guardaõ as prosperidades, e os infortunios ; que os homens sempre estaõ sujeitos a ella. A morte de D. João veio deslumbrar a felicidade dos Portuguezes : não houve dia no Reinado, que se seguiu , no qual não houvesse algum flagello. No dia seguinte ao em que foi depositado o corpo de El-Rei D. João na Cathedral de Lisboa , D. Duarte , seu filho foi acclamado Rei de Portugal com desgraçados auspicios , se he que se deve dar credito aos prognosticos dos Astrologos.

Hum

Hum Judeo , que blasonava de saber a Astrologia , Sciencia chimerica , e todavia escolho , onde vão dar os maiores homens , foi ter com D. Duarte a fim de advertir-lhe que suspendesse por hum dia a sua coroação , porque segundo os Planetas , o dia que escolhêra para isso era desgraçado para elle. Desprezou D. Duarte este aviso , e teve-o como delirio de Astrologos : fez-se coroar no dia , que assignára com as ceremonias ordinarias. O Judeo , que até alli estivera callado , ousou de publicar em altas vozes , que seu Reinado seria breve , e desgraçado , e com o curso fortuito das cousas do mundo verificou-se o que dissera o Astrologo , que talvez foi a primeira vez em sua vida.

D. Duarte
I.

O novo Rei immediatamente depois da sua coroação passou a Cintra , onde os Infantes seus irmãos , e todos os Grandes do Reino reconhecerão por legitimo herdeiro da Coroa a D. Affonso , seu filho , que então era de vinte mezes. Esta a primeira vez , e a ultima , em que se fez semelhante cerimonia , sem que fossem chamados a ella os Deputados do Povo , que costumavaõ affistir ás eleições dos Reis , e dos Príncipes.

En-

Entrou depois D. Duarte a cuidar na boa arrecadação da Fazenda Real, cujos thesouros via estancados com as dilatadas guerras, que El-Rei seu Pai fora obrigado a sustentar, e na refórma da disciplina militar, que se relaxára muito no Reinado antecedente. Era D. João valente, generoso, justo, e prudente; mas creado, e nutrido com o estrondo das armas, e por isso amante dos militares. A inclinação, que lhes tinha, unida á necessidade, que havia delles, o moviaõ a tolerar-lhes muitas cousas, que D. Duarte julgou que devia enfrear. O que executou com tanta prudencia, e felicidade, que todos diziaõ em altas vozes que D. Duarte entendia melhor da arte de governar hum Estado, do que El-Rei seu Pai: lisongeiro elogio, que elle só merecia talvez com prejuizo da arte de conquistar, que seu Pai entendia admiravelmente.

Hum anno havia já, que D. Duarte reinava, quando convocou todos os Grandes do Reino, assim Leigos, como Ecclesiasticos, para assistirem á trasladação do corpo de El-Rei defunto de Lisboa para a Batalha. Não faltou huma só pessoa qualificada, que não vies-

4841 viesse a Lisboa ; Principes , Fidalgos , Cavalleiros , todos os Bispos do Reino. O Paço estava coberto de luto , e delle se foi para a Igreja , onde estava depositado o corpo de El-Rei , e por todo o caminho era em todos profundo o silencio , sem se ouvir outro estrondo mais que o de todos os sinos da Cidade. Chegados que foraõ á Igreja , fez a oração funebre de El-Rei defunto hum Franciscano , chamado Fr. Rodrigo , o qual pintou com taõ vivas cores as grandes partes delle , que as lagrimas corriaõ em fio pelos olhos dos Portuguezes. Toda a Igreja estava coberta de luto ; tudo era triste , e lugubre. Via-se hum soberbo Mausoleo , em que estavaõ pintadas as armas , e estandartes de todos os Principes , que pertenciaõ á Casa de Portugal. Acabadas que foraõ as ceremonias costumadas em semelhante occasiaõ , foi trasladado o corpo para a Igreja da Batalha , e entregue aos Religiosos deste célebre Mosteiro.

Partio depois El-Rei para Leiria , a fim de escapar á peste , que affolava Lisboa. Vieraõ ter com elle os Deputados do Povo , e Governadores das Praças , e dar-lhe o juramento de fidelidade-

dade. Poucos dias depois convocou a Santarem os Estados Geraes do Reino, e ahi resumio as Leis concernentes á Justica, que eraõ muito extensas, em hum volume, a fim de facilitar a sua leitura. Promulgou tambem huma Lei contra o luxo para enfrear as excessivas despesas dos Grandes, e como a sua assistencia na Corte lhes servia de pretexto para se arruinarem a si, e aos outros, ordenou-lhes que se retirassem todos ás suas terras, exceptuando os que estavaõ empregados no seu serviço, ou que serviaõ os empregos do Estado.

Governava Martinho V. a Igreja de Deos, como fica dito, e pouco tempo havia que convocára hum Concilio em Basilea para condemnar algumas heresias, e trabalhar na reconciliação das duas Igrejas Grega, e Latina, como parecia que desejava o Imperador Manoel Paleologo. O qual querendo o Papa avigorar n'hum intento tão louvavel, e tão util á Religiaõ, enviou-lhe o Presbytero Cardeal D. Pedro da Fonseca Portuguez. Morreo por este tempo o Papa Martinho, e foi seu Successor á Thiara Eugenio IV. O Imperador Manoel viveo poucos dias mais depois da

mór-

mórte do Papa , e deixou o Imperio a seu filho João , a quem o novo Papa mandou pedir que viesse a Ferrára , onde elle se achava , por ter trasladado para lá o Concilio de Basilea. El-Rei de Portugal mandou áquella Cidade seus Embaixadores, o Conde de Ourém , filho do Conde de Barcellos , D. Antonio Martins , Bispo do Porto , os Doutores Vasco Fernandes de Lucena , e Diogo Affonso com Fr. Gil Lobo , e Fr. João , hum Religioso Franciscano , e outro Agostinho. O Bispo do Porto , e Fr. João tiveraõ a cargo o empenhar o Imperador de Constantinopla a partir sem demora para Ferrára. O qual pôz-se logo a caminho com elles , e trouxe consigo a El-Rei de Trebisonda. Os Enviados das Igrejas de Antioquia , Alexandria , e Jerusalem chegáraõ a Ferrára quasi pelo mesmo tempo que o Imperador João , como tambem os Bispos da Asia , e Ethiopia. Veio tambem o Imperador Sigismundo ; mas juntos que foraõ todos em Ferrára víraõ-se obrigados a fahir desta Cidade , e partir para Florença por causa da peste , que lavrava em Ferrára. Nem só Italia soffria os estragos deste terrivel flagello. Tambem

Por-

Portugal resentia todos os lastimosos effeitos d'elle.

Entre outras cousas , que se propozeraõ no Concilio de Florença , huma das principaes foi a reconciliaçaõ das Igrejas Grega , e Latina. Porém ficou frustrada pela má fé dos Gregos , que só intentavaõ divertir-se com os Latinos a fim de obter o seu soccorro contra os Turcos. Tinha Amurath , Imperador destes , dilatado suas Conquistas até o Epiro , onde João Castrioto fora contrangido a largar a forte Cidade de Croie ás suas armas victoriosas , e entregar-lhe seus filhos , e entre outros o moço Jorge , que de valido de Amurath , se tornou seu maior inimigo , e célebre com o nome de Scanderberg.

Desamparado pois o Concilio de Florença pelos Gregos , cuidáraõ unicamente os Latinos na Refórma da Igreja , que de dia em dia hia perdendo todo o luzimento pela vergonhosa licença , e ignorancia profunda dos Presbyteros , e Monges. Os primeiros só se occupavaõ nas cousas do seculo ; e os segundos em enganar o Povo , substituindo superstições vãs ao verdadeiro culto. Já não eraõ Succesores daquelles antigos Ana-

co-

coretas tão nomeados nos primeiros seculos da Igreja pela sua humildade, caridade, e mais que tudo pelo ardente zelo, que mostravaõ em sustentar toda a pureza de Fé. Eraõ homens dados á molleza, engolfados nos deleites, e cheios de ambição, a qual satisfaziaõ immolando á céga credulidade do Povo a mesma pureza, e simplicidade da Religião.

A estas desordens favoreciaõ muito as longas desavenças da Igreja. Os Papas de Roma, e Avinhão, para manter sua authoridade, viaõ-se constrangidos a fechar os olhos ao seu genero irregular de proceder: mas logo que a Tiara foi hum só, e a Igreja reunida debaixo de hum só Cabeça, cuidou-se sómente em enfrear tanta licença, e o Papa Eugenio concluiu felizmente no Concilio de Florença, o que seu Antecessor Martinho V. principiára no de Constança.

Concluido o de Florença, em vez de voltar para a Patria, partio para a Palestina com o intento de visitar os Lugares Santos, o Conde de Ourém, que assistira ao mesmo Concilio como Embaixador de El-Rei de Portugal. O
Bis-

Bispo de Olivença , e seus companheiros tornáraõ para Portugal , trazendo comfigo huma Bulla , em que o Papa confirmava de novo a graça , que já o Infante D. Pedro obtivera alguns annos atraz , sobre a sagraçaõ dos Reis de Portugal.

Quando o Papa Eugenio trasladou o Concilio de Basilea para Ferrara , e desta Cidade para a de Florença , oppuzeraõ-se a isso alguns Padres , e o Papa, fazendo pouco caso da sua opposiçaõ, foi por elles deposto , e em seu lugar elegêraõ o Duque de Saboia , Amedeo, o qual veio logo a Basilea , e ahi tomou o nome de Felis V. Com sua eleiçaõ ateou-se de novo o fogo das desordens , que alguns annos antes abrazára toda a Igreja. O Duque de Milaõ, genro de Amedeo , e inimigo capital do Papa Eugenio , defendeo seu sogro até a mórte do Papa deposto , ao qual succedeo Nicoláo V. O Imperador Federico obrigou a Amedeo a reconhecer o novo Papa , deixando-se-lhe todavia o barrete de Cardeal , que foi tirado a todos os seus seguidores.

Por este tempo soube El-Rei de Portugal , com pezar seu , que El-Rei de

de Napoles , e o Infante D. Henrique tinhaõ ficado prisioneiros no mar pelo Duque de Milaõ ; mas cobrando D. Henrique a liberdade , voltou para Portugal , e como sempre lhe fervia no peito o desejo de fazer novas conquistas , deste lhe procedia o de passar a Africa , e nella tomar alguma Praça aos Mouros. Para este fim empenhou seu irmaõ D. Fernando a pedir licença a El-Rei para ir fazer guerra áquelle Paiz.

Foi D. Fernando fallar a El-Rei em Almeirim , e disse-lhe : „ Senhor , os
„ beneficios que eu , e meus irmãos te-
„ mos recebido da vossa Real Maõ saõ
„ dignos da vossa generosidade. Porém
„ não deixo de ser infeliz : meus ir-
„ mãos tem ganhado nome , digno de
„ seus Antepassados , por via das armas ,
„ e eu não tenho feito cousa , com que
„ possa acarear a estima dos homens ,
„ o que me torna desagradavel a vida ,
„ que passo. A tenra idade não me per-
„ mittio o acompanhar a El-Rei nosso Pai
„ na expedição , que fez a Africa na
„ qual huns , e outros ganhastes immor-
„ tal gloria ; fiquei entaõ em Portugal ,
„ onde hoje vivo desconhecido de toda

„ a

„ a terra. Desejando pois dar-me a co-
„ nhecer por via de alguma acção gran-
„ de, e digna do meu nascimento, e
„ não podendo conseguillo em Hespa-
„ nha, onde a paz, que reina he pro-
„ funda, desejava que me desseis licen-
„ ça para passar a outra terra estrangei-
„ ra, e os meios de poder ganhar no-
„ me por via das armas. Depois de ter
„ corrido a Europa toda, achei que
„ Inglaterra he o unico paiz, onde pos-
„ so affinalar-me, e com approvação
„ vossa passarei a elle. Mal póde o meu
„ intento ser condemnado, quando se
„ funda no exemplo de muitos Prin-
„ cipes famosos, que foraõ buscar com
„ que affinalar-se em alheas terras. O
„ Infante D. Fernando, filho de El-
„ Rei D. Sancho I., passou a Flandres,
„ e tal nome ganhou neste Paiz, que
„ mereceo casar com a filha do Impe-
„ rador Balduino, e o titulo de Conde
„ de Flandres. Seu irmão o Infante D.
„ Pedro, depois de ter acareado geral
„ estima entre os Mouros na Corte dos
„ Reis de Marrocos, veio a de Aragaõ,
„ onde fez com que o acclamassẽ Rei
„ de Maiorca, e Conde de Urgel. D.
„ Pedro nosso irmão, depois de ter cor-

„ rido a Asia , Africa , e Europa , e ga-
„ nhado célebre nome em todas estas
„ partes do Mundo , voltou cheio de
„ gloria á sua Patria para casar com
„ huma Princeza illustre , destinada pa-
„ ra o Throno. Outras fortunas , co-
„ mo estas , tiveraõ em differentes Pai-
„ zes muitos Portuguezes de differente
„ condiçaõ. O Ceo parece que se em-
„ penha de huma maneira particular na
„ conservaçaõ dos Portuguezes , que
„ vaõ buscar fortuna em Paizes estra-
„ nhos. Esperando pois ser taõ ventu-
„ roso , como elles , peço-vos , com to-
„ do o respeito devido a Vossa Alteza ,
„ licença para fahir do Reino a fim de
„ dar a conhecer o meu nome. Em to-
„ do o Paiz , para onde a fortuna me
„ guiar , nunca deixarei de receber
„ as vossas ordens : que eu só procu-
„ ro dar-me a conhecer , e não ex-
„ imir-me do que vos devo , e á Pa-
„ tria. „

Havendo El-Rei , depois de o ter
ouvido attentamente , que o Infante lhe
pedia licença para fahir do Reino por
descontente , e não pelas razões , que
lhe declarava , respondeo-lhe que não
podia consentir no que elle queria ,
sem

fem dar occasião a ajuizar-se mal de semelhante viagem: que todos entenderiaõ que elle sahia do Reino, naõ pelas razões, que allegava, mas por viver descontente na Corte; que para prevenir semelhante juizo, taõ injurioso á gloria de ambos, convinha muito que desistisse do intento, que tinha, pois elle lhe promettia dar-lhe huma fortuna, qual convinha ao seu merecimento, e nascimento. Despedio-se El-Rei, apenas acabou de dizer-lhe isto, e foi buscar o Infante D. Henrique para lhe pedir que divertisse o Infante D. Fernando do seu intento. D. Henrique, que era o principal movel d'elle, disse a El-Rei, que se D. Fernando desejava com tanto ardor assinalar-se fóra do Reino, que naõ era difficuloso dar-lhe meios para isso com vantagem do Estado. Que abrindo-lhe a conquista de Ceuta as portas da Africa, era conveniente lançar maõ desta vantagem para conquistar novas Praças, cujas conquistas redundariaõ em proveito do Estado, e da Religiaõ. Que da sua parte estava obrigado a contribuir para isto como Graõ-Mestre da Ordem de Christo, e D. Fernando, como Graõ-Mestre da Ordem de Aviz. Que obri-

P ii gan-

gando-o a isso os Estatutos das suas Ordens, devia elle forcejar por ajndallos n'uma empreza, cuja gloria toda recahiria sobre Sua Alteza (este era o tratamento, que naquellas eras se dava aos Monarcas Portuguezes.) Em fim que por esta via impediria a D. Fernando o passar-se para as Cortes estrangeiras.

A estas palavras respondeo El-Rei que ainda a paz com Castella não era de todo segura, nem os Póvos estavam affaz compensados das guerras passadas para que se intentasse semelhante expedição. Pelo que era necessario desprezalla, e buscar outro qualquer expediente, para conservar o Infante D. Fernando no Reino. Resolveo então D. Henrique acarear a Rainha, a quem El-Rei fazia todas as vontades. Declarou-lhe o seu intento, e para movella a favorecellos com mais ardor, disse-lhe que elle, e D. Fernando estavam de acordo a declaralla por sua herdeira, visto não terem filhos, nem poderem casar.

A Rainha, que além de ter em grande estima os Infantes, era muito zelosa da Religião, e demais disso tinha

nha particular interesse no que se lhe propunha , empenhou-se com o Infante em instar com El-Rei para que consentisse na expedição , que se lhe propozeram. Unio-se com a Rainha , e os Infantes D. Gomes Portuguez , Abbade de Florença , e depois Prior de Santa Cruz de Coimbra , e então Legado da Santa Sé em Portugal , por quem veio remetida a Bulla da Cruzada a El-Rei , que a requerera a Eugenio IV. , e todos falláraõ a El-Rei em Estremoz para onde se retirára por causa da peste. Defendia-se este com as mesmas razões , que tinha allegado a D. Henrique , e negou abertamente o que lhe pedia o Legado , mas não pode resistir ás instancias da Rainha. Tanto era o amor , que lhe tinha , que com o receio de desagradalla não pode deixar de consentir em tudo o que se pretendia d'elle. Acordáraõ pois que o exercito destinado para esta expedição constasse de quatorze mil homens de guerra , e marinha. Juntáraõ-se os Estados em Evora para mover o Povo a contribuir para esta expedição. Os Infantes D. Pedro , D. João , e o Conde de Barcellos não a approváraõ , por ser intentada sem se lhes dar parte ; e por
mais

mais que El-Rei lhes dissesse, sustentá-
raõ sempre que a guerra intentada era
injusta, e além disso prejudicial ao Esta-
do. Murmurava o Povo em altas vo-
zes, pelos novos tributos, que se lhe
tinha imposto, e dizia publicamente que
esta expedição não podia deixar de ser
infeliz, por ser intentada sem necessida-
de. Quando a declaráção a primeira
vez, cahíraõ logo enfermos de huma
hemorragia o Infante D. Fernando, e
Diogo Lopes de Sousa. Circunstancias
ha, em que os successos mais ordinarios
tornaõ-se muitas vezes em objectos de
superstição para o Povo. Assim aconte-
ceo com este, do qual lançou mão o
Povo para sustentar que era presagio da
ruina total do exercito, que se inten-
tava mandar para Africa. Com justa ra-
zão houve El-Rei este juizo por loucu-
ra; mas ficou com a consciencia affaz
inquieta á vista do que lhe ponderáraõ
os Infantes D. Pedro, D. João, e o Con-
de de Barcellos sobre a injustiça desta
expedição. Para proceder sem escrupu-
lo, consultou os melhores Theologos do
Reino, e mandou perguntar á Corte de
Roma o que lá se ajuizava do seu pro-
jecto. Discutio-se a materia em pleno
Con-

Consistorio, e nelle se decidio que se a guerra se dirigia contra os Infieis, que occupassem terras, que foraõ dos Christãos, podiaprehender-se livremente com permissaõ do Papa, sendo todavia advertidos primeiramente os usurpadores: que se se dirigia contra os Pagãos, e Idolatras, podia-se igualmente emprendella, se effes Pagãos, ou Idolatras causassem algum prejuizo aos Christãos; mas que só em tal caso, visto que o ar, a agua, a terra, e todos os elementos em fim foraõ feitos para os homens em geral, e não era licito privallos destas cousas sem necessidade, pois de outra maneira se offenderia o direito natural, e das gentes. Que estando a guerra, que se intentava em Portugal contra os Africanos, neste ultimo caso, era injusta, e digna de condemnar-se. Esta a resposta, que deu a Curia Romana; mas já chegou muito tarde. Aquelles, que desejavaõ a guerra, tinhaõ tirado a El-Rei todos os escrúpulos, de maneira que se resolveo á expedição.

Com effeito foi o embarque a 17 de Agosto, e no dia 22 do mesmo mez fez-se a frota á vela. Eraõ os principi-

cipaes Cabos , que a capitaneavaõ , D. Fernando de Arraiolos , primo de El-Rei , e dos Infantes , no exercicio de Condestavel ; D. Alvaro de Abreu , Bispo de Evora , D. Vasco Fernandes Coutinho , Joaõ Rodrigues Coutinho , Alvaro Vaz de Almada , Lopo Dias de Lemos , D. Fernando de Menezes , Diogo Soares de Albergaria , e Fernando seu irmaõ , Rui Gomes da Silva , Governador de Campo-Maior , D. Gomes

1436. Nogueira , Martim Vaz da Cunha , D. Diogo Lopes de Souza , Rui Dias , seu irmaõ , D. Leonel de Lima , D. Joaõ Falcaõ , irmaõ do Bispo de Evora , D. Duarte , Senhor de Bragança , D. Pedro Rodrigues de Castro , D. Henrique , e D. Fernando de Castro , Intendente do Infante D. Henrique , Rui de Souza , Governador de Marvaõ , e seu filho Gonçalo Rodrigues , Joaõ Alvares da Cunha , Rui de Mello , que depois foi Almirante , Pedro Tavares , Governador de Portalegre , de Alegrete , e de Azamar , e Payo Rodrigues de Araujo com grande número de Cavalleiros das Ordens de Christo , e Aviz.

A 26 do mesmo mez de Agosto chegou a Frota a Ceuta , onde era ainda

da Governador D. Pedro de Menezes. Refrescou-se a soldadesca alguns dias. O rumor desta nova expedição fazia retinir toda aquella costa da Africa; e temendo os Mouros de Henamed que não viesse dar sobre elles a tormenta, offerecêrao ao Infante D. Henrique que pagariao tributo á Coroa de Portugal, com tanto que os deixasse na sua liberdade, e não fizesse estrago algum no seu territorio. Acceitou o Infante a proposição, e deixou-os em socego.

Devendo todavia a armada Portugueza ser de quatorze mil homens, constava só de seis: tal foi a pressa, com que se fez o embarque. Acordárao os Infantes em conselho sobre o modo, com que se deviao haver. Huns erao de parecer que se mandasse pedir a Portugal mais gente, antes de entrar em alguma empreza; mas erao tantas coufas contra a execucao deste aviso, que julgárao os Infantes não ser conveniente lançar maõ d'elle. E por isso resolvêrao-se a desembarcar com intento de ir a Alcacer pelo caminho de Ximera. Antes de tomar a marcha, foi João Pereira mandado com hum destacamento de mil homens a demandar o caminho.

O

O que elle fez como devia , e encontrando-se com hum grosso corpo de Mouros , desbaratou-os sem perda de hum só homem. Alguns ficáraõ feridos, e era o mais grado entre elles Rui Dias de Souza. Quanto ao caminho , achou Joaõ Pereira , que era impraticavel ir a Alcacer pelas terras de Ximera ; E á vista do que elle contára resolvêraõ os Infantes marchar para Tetuan , e como o Infante D. Fernando se achava enfermo , ajuntou a Frota , e com ella se fez á vela para Tanger.

Era já o mez de Setembro. O Infante D. Henrique destacou a Rui de Souza , e seu filho Gonçalo Rodrigues com trezentos cavallos para irem demandar hum lugar proprio para acampar o exercito , que marchava , como agora diremos. Hia o Conde de Arriolos na vanguarda , e traz desta a bagagem. Ao lado direito D. Francisco de Castro. Rui de Mello levava o Estandarte do Infante D. Henrique , D. Duarte de Menezes o Estandarte Real , e Joaõ Falcaõ o da Ordem de Christo. Traz destes tres Estandartes hiaõ a imagem de N. Senhora , o retrato de D. Joaõ I. , e o do Condestavel D. Nuno Alvares
Pe-

Pereira. Haviaõ todos que os retratos destes dous Heróes eraõ bastantes para animar, e foster a valentia dos Portuguezes. Fechavaõ a retaguarda o Bispo de Evora, e o Infante D. Henrique com hum grosso batalhaõ. No fim de tres dias chegou o exercito á vista de Tetuan, pequena Cidade, que logo se rendeo; e continuando os Portuguezes a derrota, que levavaõ, faqueáraõ muitas Villas, e Lugares sem perda de hum só homem. Finalmente a 23 de Setembro avistáraõ Tanger, onde o Infante D. Fernando era já chegado.

Cuidava o exercito em acampar-se, quando se divulgou entre a Trópa a noticia dos Mouros terem aberto as portas da Praça com intento de desamparalla. Corrêraõ logo a ella os Portuguezes, e chegados que foraõ, recolhêraõ-se os Mouros, que haviaõ sahido da Praça só por zombar dos inimigos. Avançáraõ todavia os Portuguezes até as portas della, e forcejáraõ por arromballas; mas frustrando-se seus esforços, retiráraõ-se com o Conde de Arraiolos, e Alvaro Vaz de Almada feridos. Havia dentro da Praça quasi sete mil homens capazes de tomar armas, capitaneados por
Za.

Zalabenzala, o mesmo que perdêra Ceuta.

Acampado o exercito, e feitas as baterias, entráráõ a atirar para as muralhas da Praça, com intento de abrir brecha, e depois dispozeraõ-se para afaltalla. O Infante D. Fernando acompanhado do Conde de Arraiolos atacou pelo lado da porta de Féz, o Bispo de Evora, e Vasco Fernandes Coutinho pela parte, que se lhes nomeou, e o Infante D. Henrique reservou para si o ataque do Castello, que de todos era o mais arriscado. Avançáraõ destemidamente ás muralhas, e a pezar dos tiros, que choviaõ sobre elles, arrostáraõ-se com ellas; porém como as escadas, que levavaõ para o assalto, eraõ muito curtas, víraõ-se obrigados a retirar-se com perda.

Dez dias eraõ passados, que os Infantes cercavaõ Tanger, quando os Mouros vieraõ em soccorro da Praça com dez mil cavallos, e noventa mil homens de infantaria. Este tremendo exercito não deo aballo aos Portuguezes. Que alegres de poderem assinalhar-se, pedíraõ que os encaminhassem para o inimigo. Escolhe o Infante D. Henrique, por fatis-

tisfazer a tão nobre ardor , a melhor Trópa , parte do campo, e vai dar batalha aos Barbaros , que pasmados em tamanha ousadia , não ousáraõ de acceitalla. Marcha entaõ o Infante a atacallos , e de subito volta costas toda aquella multidão de Mouros , e foge para os montes vizinhos.

Tornando D. Henrique para o campo , tres dias depois desceo dos montes maior número de Mouros , do que os primeiros. Sahe o Infante a combatellos , e elles retiraõ se outra vez. Mas D. Fernando , e o Conde de Arraiolos foraõ atacallos nos seus póstos , que elles vergonhosamente desamparáraõ. Hiaõ todavia recebendo todos os dias novos soccorros , e já montavaõ a cento e trinta mil homens. Voltáraõ entaõ a rechassar os Portuguezes , e lançallos fóra dos póstos , que vergonhosamente lhes tinhaõ largado. Defendêraõ-os estes valerosamente , e houve hum bem ferido combate. Já o Infante D. Fernando estava a ponto de ser forçado , quando o Conde de Arraiolos deo de subito sobre os Mouros , e desbaratou-os , e obrigou-os a recuar com alguma perda. Não tardáraõ estes em ajuntar-se , e voltáraõ
ao

ao ataque , porém com menos felicidade ainda que da primeira vez ; porque virão-se contrangidos a salvar-se na fuga , deixando mortos os mais valentes que entre elles havia. Durante estes combates , sahirão os moradores da Cidade, e forão dar sobre os Portuguezes , que tinhaõ ficado no campo ; porém sendo rechassados , virão-se obrigados a voltar para ella sem vantagem alguma.

Ordenou o Infante D. Henrique segundo assalto , em que não foi mais bem succedido, que no primeiro ; porque os Mouros defendêraõ-se valerosamente , lançáraõ por terra os parapeitos , a cujo abrigo os Portuguezes tinhaõ arrostando as muralhas , e fizeraõ em pedaços as escadas todas. Por este tempo ficáraõ cativos dous Mouros , e ambos asseguráraõ que os Reis de Féz, de Marrocos , e de Táfilet marchavaõ a bom picar em soccorro da Praça com cem mil cavallos , e hum sem número de Infantaria. Com effeito no dia seguinte , sendo já alto dia , viaõ-se os montes visinhos cobertos de gente. O Infante D. Henrique sem perder tempo deo todas as ordens necessarias , mandou recolher toda a gente de marinha ás embar-

barcações , deixou a cargo do Graõ-Marechal a guarda da Artilharia , mandou pôr em batatilha a Infantaria por Alvaro Vaz de Almada , e foi postar-se com a cavallaria sobre hum monte.

Medindo do alto delle as forças do exercito inimigo, vio que era temeridade atacallo. Resolveo pois retirar-se ; mas apenas entrava em marcha , de raõ sobre elle os Mouros por todos os lados , de maneira que fez alto , sustentou o combate , e obrigou-os a recuar. E cahindo morto o seu cavallo , montou no de hum Pagem do Infante D. Fernando , que se achou ao seu lado , e continuou a combater com admiravel valor , matando , ou ferindo tudo o que encontrava por onde hia. Fernão Alvares Cabral , Capitaõ da sua guarda foi morto , com vinte e cinco homens. Assim foi combatendo o Infante até que ganhou o seu trincheiramento , onde logo o atacáraõ os Mouros. Este combate veio a ser mais bem ferido , do que não era ; supprindo o número ao valor dos Infieis. Os quaes pasmados em vêr que tão pouca gente ousava de fazer-lhes tamanha resistencia , envergonhados, e ao mesmo tempo furiosos , dobraõ os
es-

esforços , que todavia póde ser que fossem inuteis , a não ser a cobardia de alguns Portuguezes , que desampararão os Infantes , e se retirarão para as embarcações , que capitaneava D. Pedro de Castro. O qual envergonhando-se da sua infamia , deo-lhes com ella de rosto públicamente , e desembarcando com alguns Portuguezes , correu ás trincheiras , e deixou os Mouros aterrados. Os quaes tornando a si , unírao-se todos , e voltando ao combate cercarão os Portuguezes , que lhes resistirão com a maior viveza durante quatro horas.

Receando o Infante ficar soçobrado dos esforços , que faziaõ os Mouros , logo que anoiteceo , tomou a resolução de fahir das trincheiras , e abrir caminho por entre os batalhões inimigos para retirar-se á sua Frota. Este o unico partido , que tinha para tomar , muito mais quando já lhe entravaõ a faltar os viveres ; porém não pode executar o seu intento por traição de Martim Vieira , seu Cappellaõ , que se passou para os Infieis. Este traidor informou-os da resolução , que tomára o Infante , e elles , que já não combatiaõ , fizeram conselho para deliberar sobre o
mo-

modo , com que tratariaõ os Portuguezes , quando lhes cahissem nas mãos , como se presumia. Huns eraõ de parecer , que os mataassem sem piedade , e outros , mais asisados sem dúvida , diziaõ que se os mataassem , irritariaõ os Christãos , os quaes não deixariaõ de vir vingar sobre elles os seus compatriotas ; e que assim , era mais conforme á razaõ deixallos com vida , e liberdade , com a condiçaõ de obrigar-se a entregar-lhes Ceuta , e restituir-lhes a sua artilharia , armas , e bagagens. Trouxe-se desta negociaçaõ. O Infante D. Henrique mandou a El-Rei de Marrocos Rui Gomes da Silva , homem valeroso , e prudente com Paio Rodrigues , Secretario dos Despachos. Os quaes chegados que foraõ ás trincheiras , não quiz Zalabenzala que passassem a diante.

No dia seguinte atacáraõ os Mouros furiosamente os Portuguezes , que se defendêraõ como desesperados , fazendo acções dignas de eterna memoria. Não se via já em torno das trincheiras outra cousa senão corpos mórtos , e outros feridos , cujos gritos , e gemidos dobravaõ o furor dos Mouros , e

sustentavaõ o valor dos Portuguezes. Deraõ os Infieis oito ataques differentes com gente sempre de reserva no espaço de oito horas, e oito vezes foraõ rechassados com igual perda. No ultimo ataque o Infante D. Fernando, D. Fernando de Castro, D. Pedro de Castro, D. Fernando de Castro, Rui Gomes da Silva, e o Bispo de Evora fizeram prodigios de valor. Este Prelado andava de huma para outra parte dando a benção aos soldados com a Bulla da Cruzada n'huma maõ, e com a espada na outra hia matando, ou derrubando do alto da trincheira os Infieis taõ destemidamente, que ninguem podia cessar de admirallo. Não podendo os Mouros romper as trincheiras, largáraõ fogo a ellas, e retiráraõ-se.

Era noite, e toda o Infante passou em apagar o fogo, e reparar o damno, que este fizera nas trincheiras. Mandou tambem matar alguns cavallos para comerem os soldados; mas tendo que comer, faltava-lhes a agua para aplacar a sede ardente, que os devorava. Mas ainda bem que entrou a chover, e com a agua da chuva se consoláraõ por alguns instantes. Esta a situação, em que se

se achavaõ os Portuguezes , e sendo certa a sua ruina , convieraõ os Infieis na negociaçaõ acima dita. Para segurança do Tratado , deraõ os Mouros em refens hum filho de Zalabenzala , e os Christãos da sua parte a D. Pedro de Attaide , João Gomes de Avelar , Rui Gomes da Silva , e Aires da Cunha. O Infante D. Fernando foi hum dos do número dos refens para segurança do artigo da entrada de Ceuta. Determinado tudo , obtiveraõ os Portuguezes a liberdade de sahir das suas trincheiras , e retirar-se para as embarcações.

Ordenou o Infante D. Henrique que seguissem viagem para Portugal , e elle resolveo não tornar a este Reino em quanto não livrasse D. Fernando , seu irmão do poder dos Infieis. Para este fim foi em direitura a Ceuta , onde chegado que foi , adoeceo perigosamente de fadiga , e tristeza. O Infante D. João , que El-Rei fizera partir para o Algarve , a fim de mandar soccorro aos Portuguezes , tanto que teve noticia do infortunio , que seus irmãos experimentáraõ , fez-se á vela , e foi a Ceuta buscar o Infante D. Henrique. Ahi fizeraõ conselho , e resolvêraõ que D. João fosse a

Arzilla com o filho de Zalabenzala , o qual trataria de trocar pelo Infante D. Fernando , assegurado aos Mouros que não esperassem outro resgate. Desprezando os Infieis atrevidamente esta proposição , voltou D. João a Portugal , e trouxe consigo o filho de Zalabenzala , e outros prisioneiros Mouros. Mandou El-Rei ordem a D. Henrique que se recolhesse ao Reino , e obedecendo elle não ousou de apparecer á Corte , e retirou-se para o Reino do Algarve.

1438.

Achava-se El-Rei em Santarem , para onde se retirára por fugir á peste , quando foy do primeiro desbarato dos Infantes. Ficou com esta noticia penalizado sobremaneira , e o que lhe causava mór tristeza era o vituperio , com que o Povo representava aquelle desbarato. O qual não passando de hum desdita ordinaria , depois que passou pella imaginação do Povo , tornou-se em horrorosa carneceria. Veio todavia beijar a mão a El-Rei Alvaro Vaz de Almada , hum dos principaes Cabos do exercito , e disse-lhe que não sabia porque Sua Alteza se affligia tanto ; que maior gloria fora a que os Portuguezes tinham ganhado á vista de Tanger , do que

que nas conquistas de maior momento. Que a respeito do Infante D. Fernando, este Principe se cobrira de immortal gloria, pois era valente, destemido, religiosissimo, e sabia morrer. Que tudo isto devia desvanecer a fatal melancolia, que o penalizava, porque escapar em parte a hum exercito taõ tremendo, qual fora o dos Mouros, era ganhar a victoria. Agradeceo El-Rei a Alvaro Vaz de Almada esta prática, promettendo-lhe recompensar os seus serviços; porém a morte não lhe deo tempo.

Juntou El-Rei por este tempo os Estados em Leiria, onde depois de ter dado conta da situação actual dos negocios, fallou do cativo do Infante D. Fernando, por cuja liberdade querião os Mouros que se lhes restituísse a Praça de Ceuta. Leo tambem huma Carta, que os Barbaros obrigáráo o Infante a escrever a El-Rei, na qual ameaçavaõ aos Portuguezes de lha tomar á força, se a não quizessem entregar amigavelmente. Os Deputados do Povo eraõ de parecer que se entregasse a Praça, e se resgatasse o Infante; porém seus irmãos D. Pedro, e D. João oppuzeraõ-se ma-
ni-

nifestamente a isso , e o Arcebispo de Braga , que era do parecer destes disse mais que de nenhuma maneira se podia entregar Ceuta aos Infieis sem permissão expressa do Papa , porque não era justo entregar hum Povo inteiro á furia dos Infieis para libertar hum só homem. O Conde de Arraiolos era tambem desta opiniaõ. Escreveo El-Rei ao Papa sobre esta materia , e a muitos Principes Christãos , que foraõ do mesmo parecer que o Conde de Arraiolos , de sorte que se resolveo não entregar Ceuta aos Mouros , e deixar o Infante no seu cativo.

Mudáraõ entaõ os Mouros o Infante de Arzilla para Féz. Tiráraõ-lhe os criados , que lhe tinhaõ deixado para o servir , e tratáraõ-o com o ultimo rigor. Quando passava pelos Lugares , ou Villas corria traz delle o Povo amaldiçoando-o , cuspendo-lhe no rosto , e atirando-lhe com pedras. Ao entrar em Féz , achou os moradores da Cidade quasi todos juntos ás portas della , que lhe deraõ muitas apupadas. Foi preso n'hum escuro carcere : carregaraõ-o de ferros , e ahi opprimido da miseria , e tristeza passou seus tristes dias em desdita , e des-

desconsolação. Entrando a peste a lavrar por todos aquelles contornos transportára-o a Alcaçar, onde foi mais rigorosamente prezo, do que fora em Féz. Ahi viveo até o anno de 1443, em que falleceo a finco de Julho, tendo quarenta e hum annos de idade, e seis de cativo. Era este Principe digno de melhor fortuna. Quando Larache, Rei de Féz teve noticia da sua morte, magoado entranhavelmente disse em altas vozes: Este Principe merecia ter conhecimento da Lei do nosso santo Profeta. Suas virtudes lhe ganhárao tal reputação entre os Portuguezes, que he chamado o Infante Santo. Tanta foi a mansidão, e paciencia, com que soffreo o cativo, que os Mouros todos se admiravao sobremaneira. Ainda hoje se mostra a sua sepultura na Cidade de Féz, como monumento eterno da victoria ganhada aos Portuguezes.

Estava D. Fernando exposto aos ultrajes mais indignos na Africa, e seu irmão D. Duarte gemia sem consolação em Portugal por não poder libertallo. Ardia todavia em desejos de vingallo, e de procurar a liberdade aos Portuguezes, que os Infieis tinhao cativos. Para este ef-

effeito dizem que mandára requerer ao Papa por seus Embaixadores a publicação de huma nova Cruzada , que lhe foi concedida por huma Bulla , que elle mandou logo publicar por todas as Provincias do seu Reino , levantando ao mesmo tempo novas Tropas , mandando fabricar embarcações , e preparar tudo o que devia ser util a huma empreza grande , sem se esquecer do que poderia contribuir para o feliz successo della. Porém todas estas preparações se tornáraõ inuteis. Lavrava em Portugal a peste , e tinha feito nelle grandes estragos : todas as Cidades se viaõ em consternação , e atemorizadas : os campos despovoados , e incultos : pouca ou nenhuma justiça se administrava : as Artes hiaõ em decadencia : os Povos estancados não podiaõ sustentar longas guerras : a licença hia cada vez a mais , e as queixas recresciaõ de dia em dia : os Portuguezes taõ altivos , e valentes no Reinado antecedente , entaõ não suspiravaõ por outra cousa senaõ pelo descanço : tudo em fim tinha nova figura em Portugal , e parece que todas as defditas se tinhaõ dado as mãos para a total ruina deste Reino.

Em

Em meio de tantas calamidades, El-Rei, sempre firme, e sem se alterar, vio-se obrigado a desistir das Conquistas estrangeiras; mas não cessou hum só momento de cuidar nos negocios do Estado a fim de restituillo a boa ordem, e tranquillidade. Para o conseguir com maior segurança, juntou os Estados do Reino em Santarem, e depois de lhes ter feito huma viva pintura das despesas publicas, exhortou os Grandes, e os Deputados do Povo a trabalhar com elle por divertir, ou desvanecer as desgraças, que algum tempo havia que lavravaõ por todo o Reino. E como a administração da Justiça he a origem principal do bem publico entrou a reformar todos os Tribunaes, onde tinhaõ engrossado taõ enormes abusos, que os processos se prolongavaõ, e nunca tinhaõ fim; e com esta demora aniquilavaõ-se as familias mais illustres, e as mais oppulentas se arruinavaõ. Regrou tambem o tempo, que haviaõ de durar os processos, e estabeleceo os direitos dos Juizes, e dos que instruaõ as causas. Depois disso ordenou que se consolassem os povos do campo para moveillos a cultivar as terras com maior cui-

cuidado. Concedeo tambem aos Negociantes novos privilegios para animallos a foster o Commercio, sem o qual os Estados mais florecentes vem a decahir, e a arruinar-se, e em fim a aniquilar-se de todo. Cuidou da mesma fórte nos meios de restabelecer as Artes, e Sciencias, e renovou as Ordenações antigas contra o luxo, e despezas excessivas dos Grandes, que não contentes de arruinar-se a si proprios, arruinaõ tambem os particulares.

Assim hiaõ as cousas em Portugal, e na Europa toda não era fomenos o desaffocego público. Em Castella principalmente tudo eraõ defordens, e defavenças. Os Grandes, inimigos sempre dos validos dos Reis, estavaõ a ponto de rebellar-se geralmente pelo poder absoluto, que exercia no Reino D. Alvaro de Luna. Este, monido com a authoridade Real, cahia nos mais enormes crimes, e não havia dia, em que não commetteffe novo attentado. Tudo quanto lhe podia fazer sombra era logo sacrificado á sua desmesurada ambição, e até os Póvos não escapavaõ dos seus furores; porque todos eraõ victimas da sua avareza, assim como os
Gran-

Grandes da sua ambição. Para D. Alvaro as Leis mais sagradas do Estado, eram objecto de desprezo. Não tinha fé, nem honra, nem Religião. Era todavia valente, e tão destemido que passava a temerario; porém menoscabava a vida, e desprezava os homens, havendo-os como escravos nascidos para servir á sua elevação. O desprezo, em que os tinha, era parte para os tratar com toda a indecencia. Hia-se cegamente tras de seus desejos todos, dando-se como furiosamente a todo o genero de devassidão; e como era dotado de viveza de espirito, ardente, e arrebatado sabia córar tão bem as suas desordens, que trazia o seu Principe sempre enganado, e tão cego, que não via, senão com os seus olhos. Tudo quanto El-Rei fazia, pensava, ou fallava era por via deste valido; pois acostumado, por assim dizer, desde menino, a não vêr, nem ouvir a outrem, senão a elle, não dava passo que não fosse dirigido por D. Alvaro, que o guiava a seu capricho, de maneira que o Monarca mais era valido que Rei, e sendo Rei no nome, D. Alvaro era o que na realidade reinava.

Naõ podendo os Grandes pôr os
olhos

olhos sem inveja em tamanho poder, tentárao muitas vezes desapressar-se delle ; porém debalde. Porque D. Alvaro que não ignorava o odio , que elles lhe tinhao , tratava-os com soberba , e desabrimento. Nunca este , nem aquella nos Ministros deixaõ de ganhar-lhes a inveja , e odio publico , e por isso era D. Alvaro aborrecido de todos ; mas isto não lhe dava a menor pena. Descontentes todavia os Grandes juntárao-se em Castro-Nunho , para onde El-Rei mandou alguns Deputados a conferir com elles , e todos protestárao que não voltariao á Corte em quanto D. Alvaro não sahisse della , ao menos por seis mezes. Vendo El-Rei que a guerra civil , que se tinha declarado por causa de seu valido , poderia trazer com figo a ruina de Castella , muito mais porque os Mouros de Granada não cessavaõ de lhe fazer guerra , conveio em fim , em que D. Alvaro sahisse da Corte ; mas não tardou muito que elle não voltasse , com o que se tornou mais temerosa a desuniaõ , que reinava em Castella.

França , e Inglaterra andavaõ sempre em guerra , e Italia , onde a peste não

naõ fazia pouco estrago , experimentava tambem os seus furores. Disputavaõ entre si Renato , Duque de Anjou , e D. Affonso Rei de Aragaõ sobre o Reino de Napoles. O Papa Eugenio defendia o partido do Duque , cujos negocios melhoráraõ com o favor do exercito , que o Santo Padre mandára ao Reino para defeza deste Principe. Os Póvos , que se mostravaõ bem intencionados a favor de El-Rei de Aragaõ mudáraõ de opiniaõ , e como que desejavaõ o Duque de Anjou por seu Soberano. O Principe de Trento , e o Conde de Caserte eraõ tambem pela sua parte ; mas Antonio Colona deixou-o , e poz-se a favor do Monarca Aragonez , na esperanza de que lhe restituiria o Principado de Salerna , que lhe tinhaõ tirado. Passado pouco tempo desbaratou El-Rei de Aragaõ o exercito do Papa , e obrigou-os a fahir do Reino de Napoles , o que foi para as cousas mudarem outra vez de figura.

No restante da Italia naõ lavravaõ menos defavenças. Todos os Principes deste Paiz andavaõ desunidos , e a Igreja assolada com eternas disputas , que em vez de illustrar os póvos , só serviaõ de

de attordillos. Demais disse o Clero, os Bispos, os Cardeaes, e até o mesmo Papa, cuidando sómente em manter a sua authoridade, não tinham os olhos n'outra cousa senão em entreter a discórdia, e desunião. Não se guardava alguma disciplina. Os Monges abusavam destes desditosos tempos para mascarar a Religião com superstições mais proprias para inspirar desprezo, do que veneração á Igreja. Quanto mais que não havia genero de devassidão, em que não vivessem: mettiam-se em toda a especie de traveffuras, e sua vida era mais mundana, do que a daquelles mesmos, que pelo seu estado estavam obrigados a viver no seculo. Os Bispos não eram mais regrados no seu genero de vida. Todo o seu cuidado tinham em procurar os postos mais eminentes, desprezando o governo de suas Dioceses para servir o Papa. Os Cardeaes da sua parte só cuidavam em buscar os meios de restringir a authoridade deste, e sujeitalla á sua. O Papa cioso da sua dignidade, e muito mais das prerogativas annexas á Thiára não dava passo, que não fosse para prevenir os designios dos Cardeaes, e abatellos. Toda a Jerarquia Ecclesiastica

ca estava em deploravel confusão ; ao mesmo tempo que os Turcos lançando mão das nossas desavenças dilatavaõ suas conquistas na Europa , e parece que as desgraças , que elles tiveraõ no reinado do infeliz Bajazet , só serviraõ de exercitar-lhes o valor , e dar-lhes novas forças. Depois de ter restabelecido com segurança o seu poder na Africa , passáraõ outra vez a Europa , onde fizeraõ grande mortandade , cativáraõ muita gente , e causáraõ muito estrago. Já parte da Grecia , estava sujeita a esta barbara Nação , cujo poder tremendo não havia cousa , que podesse enfrear. Todos os dias tomavaõ estes barbaros alguma Cidade , Provincia , ou Reino , e cégos com suas conquistas não esperavaõ menos , que sobmeter todas as Potencias da Europa , e que a Lei do seu Profeta fosse adorada em todo o Universo.

Hia todavia fazendo grande estrago a peste em Portugal. El-Rei andava de Cidade em Cidade , já para consolar os Póvos com sua presença , já para escapar a esta enfermidade , de que por fim veio a ser atacado na Villa de Thomar , abrindo huma Carta , e morreo
a

a 18, ou 19 de Setembro de 1438 na idade de trinta e sete annos, e com cinco de reinado.

Já fica dito que fora casado com D. Leonor, filha de D. Fernando I., Rei de Aragão, e de Sicilia, Princeza de raro merecimento, e cujo amor a seus filhos era tanto que El-Rei seu marido houve por certo, que não podia obrar com melhor acerto, do que em nomealla por sua morte Tutora delles, e Regente do Reino.

Não quizerão os Portuguezes estar por esta ultima vontade de El-Rei, nem podiaõ soffrer que se fizesse eleição de huma estrangeira para governallos, sem reflectir que esta estrangeira já o não era a seu respeito, pois era sua Rainha, e mãe do seu Rei. Não obstante estes titulos, que deviaõ ser tão respeitaveis para elles, tiráraõ-lhe, como adiante diremos, a Regencia do Reino, deixando-lhe sómente a tutella dos filhos, que ella não quiz acceitar.

Teve D. Duarte muitos filhos desta Princeza. D. Affonso V. foi o primogenito, e subio ao Throno por morte de seu Pai. D. Fernando seu irmão, Duque de Viseo, Graõ-Mestre da Ordem de Chri-

Christo , e de Sant-Iago em Portugal , Condestavel do Reino , casou com D. Beatriz filha do Infante D. João , seu Tio , de quem teve muitos filhos. D. Leonor , que foi casada com El-Rei de Portugal D. João II. , seu Primo coirmão. D. Isabel , que casou com D. Fernando , Duque de Bragança. D. Catharina , que morreo muito menina. D. João , que succedeo ao Duque seu Pai. D. Diogo , Successor de D. João , seu irmão. D. Duarte , que succedeo a D. Diogo. D. Simão , todos tres fallecidos no viçoso da mocidade , e sem filhos. D. Manoel , que foi Rei de Portugal por morte de D. João II. O Infante D. Fernando foi sepultado na Cidade de Beja no Mosteiro da Conceição , que edificou a Duqueza sua mulher.

O terceiro filho , que teve D. Duarte , foi D. Filippe , que morreo menino. D. Leonor , sua irmã , foi casada com Frederico III. , Duque de Austria , e depois Imperador , de quem descende toda a Augusta Casa de Austria. D. Catharina , que falleceo solteira , e estava desposada com o Principe de Navarra , e depois com El-Rei de Inglaterra ; porém a morte a levou , antes de chegar

gar a idade de casar nem com hum, nem com outro. Jaz sepultada no Mosteiro de Santo Eloi de Lisboa.

A Princeza D. Joanna, que casou com Henrique IV., Rei de Castella, chamado o Impotente. Deu á luz huma filha, a quem chamou Joanna. Affirmaõ os Castelhanos que esta Princeza era filha de Beltraõ de la Cueva, Conde de Ledesma, e que Henrique IV., vendo que era incapaz de ter filhos, movêra a Rainha, sua mulher, a ajuntar-se com Beltraõ seu valido para ter filhos, e tirar por esta via a seus vassallos todo o pretexto de rebellar-se. Mas ou seja assim, ou não, o que elle julgou que devia fazer para sua segurança, fô servio de apressar a sua ruina. Porque os Grandes de Castella não podendo soffrer os desabrimentos, e desmedido poder do valido do seu Rei, tomáraõ publicamente armas, e passou a tanto seu atrevimento que negáraõ a legitimidade de D. Joanna sua filha.

Esta a posteridade de El-Rei D. Duarte, cujo Reinado foi desditoso, posto que elle fosse hum Principe de grande merecimento. Era D. Duarte gentil homem, alto, e robusto; de rosto

redondo , barba cerrada , cabellos compridos , olhos vivos , e engraçados. Era além de generoso , galante , e amador da magnificencia , muito pio , muito justiceiro , e de muita capacidade para as Sciencias , as quaes cultivava , e protegia. Passava dias inteiros em ler livros de Poesia , e Filosofia , e tantos progressos fez n'huma , e n'outra , que compôz algumas obras , em que brilhava igualmente muito espirito , bom fiso , e erudição. O seu Tratado sobre a fidelidade , que se deve guardar no trato da amizade , tem cousas admiraveis. Este livro era muito estimado , assim como o que elle escreveo sobre a administração da Justiça , inteireza dos Juizes , e honras , que estes merecem , quando desempenhaõ dignamente as funcções do seu ministerio.

Se este Principe tinha gentís condições de espirito , não eraõ somenos suas qualidades corporaes. Era D. Duarte proprio para todos os exercicios , que requeriaõ forças , e astucia. Montava ligeiramente os cavallos mais altos , esporeava-os , e fazia-os parar no meio da carreira , manejando-os de toda a fôrte em torno de hum circulo ,

fem redea , nem fella , e na carreira do cavallo levantava do chaõ qualquer varinha , e tinha tanto conhecimento da natureza deste animal , que á instancia de seus Cortezãos compôz hum Poema sobre a arte de domar , e ensinar os cavallos. Era da mesma sorte excellente no exercicio das armas , e ninguem melhor que elle sabia jogar a espada , e brandir a lança. Tinha tal flexibilidade no corpo , que evitava todas as feridas , curvando-se com incrivel presteza , ou dobrando-se de ilharga , e ao mesmo tempo feria o adversario , que o julgava bem longe de si.

Fallava com tanta graça , que attrahia á sua opiniaõ todos os que o ouviaõ , ainda quando estavaõ acautelados, e resolutos a pensar o contrario , que elle. Estimava sobremaneira os que eraõ dotados do estimavel dom da eloquencia , buscava a sua companhia , tratava-os familiarmente , consultava-os nas materias mais difficultosas , e seguia de melhor vontade o seu parecer , do que o daquelles , a quem a natureza negára este singular dom.

Dava sempre boas mostras de distincção a João de Regras , e com o soccor-

corro deste sabio Juris-Consulto fez hum Codigo , que continha a explicaçaõ , e verdadeiro sentido de certas Leis , que se applicavaõ a materias muitas vezes oppostas.

Sua liberalidade naõ desmerecia á dos Monarcas seus Antecessores. Reflectindo todavia sobre as doações , que elles fizeraõ , e que lhe tinhaõ quasi estancado o seu patrimonio , ordenou que todas as Terras , Villas , e Lugares , que se tinhaõ desmembrado d'elle , fossem outra vez encorporados , no caso que seus possuidores actuaes morressem sem deixar filho varaõ , excluindo expressamente em virtude desta Ordenação as filhas da successão destes bens Reaes. Tinha o Imperador Galba publicado no seu tempo outra Ordenação como esta , e sem ir taõ longe , outro exemplo achava D. Duarte em sua propria familia. El-Rei seu Pai , para que o elegessem Rei , e depois para assegurar-se a Coroa , doou a varios particulares parte dos bens do Patrimonio Real ; mas logo que naõ teve que temer , e que se vio seguro no Throno , revogou parte destas doações , e limitou a posse da outra parte á vida sómente dos que estavaõ senhores della.

O que não ousáraõ de fazer nem Hugo Capet, nem seus Successores até Philippe Augusto, que dos Reis de França foi o primeiro, que houve a Coroa de França, como hereditaria. Porque em outro tempo era electiva, e dependia da eleição da Junta dos Estados. Para Hugo Capet assegurar a usurpação, que fizera desmembrou em certa maneira a Monarquia, e foi necessario que os Monarcas Francezes a pouco, e pouco se fossem restituindo á posse das Provincias, que tinhaõ doado aos Grandes do Reino a titulo de Soberania hereditaria. Fingio D. Duarte, que o Alvará, que publicava nesta occasião, não era seu, mas de seu defunto Pai, que ordenára que o publicassem, logo que elle acabasse seus dias. João de Regras foi o author principal deste Alvará, assim como o tinha sido do que El-Rei D. João I. publicára em sua vida, e foi tambem o primeiro, em quem se deo á execuçaõ. As doações, que El-Rei defunto lhe fizera, e que compunhaõ a maior parte dos seus bens, eraõ, quasi todas, terras do Patrimonio Real, e como só tinha huma filha, elle mesmo a desherdou, por assim dizer: mas El-Rei que-

querendo recompensallo dos serviços , que fizera ao Estado , dispensou-o da Lei.

Além dos filhos de D. Duarte , de que assima fizemos menção , dizem que elle tivera hum filho bastardo de huma mulher , cujo nome se ignora (*). Este Principe se chamou D. João Manoel , o qual passou a Africa , onde depois de affinalar-se com espantosas acções de prudencia , e valor , voltou para Lisboa a tomar o habito dos Carmelitas. Ha quem pretenda que depois fora eleito Bispo da Guarda , e de Ceuta , e que não obstante ser Religioso , Sacerdote , e Bispo , tivera filhos , dos quaes descende a Casa dos Manoeis em Portugal. Dizem tambem que na occasião da morte de El-Rei seu Pai houvera hum grande eclipse do Sol. Assim lavrava naquellas eras a ignorancia , que não faltou quem houvesse a morte de El-Rei por causa d'elle. Hoje que florecem as Artes , e Sciencias , e se tem desvanecido a ignoran-

(*) Pedro de Mariz diz que esta mulher fora D. Joanna Manoel , da nobilissima Casa dos Manoeis de Castella , Dama , e parenta da Rainha D. Leonor , mulher do mesmo Rei D. Duarte , que com ella viera de Aragoão.

rancia , e a superstição já não suffoca as luzes do espirito , a ninguém espantão estes phenomenos pouco extraordinarios. Sabidas são as causas , que os produzem , e ninguém ignora que procedem com a ordem estabelecida na natureza , sabendo todos que os Astros tanto se interessão no nascimento , e morte dos Reis , como no nascimento , e morte de qualquer homem particular.

Fim do Livro XI.



(*) Pedro de Mariz diz que esta mulher foi D. Joanna Manoel, a nobilissima filha dos Manos de Castella, Dama, e parenta da Rainha D. I.ª. not. mulher do mesmo Rei D. Duarte, que com ella vivea de Arago.

